



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ECONOMIA,
SOCIEDADE E POLÍTICA (ILAESP)

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMÉRICA
LATINA (PPG-ICAL)**

**SEMENTES DO BEM VIVER:
REDES DE SEMENTES LATINO-AMERICANAS REFLORESTANDO O
CORPO-TERRITÓRIO EM ABYA YALA**

ISABELLA LEONEL FERREIRA SARAIVA

Foz do Iguaçu
2026



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
INTEGRAÇÃO CONTEMPORÂNEA DA
AMÉRICA LATINA (PPG-ICAL)

***SEMENTES DO BEM VIVER:
REDES DE SEMENTES LATINO-AMERICANAS REFLORESTANDO O
CORPO-TERRITÓRIO EM ABYA YALA.***

ISABELLA LEONEL FERREIRA SARAIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina, na linha de Cultura, Colonialidade/ Decolonialidade e Movimentos Sociais, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Integração Latino-Americana.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca

Foz do Iguaçu
2026

Catálogo elaborado pelo Setor de Tratamento da Informação
Catálogo de Publicação na Fonte. UNILA - BIBLIOTECA LATINO-AMERICANA - CENTRAL

S243s

Saraiva, Isabella Leonel Ferreira.

Sementes do Bem Viver: redes de sementes latino-americanas reflorestando o corpo-território em Abya Yala /
Isabella Leonel Ferreira Saraiva. - Foz do Iguaçu, 2026.
161 fls.: il.

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e
Política (ILAESP), Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-
ICAL).

Orientador: Ana Silvia Andreu da Fonseca.

1. Sementes. 2. Ecologia política. 3. Agrobiodiversidade. 4. Sociologia rural. 5. Pesquisa-ação. I. Fonseca,
Ana Silvia Andreu da. II. Título.

CDU 631.95

ISABELLA LEONEL FERREIRA SARAIVA

***SEMENTES DO BEM VIVER:
REDES DE SEMENTES LATINO-AMERICANAS REFLORESTANDO O
CORPO-TERRITÓRIO EM ABYA YALA.***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina, na linha de Cultura, Colonialidade/ Decolonialidade e Movimentos Sociais, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Integração Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a.Dra. Ana Silvia Andreu da Fonseca
UNILA

Prof^a.Dra Lia Pinheiro Barbosa
UECE

Prof^a.Dra Izabela Fernandes de Souza
UNIOESTE

Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma Meneses
UNILA

Foz do Iguaçu, 26 de Março de 2026.

AGRADECIMENTOS

Peço licença, Agô, para expressar sentimentos que brotam com a força das sementes do bem viver.

Agradeço em referência a toda ancestralidade que se faz presente em cada palavra manifesta aqui, agradeço todos aqueles que sonharam esse momento.

Somos o sonho de nossos ancestrais e, já dizia Antonio Bispo dos Santos (2023), o colo da ancestralidade traz o conforto que precisamos. Nesse colo eu me recolho, ele me abraça e traz a força necessária frente aos desafios desse caos planetário.

Compreendo a dissertação como símbolo de uma formação, academicamente me tornar mestre, sabendo que das fontes que bebi ainda falta muito chão para um dia eu ser um pouco do que os mestres são. Honro assim toda trajetória, mas principalmente daquelas que vieram antes de mim e me permitem hoje realizar esse feito, mãe, avó e todas elas.

Agradeço minha mãe Solange, meu avô José, minha irmã Gabriela e meu padrasto Wagner, bem como minha madrinha Sandra e padrinho Décio, meus primos e primas queridos que, mesmo com as distâncias, nunca deixaram de acreditar em mim. Hoje vou ser a primeira pessoa da família com um título de mestre.

Agradeço a meu companheiro Felipe, que me acompanhou em diferentes momentos, foi fotógrafo das sementes e me apoia nas minhas andanças, plantios e transformações.

Agradeço à mamãe agustina do povo Misak, que é minha grande mestre iniciadora no caminho de cuidar da vida.

Agradeço à minha professora orientadora, pela parceria tão generosa nesse caminho, foram tantas trocas, referências, uma presença fundamental para que hoje essa dissertação nasça.

Aos professores da banca pelas orientações, Gerson Ledezma Meneses, Lia Pinheiro Barbosa e Izabela Fernandes de Souza, aos professores da qualificação Salvador Andres Schavelzon e Alexandre de Araujo.

Às sementes, que são os seres mais importantes deste trabalho, elas me encantam com sua diversidade de cores, tamanhos, formas, texturas, são uma verdadeira riqueza, são o presente, mas também são o amanhã, agradeço assim a

essa fonte de mistério e desejo. Que mais pessoas possam ver o mundo onde as sementes são vistas como nosso ouro mais precioso, pois é isso que elas são.

Vou citar aqui minhas sementes preferidas, minhas espécies companheiras, que sempre tem no meu bolso ou mochila: agradeço a doçura das sementes do milho, a força das sementes de tabaco, o amor das sementes de cacau, a sabedoria das sementes de cabaça, a proteção das sementes de ayruros e de olho de boi.

Quando agradeço às sementes, também agradeço aos povos indígenas, quilombolas, camponeses, ciganos e demais povos e comunidades tradicionais, pois a semente não existe sem seus guardiões, assim agradeço também aos animais humanos e não humanos que guardam as sementes, e demais seres dos ecossistemas que tecem a trama da vida, nos seus diferentes reinos.

Eu cheguei na tríplice fronteira após três anos viajando por Abya Yala. Em um círculo de palavras com Taita Alex, médico tradicional do povo Siona na Amazônia colombiana, ele me disse que eu deveria retornar à minha terra, que já havia caminhado o Capaq Nãñ e agora precisava voltar para o Peabiru. A flecha estava certa e quando conheci a UNILA e vi que ela estava localizada em um dos pontos da rota do Peabiru, os caminhos se abriram. Esse é meu caminho. Agradeço às visões que se cumprem e a sabedoria dos mais velhos e mais velhas, com eles me sento para aprender a cuidar da vida.

Amada UNILA, nossos sonhos e riqueza, fruto de muitas lutas, nuestra amada universidade, à qual eu desejo que siga florescendo e que seu projeto político transformador possa seguir tecendo uma ciência multicultural, que expanda nossos pluriversos, para resistirmos à cosmovisão dos ditos "civilizados". Agradeço toda a UNILA, o PPG-ICAL, seus professores, docentes, secretaria, meus companheiros de mestrado, e também agradeço ao projeto de extensão MILPA – Músicas y Danzas de Abya Yala. Agradeço às universidades públicas e todo movimento estudantil, a bolsa que obtive pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que foi essencial para que eu pudesse me dedicar à pesquisa.

Também agradeço aos aprendizados no trabalho com a Cooperativa de Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu (COAFFOZ). Conhecer de perto essa resistência da agricultura familiar em meio ao agronegócio do Oeste paranaense foi uma riqueza, assim agradeço ao grupo Eco-Iguaçu e à Rede EcoVida.

Aos amigos da RAOM, minha amiga de longa data Agustina, sua família que me acolheu em Buenos Aires e todas as nossas aventuras por Misiones,

agradecendo a COPA e Minka, aos amigos chakra Acauaphy e chakra padrinho Sebastião de Puerto Libertad, onde sempre que possível viajava para compartilhar e aprender sobre sementes e vida comunitária.

Na fronteira também agradeço o Tekoha Guarani Ocoy e sua resistência, bem como as trocas de sementes de tabaco e rodas de conversa na gravação do documentário sobre os cantos ancestrais Guarani.

Na primeira semana que estava em Foz, encontrei minha família Kaburé Maracatu, Gabi, Iza, Rodrigo, Mariu, Ayan, Karô, Thay, Anu, Rafa, Jhey, Line, Miguel, Zé entre tantos outros Batukerês, através deles conheci o Ilé Asé Baru, casa de candomblé Ketu, fundada pela yalorixá Mãe Edna de Baru, assim, agradeço imensamente cruzar esses caminhos e todo apoio, aprendizado e acolhimento que recebo dessa comunidade.

Agradeço ao Maracatu e toda cultura popular que me levou para Pernambuco, ao projeto do Kaburé Maracatu – Bebendo na Fonte, aprovado junto à Funarte no circuito de música Pixinguinha, esses saberes da cultura popular são uma riqueza e deslizam meu ser, por eles caminho. Assim, agradeço Olinda que me acolheu, onde pude viver por 2 meses, Fer, Greg, José e tantos amigos do Maracatu Nação Estrela Brilhante, Maracatu Nação Leão Coroado, mestre Iran Silva de Odé, Fabinho do Estrela, Musa e Baiana Rica. Agradeço o samba de coco, a ciranda, o frevo, o cavalo marinho, o boi e seus diferentes sotaques, todo esse carnaval diverso que nos é tão sagrado. Viva a generosidade dos mestres e mestras que resistem cultivando esses brinquedos ancestrais.

Assim agradeço à Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco (Rede SEMEAM), Guardiães de Sementes, pesquisadoras, bem como o povo Fulni-ô da aldeia de Águas Claras, na figura do Flishimayá, mestre que transcendeu no seu corpo físico mas que segue sendo mestre, e com o qual tive o prazer de aprender. Salve os encantados, salve a jurema sagrada, salve as sementes.

Agradeço à Bahia, minha grande mãe no ano de 2025, agradeço ao mestre Gilberto Gil, seus saberes fazem o que sou, e foi pelo show dele que fui à Bahia e depois não consegui mais sair. Agradeço a Salvador, as encruzilhadas, o sagrado, o profano, as aulas no Balé Folclórico da Bahia e a visita a tantos espaços históricos, de memória viva que colaboraram para enriquecer minha visão de mundo. A Bahia é como diz o mestre Mateus Aleluia, África do lado de cá. Agradeço à capoeira e à

vida na roça em Feira de Santana, onde cuidava das galinhas, plantava cabaça para os berimbaus e me esforçava muito pra aprender os saberes do Mestre Claudio e sua escola de capoeira de Angola. Agradeço ao mestre Claudio, Castanha, Jatobá, Sol e tantos outros capoeiras que me ensinam essa corporalidade.

Assim agradeço à Chapada Diamantina, meu lar por 7 meses, um presente da vida chegar nesse paraíso, agradeço toda comunidade que me acolheu, a Rayane, Hakan e José. Ao Horto Comunitário, ao mestre Santinho e mestre Marquinho, que tanto ensinam sobre as sementes e o território e a Rede de Sementes da Chapada Diamantina, essa escola em formação que me brindou uma dimensionalidade do desafio que é tecer uma rede. Ao povo Tapuya, agradeço à Guardiã Vanusa Tapuya. Ao povo Payaya, agradeço ao Otto Payayá, Jacy Payaya e Luciano Payaya da casa de Sementes Payaya. À teia dos povos, agradeço ao mestre Valmir, conhecido como Valmilho.

Assim, agradeço a todos meus amigos de diferentes partes que integram as redes de Colombia, Ecuador, Perú, Argentina. À Carol da Rede de Semillas Libres da Colômbia, ao Javier da Red Guardianes de Semillas Ecuador. Ao povo Misak agradeço a figura do Freddy Calambas e Mama Agustina, bem como minha amiga Giovanna, Guardiã de Sementes e das sabedorias do Bem Viver.

Ao Taita Jonh, minha madrinha Marisol, minha amiga Andressa pela parceria da vida, ao meu amigo e mestre Takiruna, Guardiã dos saberes da Terra. À Guardiã Inês Polidoro da Rede de Sementes Agroecológicas (Resa), ao movimento agroecológico, que tece uma rede de amigos por toda Abya Yala e mundo. Sou agradecida aos congressos brasileiros de agroecologia, seus espaços de troca sempre férteis, é como retomar à colmeia. Agradeço ao ciclo de estudos Selvagem, Ailton Krenak, Anna Dantes, Carlos Papa e Cristine Takuá.

Levo tantas memórias, levo uma mochila cheia de sementes *crioulas* e nativas para seguir nesse caminho de plantar o bem viver

Eu agradeço ao selvagem, à origem, que é o que nos faz cósmicos e diversos.

Aguyjévete!

*Somos gente semente
Somos gente semilla
La gente del amanecer
Que despierta la nueva conciencia.*

*Me decía una abuela “criollita mi hija”
Soy criolla, soy mestiza
Soy maíz arcoíris, ch'ixis.*

*Soy gente que come tierra
Soy suelo de maloca vieja
Donde sentamos con abuelos
Aprendiendo a cuidar de los senderos.*

*Soy Abya Yala, Pindorama
Tierra en madurez
Soy la sangre de mi pueblo
En una tierra hecha para sanar.*

*Por el camino rojo llevo mi corazón
Llevo la mochila llena de semillas criollas
Llevo el peso de ser libre
Y la fuerza de ser nativa.*

(Autoria própria, *Ofrenda a la tierra*, janeiro, 2022).

RESUMO

É possível plantar o Bem Viver? Esta dissertação nasce do encontro entre sementes, guardiãs e redes em Abya Yala, em sua parte também conhecida como América Latina. As sementes aqui são compreendidas como bem comum e patrimônio biocultural, guardiãs do futuro ancestral e de mundos possíveis, capazes de reflorestar o Corpo-Território. O avanço do agronegócio e sua agricultura capitalista — herdeira do patriarcado e do colonialismo — opera através da lógica do monocultivo e do neoextrativismo, com o uso de transgênicos, agrotóxicos, maquinários agressivos e práticas de biopirataria, que reproduzem uma estética de guerra, sendo parte fundante da crise climática e sistêmica. Em disputa com essa lógica, emergem Redes de Sementes. Essas redes articulam camponeses, povos indígenas, quilombolas, e outros Povos e Comunidades Tradicionais (PCT), tecendo práticas e teorias que afirmam um Bem Viver e promovem modelos de agricultura agroecológica, retomando a cooperação multiespécies em uma lógica regenerativa, coletiva e sustentável. A pesquisa evidencia experiências no Brasil, Colômbia, Argentina e Equador, e se apoia na Investigação-Ação Participativa, articulando história oral, entrevistas, formulários, estudos de caso e vivências, além do apoio na construção de projetos coletivos. Tem como principal referencial a teoria social crítica latino-americana, com foco na Ecologia Política, e o ecofeminismo como conceito-chave. O objetivo é compreender a cosmopolítica que fundamenta as Redes de Sementes, bem como a centralidade das sementes nativas e crioulas para transições ecossociais, evidenciando estratégias de redes que promovem soberania e autonomia alimentar e territorial, justiça socioambiental, restauração de ecossistemas e proteção da sociobiodiversidade, disputando espaço com a lógica hegemônica de destruição e controle da vida que historicamente atinge o Sul Global. A análise, de caráter qualitativo, buscou identificar e mapear universalidades, particularidades e pluralidades em diferentes redes da América do Sul. Como resultado, foram identificadas tecnologias contracoloniais desenvolvidas e/ou mobilizadas por guardiãs e redes, como muvuca, feiras de sementes, mutirões, casas de sementes, plantas-mãe, bem como a própria lógica da atuação em rede e fortalecimento da agroecologia, que permite a multiplicação das Sementes do Bem Viver.

Palavras-chave: Sementes. Redes. Agroecologia. Corpo-território. Bem Viver. Abya Yala

ABSTRACT

Is it possible to plant Buen Vivir? This dissertation is born from the encounter between seeds, guardians, and networks in Abya Yala, in the region also known as Latin America. Here, seeds are understood as a Common Good and Biocultural Heritage, guardians of the ancestral future and of possible worlds, capable of reforesting the Body-Territory. This encounter stands in contrast to the advancement of agribusiness and its capitalist agriculture — heir to patriarchy and colonialism — which operates through the logic of monoculture and neo-extractivism, utilizing transgenics, pesticides, aggressive machinery, and biopiracy practices that reproduce a wartime aesthetic, constituting a foundational part of the climate and systemic crisis. In dispute with this logic, Seed Networks emerge. These networks articulate peasants, Indigenous peoples, quilombolas, and other Traditional Peoples and Communities (TPC), weaving practices and theories that affirm a Buen Vivir and promote agroecological agriculture models, reclaiming multi-species cooperation within a regenerative, collective, and sustainable logic. The research highlights experiences in Brazil, Colombia, Argentina, and Ecuador, and relies on Participatory Action Research, combining oral history, interviews, forms, case studies, and lived experiences, alongside supporting the construction of collective projects. Its main theoretical framework is Latin American critical social theory, focusing on Political Ecology, with ecofeminism as a key concept. The objective is to understand the cosmopolitics that underpin Seed Networks, as well as the centrality of native and crioula seeds for eco-social transitions, highlighting network strategies that promote Food and Territorial Sovereignty and Autonomy, Socio-Environmental Justice, ecosystem restoration, and the protection of Sociobiodiversity, contesting space with the hegemonic logic of destruction and life control that has historically impacted the Global South. The qualitative analysis sought to identify and map universalities, particularities, and pluralities across different networks in South America. As a result, contracolonial technologies developed and/or mobilized by guardians and networks were identified — such as the muvuca, seed fairs, mutirões, seed houses, mother-plants — as well as the very logic of networking and strengthening agroecology, which enables the multiplication of the Seeds of Buen Vivir.

Key words: Seeds; Networks. Agroecology. Body-territory. Buen Vivir. Abya Yala.

RESUMEN

¿Es posible plantar el Buen Vivir? Esta disertación nace del encuentro entre semillas, guardianas y redes en Abya Yala, en su parte también conocida como América Latina. Las semillas aquí son comprendidas como un Bien Común y Patrimonio Biocultural, guardianas del futuro ancestral y de mundos posibles, capaces de reforestar el Cuerpo-Territorio. Este encuentro se da frente al avance del agronegocio y su agricultura capitalista — heredera del patriarcado y del colonialismo — que opera a través de la lógica del monocultivo y del neoextractivismo, con el uso de transgénicos, agrotóxicos, maquinarias agresivas y prácticas de biopiratería, reproduciendo una estética de guerra y constituyendo parte fundante de la crisis climática y sistémica. En disputa con esta lógica, emergen Redes de Semillas. Estas redes articulan campesinos, pueblos indígenas,

quilombolas y otros Pueblos y Comunidades Tradicionales (PCT), tejiendo prácticas y teorías que afirman un Buen Vivir y promueven modelos de agricultura agroecológica, retomando la cooperación multiespecies en una lógica regenerativa, colectiva y sustentable. La investigación evidencia experiencias en Brasil, Colombia, Argentina y Ecuador, y se apoya en la Investigación-Acción Participativa, articulando historia oral, entrevistas, formularios, estudios de caso y vivencias, además del apoyo en la construcción de proyectos colectivos. Tiene como principal referente la teoría social crítica latinoamericana, con foco en la Ecología Política, y el ecofeminismo como concepto clave. El objetivo es comprender la cosmopolítica que fundamenta las Redes de Semillas, así como la centralidad de las semillas nativas y criollas para las transiciones ecosociales, evidenciando estrategias de redes que promueven Soberanía y Autonomía Alimentaria y Territorial, Justicia Socioambiental, restauración de ecosistemas y protección de la Sociobiodiversidad, disputando espacio con la lógica hegemónica de destrucción y control de la vida que afecta históricamente al Sur Global. El análisis, de carácter cualitativo, buscó identificar y mapear universalidades, particularidades y pluralidades en diferentes redes de América del Sur. Como resultado, se identificaron tecnologías contracoloniales desarrolladas y/o movilizadas por guardianas y redes, como la muvuca, ferias de semillas, mutirões, casas de semillas, plantas madre, así como la propia lógica de la actuación en red y el fortalecimiento de la agroecología, que permite la multiplicación de las Semillas del Buen Vivir.

Palabras clave: Semillas. Redes. Agroecología. Cuerpo-territorio. Buen Vivir. Abya Yala

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Muvuka de sementes e cabaça.....	22
Figura 2 - Saramama, Comunidade Chahuaytire e Ateliê de Takiruna.....	49
Figura 3 - Feira de Sementes em Misiones (AR).....	97
Figura 4 - Trocas de sementes no 13º (CBA).....	99
Figura 5 - Casa de Sementes Minka Semillera e guardiã de sementes.....	102
Figura 6 - Muvuka de sementes no 12º (CBA).....	105
Figura 7 - Atividade de educação ambiental no Horto Comunitário.....	112
Figura 8 - Sementes, mudas e bombas de semente no Horto Comunitário.....	114
Figura 9 - Mutirão de Restauração Ambiental no Vale do Capão (BA).....	116
Figura 10 - Cartografia dos nomes das sementes em Abya Yala.....	118
Figura 11 - <i>Avati</i> , milho guarani Museu das Culturas Indígenas <i>Hendu Porã'raã, escutar com o corpo</i> (2023).....	123

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Redes de sementes consideradas na pesquisa.....	22
Quadro 2 – Ferramentas metodológicas utilizadas.....	30
Quadro 3 – Percursos de campo, redes e objetivos metodológicos da pesquisa.....	36
Quadro 4 – Sementes em disputa: comparação entre OGM e sementes.....	44
Quadro 5 – Redes de sementes – Características gerais.....	87
Quadro 6 – Cartografia dos nomes das sementes em Abya Yala.....	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Concentração das 9 maiores empresas do mercado de OGM.....	60
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASA** – Articulação do Semiárido Brasileiro
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CBA** – Congresso Brasileiro de Agroecologia
- CMAVC** – Comissão de Meio Ambiente do Vale do Capão
- COAFFOZ** – Cooperativa de Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu
- COPA** – Cooperativa de Producción Agroecológica
- CSA** – Comunidade que Sustenta a Agricultura
- FAO** – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
- IAP** – Investigação-Ação Participativa
- ICMBio** – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- IFSP** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
- ILAESP** – Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política
- INASE** – Instituto Nacional de Semillas (Argentina)
- MAELA** – Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe
- MINKA** – Semillas Agroecológicas – Minka Semillera
- MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
- ODS** – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
- OGM** – Organismo Geneticamente Modificado
- ONU** – Organização das Nações Unidas
- PAA** – Programa de Aquisição de Alimentos
- PCT** – Povos e Comunidades Tradicionais
- PNAE** – Programa Nacional de Alimentação Escolar
- PPG-ICAL** – Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina
- SAF** – Sistema Agroflorestal
- SOF** – SempreViva Organização Feminista
- SPG** – Sistema Participativo de Garantia
- UNAL** – Universidad Nacional de Colombia
- UNILA** – Universidade Federal da Integração Latino-Americana
- UPOV** – União Internacional para a Proteção das Obtenções Vegetais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – Sentipensar com as sementes de Abya Yala	12
1.1. Justificativa e relevância da pesquisa	18
1.2. Objetivo e Objetivos específicos	21
2 MUVUKA METODOLÓGICA – Pesquisa-ação participante	22
2.1. Terra fértil – Fundamentação teórica e bases para pesquisa	25
2.2. Como plantar – Posicionamento epistemológico-político e metodologias	28
2.3 Ciclos da Muvuka – Percursos da pesquisa e do Corpo-Território	32
3 CAMINHOS DAS SEMENTES – Estado da arte	39
3.1. Sementes da vida e semeadores de morte: mundos em disputa	42
3.2. Sementes ancestrais: ciência, memória e tecnologia dos povos	47
3.3 A colonização dos corpos-territórios: Plantation, Capitaloceno e Faloceno	51
3.4. Mulheres da Terra em Abya Yala: sementes de resistência	56
3.5. Revolução Verde: desenvolvimento pra quem?	58
3.6. Digitalização da agricultura, novas roupas do velho monocultivo	60
3.7. A colonização das sementes, justiça ambiental e novo constitucionalismo latino-americano	63
4. REDES DE SEMENTES EM ABYA YALA – Reflorestando o Corpo-Território	68
4.1. Movimentos de sementes e redes de sementes	70
4.2. Conhecendo as diferentes redes de sementes	72
4.3. Redes de Sementes de Abya Yala – Caminhos entres Redes de Brasil, Argentina, Equador e Colômbia	78
4.3.1.Travessias entre redes de sementes nativas do Brasil	79
4.3.2. Argentina	82
4.3.3. Colômbia	83
4.3.4. Equador	85
4.4. Redes de sementes na restauração dos corpos e territórios	87
5 SEMENTES DO BEM VIVER – Encantos que plantam o futuro-ancestral	90
5.1.Tecnologias Contracoloniais das Guardiãs e Redes de Sementes	94
5.1.1. Feiras de sementes – celebrações, encantos e circularidade	95
5.1.2.Troca ou trueque de sementes - economias da reciprocidade	99
5.1.3. Casas comunitárias de sementes	101
5.1.4. Muvuca de gente e de semente	104
5.1.5. Plantas-mãe: plantas mestras e sementes de origem.	106
5.2. Entre Mingas e Mutirões – Trabalho coletivo, produção do comum e breve relato de IAP	110
5.3. Cartografia dos nomes das sementes do Bem Viver em Abya Yala	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	130
APÊNDICE - GLOSSÁRIO DE TERMO - SEMENTEIRA	144

1 INTRODUÇÃO – Sentipensar com as sementes de Abya Yala

Semear em espiral é lembrar como nascemos, somos como as sementes, começam a brotar, a crescer, dá a primeira flor, a semente, e ela morre, é uma representação do caminho da vida. Deixe as sementes e volte à terra, sempre pensando neste princípio da espiral de aprender, crescer, compartilhar.

Freddy Calambás (2021 apud SARAIVA, 2022, p. 65)

Plantamos a semente de origem. Semente¹ que é princípio, origem, memória, a comunicação entre os mundos. Esse saber, apesar de esquecido por grande parte do Ocidente, permanece vivo para muitas culturas originárias, como é o caso do povo Misak, que vive nas montanhas andinas do Cauca, na Colômbia. Para eles, o tempo é em espiral e o ciclo da semente é um reflexo da existência; assim, eles escolhem plantar retomando o princípio da circularidade, rompendo a separação, buscando ser "natureza" com seus ciclos, eternos retornos, para lembrar que somos como as sementes, espiralando na existência: vida, morte, vida.

Em espiral, vamos retomar os saberes evocados por esse símbolo biocultural: a semente. Como pontuam Luciana Nogueira Nóbrega e Lia Pinheiro Barbosa (2024, p. 155): "O patrimônio biocultural representa a materialização de modos de vida de diferentes povos e comunidades tradicionais". Assim, o símbolo da semente traz uma história animal e vegetal, a biodiversidade que caminha junto aos povos da terra, tecendo relações multiespécies, costurando a ilusão da separação e fortalecendo a cooperação.

A construção dessa pesquisa brota de uma relação teórica e prática: faz parte da minha formação política e profissional dentro das universidades, mas também junto aos movimentos sociais de luta pela terra, retomando os saberes da minha ancestralidade que vem do campo, cruzada em fronteiras afroindígenas, partindo de um corpo de mulher periférica, que ousou caminhar por diferentes territórios de Abya Yala. Em 2019, cruzei minha primeira fronteira, atravessando a floresta amazônica do Estado do Acre para chegar nos Andes peruanos, no Vale Sagrado dos Incas, e

¹ Para acompanhar a leitura desta dissertação, apresento o Glossário Sementeira, localizado no apêndice deste trabalho. Ele reúne os conceitos epistêmicos e políticos que sustentam este caminhar, sendo um espaço onde as categorias centrais aqui discutidas germinam seus significados. Convido o(a) leitor(a) a recorrer a este espaço sempre que desejar conhecer as raízes dos saberes aqui compartilhados.

desde então não parei.

Através do Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL), na linha de Cultura, Colonialidade/Decolonialidade e Movimentos Sociais, esta pesquisa se fortaleceu com as contribuições do programa e da linha, que valoriza a teoria social latino-americana, que se baseia em saberes originários e tradicionais, como o Bem Viver, na diversidade de povos e culturas, na biodiversidade do continente, e na decolonialidade – ou, hoje, contracolonialidade, para usar um termo caro a Bispo dos Santos – já que a América Latina apresenta ainda problemas advindos da colonização. Mais sobre o programa pode ser conferido em *Vista da Cultura: Olhares sob a perspectiva do ICAL e a Linha de Pesquisa Cultura, Colonialidade/Descolonialidade e Movimentos Sociais* (Guanaes; Meneses, 2026).

Buscando aprender das memórias de resistências e tecendo redes para fortalecer um Bem Viver e reflorestar o Corpo-Território, sou aprendiz dessas terras e povos. Sentipensando² o caminho e sonhando em seguir tecendo laços com os territórios e seus povos, observei que as sementes do Bem Viver sempre estiveram presentes, do seu sentido simbólico ao sentido literal. Todos os povos e comunidades tradicionais, os quais tive a oportunidade de encontrar no caminhar, têm uma profunda e diversa relação com as sementes.

Escolhemos chamar de Sementes do Bem Viver em um sentido multidimensional que evoca o sentido material e imaterial dos seres sementes, que expressam o Bem Comum, contendo a memória e a história dos povos e sua relação com a vida – levando semente, eu levo minha gente – pois junto com as sementes são guardados modos de vida, expressões da tecnologia ancestral, dialogando com Izabela Fernandes de Souza (2025). E nesta pesquisa são nomeadas como tecnologias contracoloniais, na confluência que referencia o pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023).

No contexto latino-americano, redes comunitárias e guardiãs de sementes nativas e crioulas tecem alternativas ao modelo hegemônico, articulando práticas agroecológicas, saberes ancestrais e processos de soberania e autonomia alimentar e territorial. A agroecologia que emerge dessas redes não é a mesma que circula nos documentos técnicos do Norte Global. Como demonstram Peter Michael Rosset,

² “Sentipensar” é um termo definido por Orlando Fals Borda (2009) a partir da união do sentir e do pensar humanos.

Lia Pinheiro Barbosa, Valentín Val e Nils McCune (2021), existe uma agroecologia especificamente latino-americana, enraizada no Pensamento Crítico Latino-Americano — de Martí a Fals Borda — que articula territórios, anticapitalismo e diálogo de saberes.

Com essa ótica “desde abajo”, pelos movimentos sociais junto aos mestres e mestras que disputam tanto o latifúndio da terra quanto o latifúndio da mente, compreendemos as guardiãs e os guardiões de sementes como sujeitos políticos coletivos, que salvaguardam as sementes como bens comuns e plantam o Bem Viver. O reconhecimento das guardiãs nasce do profundo enraizamento com sua comunidade e território, constituindo uma função de reconhecimento coletivo e de notório saber.³ Como nos ensina o mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), são os mestres e mestras que compartilham e movimentam a confluência que faz o saber crescer em comunidade.

Nesta pesquisa, adotaremos com mais frequência o termo guardiãs de sementes, para homenagear as mulheres, sem deixar de valorizar o papel de homens e dissidências de gênero, que também resistem e corporificam a vida para além dos binarismos coloniais homem/mulher, como afirma a nigeriana Oyèrónké Oyèwùmí (2021). Escolhemos visibilizar as mulheres, pois essa é uma função historicamente relacionada ao corpo feminino, como relatado em diversos estudos e frentes de luta da Vía Campesina e das formulações ecofeministas de Vandana Shiva (1991), bem como os estudos de Claudia Korol (2016) sobre feminismo comunitário territorializado em Abya Yala.

Como observa Arturo Escobar (2014, p. 78): “As lutas por território são lutas pela defesa dos muitos mundos que habitam o planeta, pela defesa do pluriverso”. É nesse horizonte que se insere esta pesquisa, buscando compreender como redes de sementes em diferentes territórios de Abya Yala expressam e cultivam o Bem Viver, entendido como princípio político-ético-ecológico de interdependência, reciprocidade e soberania, segundo Alberto Acosta (2016). Cada território é único, guardando modos de vida, por isso a luta pela terra é a matriz das lutas, pois é a terra-mãe que sustenta pluriversos.

³ Conjuntamente, o Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL) e o Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), ambos da UNILA, têm atribuído o título de doutor/a por notório saber a personalidades que provaram ter ampla atuação de luta e resistência no continente, como indígenas e quilombolas que, dentre outras ações, têm salvaguardado cosmovisões, patrimônios bioculturais e etno-biodiversidade.

Sementes do Bem Viver é uma pesquisa que nasce no chamado antropoceno, como argumenta Anna Lowenhaupt Tsing (2019, p.23): “Nosso tempo é o ‘Antropoceno’, a era da perturbação humana”, também conhecido como Capitaloceno, conforme Jason William Moore (2016), a partir de uma perspectiva ecofeminista: Faloceno (La Danta Las Canta, 2017). Seguindo essa perturbação, nas margens do colapso, surgem ervas daninhas, as sementes aladas, que voam e escolhem brotar em meio ao asfalto. Frente ao atual contexto de alarme ecossocial, segundo Immanuel Wallerstein (2006), vivemos uma crise sistêmica⁴ do atual sistema-mundo capitalista, moderno, colonial e patriarcal, conceito que usamos para compreender as diferentes formas de colonialidade “do poder, do saber, do ser, da natureza e do gênero”, de acordo com as reflexões de Senilde Guanaes e Gerson Menezes (2016, p. 4).

No decorrer da pesquisa observamos redes do Brasil, Argentina, Equador e Colômbia, apoiando-nos na reflexão de Maristella Svampa (2010), compreendendo os movimentos sociais na América Latina, e refletindo as “matrizes político-ideológicas das redes de sementes, observando que estas refletem uma ‘nova’ narrativa autonomista” (Svampa, 2010, p. 12), que dialoga com outras linhas, tanto de movimentos indígenas, quanto de movimentos partidários da esquerda tradicional, mas se destaca justamente por serem articulações autônomas, soberanas conectadas com os territórios. Segundo a guardiã de sementes, Giovanna Andrea Landazabal Cuervo (2025, entrevista, tradução nossa)⁵: “para ser guardiã de sementes é preciso estar no território. Meu processo foi buscar terra para poder me afirmar verdadeiramente”.⁶ Assim, defender a demarcação de territórios indígenas e de Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), bem como a reforma agrária, é parte essencial da luta pela proteção de sementes. Sem território, não há forma de guardar as sementes.

Sem sementes não existem guardiões, e sem guardiões não existem sementes. Nossa reflexão é em conjunto aos povos indígenas, camponeses,

⁴ “Estamos vivendo uma crise sistêmica que só pode ser resolvida com alternativas sistêmicas. O que a humanidade enfrenta não é apenas uma crise ambiental, econômica, social, geopolítica, institucional ou civilizatória. Todas essas crises são parte de um todo. É impossível resolver uma dessas crises sem abordar as outras em seu conjunto. Cada uma dessas crises está se retroalimentando das demais. As estratégias unidimensionais são incapazes de resolver esta crise sistêmica e, pelo contrário, correm o grave risco de agravá-la” (Solón, 2017, p. 7, tradução nossa).

⁵ Sempre que houver referência a “entrevista”, refere-se à coleta de dados desta pesquisa.

⁶ No original: “Para ser guardiana de semillas hay que estar en el territorio. Mi proceso fue buscar tierra para poder afirmarme verdaderamente”.

quilombolas, agricultores urbanos, ativistas e diferentes Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) que compõem as Redes de Sementes, com suas tecnologias contracoloniais, buscando conhecer as epistemologias políticas por trás das organizações que expressam o Bem Viver e impulsionam transições agroecológicas e regenerativas dos corpos e territórios.

O Corpo-Território é um conceito teórico-político e uma escolha metodológica desta pesquisa, que nasce do feminismo comunitário indígena de Abya Yala, como referenciam Lorena Cabnal (2010) e Sandra Benites (2023). O conceito expressa a indissociabilidade entre o corpo humano, sobretudo das mulheres, e os territórios. Segundo afirma o Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (2017, p. 4, tradução nossa): "o corpo é o primeiro territorio que habitamos e desde o qual nos relacionamos com o mundo".⁷ Nessa perspectiva as redes de sementes reflorestam o Corpo-Território, "reflorestar" faz referência à Marcha das Mulheres Indígenas, que segundo Janaína Betto (2022), é um conceito político central, que pode ser observado na Carta dos Corpos-Territórios, documento oficial da IV Marcha das Mulheres Indígenas organizada pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA).

Para este trabalho, adotamos uma postura política quanto à citação de autoras e autores: nas primeiras menções, apresentamos os nomes completos como forma de evidenciar, demarcar o gênero e reconhecer suas trajetórias. Além disso, linhas teórico-políticas e conceitos que estruturam este sentipensar — como Bem Viver, Corpo-Território, Ecologia Política Latino-Americana e Novo Constitucionalismo Latino-Americano — são grafados em iniciais maiúsculas ao longo do texto, conferindo-lhes o devido destaque como categorias de análise política.

Das práticas ancestrais e dos movimentos sociais foram nascendo metodologias que nutrem esta pesquisa, que é filha de um caminhar conjunto aos povos e territórios: apoiamo-nos na pesquisa-ação participativa e história oral, inspirada em Orlando Fals Borda (2009) e Silvia Rivera Cusicanqui (2010). Os procedimentos metodológicos serão detalhados em capítulo próprio. A partir de um olhar da Ecologia Política Latino-Americana, que, como afirma Gabriela Merlinsky (2013), demonstra que toda questão ecológica é também uma questão política e de

⁷ No original: (2017, p. 4), "el cuerpo es el primer territorio que habitamos y desde el cual nos relacionamos con el mundo"

poder, dada a complexidade da temática. Também partiremos de uma compreensão interseccional, que observa a sociedade patriarcal, colonialista, capitalista e antropocêntrica.

Mesmo diante de toda essa marafunda colonial, que a mais de 500 anos enfrentam os povos de Abya Yala, a resistência e os saberes continuam. Abya Yala é o nome que adotamos para esta pesquisa, como sinônimo de América, que em resumo significa “Terra madura ou plena”, “Terra viva” ou “Terra em florescimento”, conforme Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006). Trata-se de uma palavra do idioma do povo Kuna, do atual país Panamá, e representa o levante de movimentos sociais latino-americanos que buscam reivindicar pertencimento e identidade de nossa América, embora também existam muitos outros nomes para esse reencontro epistêmico-político – como Tawantinsuyo, Anahuac, Pindorama, ou, como proposto pela intelectual Lélia Gonzalez (1988), Améfrica e Ladino Améfrica.

O tecido com redes de sementes crioulas e nativas em Abya Yala é ancestral e revela essa trama milenária das resistências comunitárias. Sempre existiram trocas entre os povos mesmo antes da chegada dos colonizadores, como mostram os estudos do grande Peabiru e Qhapaq Ñan sistematizados por Beatriz Ferreira Sacagni (2021, p. 15) e a pesquisa do arqueólogo Eduardo Góes Neves (2012), que mostra a diversidade agrícola milenária e o fato de que Amazônia, Mata Atlântica e outros biomas são verdadeiros bosques plantados pelos povos originários, criando uma paisagem multiespécies, como defendido também por Tsing (2015), uma relação fértil entre seres humanos e sua conexão com os territórios, uma simbiose entre ser e vida, que resultou em biomas diversos.

Optamos pelo termo “vida” em substituição a conceitos como “natureza” ou “meio ambiente”, compreendendo que tais nomenclaturas podem carregar vieses antropocêntricos e coloniais que apartam o ser humano do ecossistema ao qual pertence. Essa fragmentação ocidental contrasta radicalmente com as cosmovisões ancestrais, uma vez que, para os povos originários de Abya Yala, antes da invasão colonial, conforme argumenta Gerson Galo Ledezma Meneses (2020, p. 52), “não existia até 1492 distinção alguma entre homens e mulheres, entre objetos e sujeitos, entre homens/mulheres e animais”. Desse modo, a existência se dava a partir de uma profunda indissociabilidade entre as pessoas, as plantas e os animais, integrando tudo em uma única teia viva.

As redes de sementes trazem consigo tecnologias contracoloniais que

revelam o Bem Viver: práticas cotidianas de cuidado, reciprocidade e resistência que apontam para outro modo de habitar a Terra.

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro apresenta a introdução, a justificativa e os objetivos da pesquisa. O segundo capítulo: Muvuka Metodológica, detalha os fundamentos teóricos, o posicionamento epistemológico-político e os percursos de campo em Abya Yala. O terceiro capítulo: Caminhos das Sementes, percorre o estado da arte: dos mundos em disputa e das sementes ancestrais às ofensivas do Capitaloceno, da Revolução Verde e da digitalização da agricultura, até os marcos do novo constitucionalismo latino-americano. O quarto capítulo mapeia as redes de sementes no Brasil, Argentina, Colômbia e Equador, suas tecnologias contracoloniais e formas organizativas de reflorestamento dos corpos-territórios. O quinto capítulo aprofunda as Sementes do Bem Viver: feiras, trocas, casas comunitárias, muvucas, plantas-mãe, mingas e mutirões integrando também a cartografia dos nomes das sementes em Abya Yala. As Considerações Finais retomam a raiz desta pesquisa: é possível plantar o Bem Viver? à luz dos achados empíricos e teóricos e questões para próximas atuações.

Assim, esta pesquisa é fruto desse tempo de crise, mas também é fruto dessa ancestralidade que tece rede e guarda sementes para plantar o Bem Viver. Em conjunto aos povos da terra vamos descobrir as sementes que fazem brotar um caminho para um futuro-ancestral, como argumenta Ailton Krenak (2022), em que a produção de alimentos cria abundância, refloresta os corpos e territórios dos seres viventes no organismo Terra, capaz de regenerar as formas degradantes de produção e reprodução da vida.

1.1. Justificativa e relevância da pesquisa

Diante do avanço do agronegócio e sua monocultura, que caminha com a digitalização da agricultura, a biocolonialidade⁸ das sementes, o uso de agrotóxicos

⁸ “O termo biocolonialidade ressignifica sob outro contexto a noção de “colonialidade do poder” do sociólogo peruano Aníbal Quijano. Enquanto abordagem teórica, propõe o entroncamento entre a ecologia política e o programa de investigação modernidade/colonialidade. Se a noção proposta por Quijano denota a colonialidade como um padrão de poder articulado em torno da ideia de raça que produz subjetividades e exerce um controle do trabalho e do território, a biocolonialidade enfatiza a produção de naturezas no contexto de uma das manifestações do capitalismo contemporâneo” (Cajigas-Rotundo, 2007, p. 60, tradução nossa).

e sua lógica de violência sobre os corpos-territórios – que evidencia um conflito ontológica contra a vida, conforme apontam Escobar (2014) e Barbosa (2020), compreende-se o corpo da Terra como nosso corpo, bem como o corpo das sementes que são afetadas pela lógica da monocultura. Segundo Sandra Benites (2023, p. 16):

É por isso que cada indígena demarca o seu território, porque a luta pela questão do território é para garantir e continuar garantindo o seu processo de conhecimento, que tem a ver com o espaço-território. Da sua relação, seu corpo, teko, seu Corpo-Território.

Quando falamos de demarcação de territórios, reforma agrária e políticas de distribuição de terras também estamos falando de defesa e proteção de sementes, bem como da lógica do sistema de reprodução colonial, pois os corpos mais afetados por essa violência do agronegócio e do neoextrativismo, são povos originários, camponeses, quilombolas, ribeirinhos e demais Povos e Comunidades Tradicionais (PCT), em sua maioria sujeitos racializados, expressando que a lógica da monocultura é reprodutora do racismo ambiental⁹.

Segundo Tsing (2019), o agronegócio mantém um molde colonial advindo do sistema *plantation*, isso reflete no modo como tratamos a semente, sendo ela o primeiro elo na agricultura. Em contexto de intensificação da lógica dos organismos geneticamente modificados (OGM) e da financeirização e digitalização da agricultura, as sementes são atualmente um território em disputa, como colocado por Shiva (2003) na obra *Monoculturas da Mente*. Por outro lado, experiências comunitárias demonstram que as sementes crioulas e nativas são tecnologias ancestrais centrais para a transição ecológica, justiça climática e soberania alimentar.

A partir dessa perspectiva, Nathalia Hernández Vidal e Laura Gutiérrez Escobar (2019, p. 52) destacam como o movimento transnacional La Vía Campesina define soberania alimentar: "o direito de todos os povos e nações de determinar seus próprios sistemas alimentares". De acordo com o movimento, essa autonomia deve ser exercida de forma social, ambientalmente justa e sustentável, livre da subordinação às corporações do agronegócio, às organizações multilaterais e ao sistema financeiro global.

⁹ Segundo Robert Doyle Bullard (2000, p. 1, tradução nossa), "as populações não-brancas (afroamericanos, latinos, asiáticos, povos das ilhas do Pacífico e povos indígenas americanos) têm sofrido, de modo desproporcional, danos causados por toxinas industriais em seus locais de trabalho ou nos bairros onde moram".

A propagação dos OGM, conhecidas como sementes transgênicas, e seu conjunto de práticas, que funcionam como um pacote – agrotóxicos, sementes e fertilizantes –, que escraviza os agricultores em uma dependência das transnacionais do agro, como expressa Larissa Mies Bombardi (2023) em *Colonialismo químico*.

Essa lógica colonial que provocou a perda de um quarto da biodiversidade, além de estar relacionada com o agravamento de sete dos nove problemas que agravam os “limites planetários¹⁰”, segundo o Katherine Richardson e coautores (2023), mostra que a Terra já excede seis dos nove limites planetários com forte contribuição de modelos agrícolas intensivos e homogêneos que impulsionam desmatamento, erosão da biodiversidade e desequilíbrios biogeoquímicos.

A questão agrária na América Latina é central. A exploração da terra e dos povos está desde o princípio da invasão colonial, assim este estudo perpassa uma discussão crítica sobre a atual forma que fazemos agricultura e nos relacionamos com a vida. Por isso são necessários estudos que evidenciem as alternativas sistêmicas, construídas pelos movimentos sociais, como o caso do trabalho feito pelas redes de sementes, que questiona o modelo de agricultura capitalista realizada pelo agronegócio, retomando ferramentas contracoloniais para salvaguardar as sementes e fortalecer os saberes dos povos originários, os povos tradicionais e a práxis dos movimentos sociais.

As redes de sementes se tornam uma urgência por trazer soluções a grandes problemas do atual sistema, sendo relacionada diretamente com quatro dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 (ONU, 2015)¹¹, além disso foi declarada pela (ONU, 2021) a Década da Restauração de Ecossistemas (2021-2030), um chamado global para a urgência da restauração ambiental ainda nesta década. Esse trabalho busca tensionar as agendas globais,

¹⁰ Sete dos nove limites planetários estão diretamente relacionados ao sistema industrial corporativo de produção de alimentos, em que os transgênicos são seu paradigma central, estão relacionados com o atual modelo de agricultura. São eles: mudança climática, perda de biodiversidade, acidificação dos oceanos, poluição e esgotamento da água doce, erosão do solo, quantidades excessivas de fósforo e nitrogênio lançados nos mares, e solos e poluição química (Richardson et al, 2023).

¹¹ “ODS 2: Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável; ODS 6: Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água e do saneamento para todos; ODS 12: Garantir padrões sustentáveis de consumo e produção; ODS 15: Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação e travar e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade” (ONU, 2015).

prezando pela autonomia e soberania dos territórios, buscamos somar na disputa desse espaço propondo um diálogo para tecer entre os diferentes agentes de transformação.

1.2. Objetivo e Objetivos específicos

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como as redes de sementes em Abya Yala constroem práticas e epistemes do Bem Viver, articulando tecnologias contracoloniais, soberania alimentar e restauração dos corpos-territórios.

Compreender o impacto das redes de sementes no Corpo-Território e na restauração da etnobiodiversidade: Observar e mapear diferentes redes latino-americanas, destacando diferenças, similaridades e possíveis intercâmbios de saberes. Analisar como as redes constroem alternativas sistêmicas ao modelo agrícola industrial e como interagem com políticas públicas, leis e outros organismos públicos e privados. Conjunto as redes, através da pesquisa ação participante (IAP), conhecer na prática as dinâmicas internas, externas e complexidades, colaborando com os territórios enquanto se realiza a pesquisa. Descolonizar ideias hegemônicas de desenvolvimento rural e retomar saberes ancestrais em torno da disputa das sementes e de modos de vida.

Conhecer os epistemes de pensamento dos guardiães de sementes e suas contribuições para o Bem Viver e a ecologia política latino-americana: Identificar e observar as ferramentas coletivas, comunitárias, comparando diferenças e universalidades, a fim de identificar estratégias replicáveis ou adaptáveis em outros territórios. Observar os intercâmbios pluriculturais em torno das sementes e das cosmopercepções ancestrais, reconhecendo as sementes como elementos centrais na soberania alimentar e na descolonização epistêmica. Evidenciar a importância da proteção e defesa das sementes como patrimônio biocultural dos povos, reforçando sua centralidade na luta contra a biocolonização e a mercantilização da vida, e ampliar o debate sobre sementes livres e nativas como bens comuns.

2 MUVUKA METODOLÓGICA – Pesquisa-ação participante

Coloco neste balaio as sementes que permitem essa movuca, do quicongo *mvúka*. Embora exista um racismo linguístico, que associa movuka à desordem, bagunça em um sentido negativo, nas suas origens ele expressa a união de muitas pessoas, de uma diversidade em celebração, expressando assim uma tecnologia ancestral. A Rede de Sementes do Xingu (2022, p. 20) adotou esse nome para referir-se à técnica de plantio onde se misturam sementes de diferentes espécies e se plantam todas em conjunto. Cada semente da movuca, ou movuka, é estrategicamente escolhida para que cooperem entre si e prosperem na restauração.

Figura 1 - Muvuka de sementes e cabaça



Fonte: Fotografias da autora (2024).

Minha representação simbólica da metodologia das Sementes do Bem Viver (Saraiva, 2024) invoca a diversidade das sementes de milho andino peruano, milho guarani vermelho, milho andino roxo, feijão de porco, abóbora da horta do avô Zé, jatobá da Mata Atlântica. As sementes de milho eu trouxe do Peru em 2023, já plantei e colhi na horta do meu avô; as de favas de feijão e de jatobá vieram de uma

muvuca de sementes na Feira de Sementes do Eldorado, da Rede de Sementes do Vale do Ribeira (RSV). Nessa muvuca, representantes Xavante da Rede de Sementes do Xingu (RSX) guiaram um ritual com cantos em roda para que as sementes prosperassem, em uma complexidade que não alcançaremos narrar.

Muitos elementos da imagem estão relacionados às complexidades evocadas por povos de terreiro e outras cosmopercepções¹² de povos e comunidades tradicionais (PCT), os quais esse trabalho percorreu. Não será possível narrar aqui suas complexidades, mas sim evocá-las como parte das referências que tecem os pensamentos e cruzam o Corpo-Território da dissertação.

A foto é realizada sobre uma esteira de palha, um trançado ancestral que cria um espaço de conexão. As palhas purificam, protegem e representam a manualidade, um tecido feito a mão, tramando passados de geração após geração. A Esteira representa esse espaço sagrado e as palhas fazem a purificação relacionadas ao orixá Omolu. A cabaça representa os mistérios, a criação do mundo, relacionada aos orixás Ossain das curandeiras, dono dos mistérios das folhas; Oxum, dona das águas doces, aquela que traz a fertilidade ao seu povo; e Exu, dono dos caminhos que, segundo (Rufino, 2019, p.16), possui diferentes nomes, o qual nos interessa referenciar como invocações na nossa pesquisa nas noções de Bará. "As noções de Bará (Dono do corpo), como o princípio das nossas individualidades e de nossa fisicalidade, junto a Elegbara (Senhor do poder mágico), princípio das potências encarnadas pelo corpo" como todo movimento e ação criativa.

A cabaça é também o elemento que tece os diferentes mundos que cruzo como pesquisadora, visto que ela é um elemento plurivalente, conectado com diferentes dimensões do corpo, na cuia para o mate, no Agbe do Maracatu, no Berimbau da Capoeira, no altar do ritual de jurema, na cintura da guardiã para armazenar água, na casa de sementes servindo para conservar sementes.

Assim, a cabaça e sua plurivalência refletem um ponto fundamental da pesquisa com guardiões de sementes: a diversidade étnica está totalmente conectada com a biodiversidade, elas caminham juntas. Se tem floresta em pé é porque tem alguém colocando seu corpo, e junto com a floresta, rios, montanhas,

¹² "O termo "cosmovisão", que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo "cosmopercepção" é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais." (Oyewùmí, Oyèrónké. 2021, p.42).

serras, pampas, caminham os saberes e ciência da cultura popular, modos de vida diversos que se entrelaçam com o terra que lhes pariu.

Assim evocamos os saberes que habitam o corpo, aquilo que não pode ser exatamente dito com a boca, mas que se pode ser sentido com todo o ser, aquilo que rompe a separação do corpo-terra, retomando um espaço de interação constante, meu corpo é minha terra, e minha terra é meu corpo.

A pesquisa caminha agarrada a sementes, guardiãs, redes e territórios, que representam uma resistência frente ao movimento monocultural, os saberes de quem sabe além de plantar florestas, que curam o solo enquanto tecem pluriversos e são verdadeiras ciências capazes de regenerar a vida. Na pedagogia das encruzilhadas de Luiz Rufino (2019) vemos a importância desse encantamento como parte da resistência.

[...] a continuidade da vida enquanto possibilidade — resiliência e transgressão — é produzida pelas populações que foram subordinadas a esse regime a partir das vias do encante. Assim, emerge a dimensão do culto à ancestralidade, à metafísica e às tecnologias macumbísticas que forjam um arsenal de ações descoloniais que vitalizaram/vitalizam as formas de invenção e continuidade nas frestas (Rufino, 2019, p.74).

Tudo aqui foi sonhado, planejado, metodologicamente colocado tal qual um plantio de agrofloresta, diversa, dialogando com os ciclos dos territórios caminhados e do corpo que aqui escreve, observando as demandas e condições históricas que atravessam os sujeitos envolvidos.

Entre sementes, entre fronteiras, nas encruzilhadas e nas confluências, a pesquisa se construiu como movimento espiralado de aproximação, reflexão e sistematização, compreendendo esse movimento como algo vivo e que sempre pode ser aprofundado e visto desde novas perspectivas. A pesquisa não termina, mas conclui este seu ciclo para novos percursos.

Configura-se, assim, como uma pesquisa qualitativa multidimensional, multicultural e multiespécie. Multidimensional porque articula ecologia, política, economia, questão agrária, sociologia e antropologia. Multicultural porque opera na fronteira entre universidade e territórios, na discussão epistêmico-política, da valorização da complexidade dos saberes diversos, tensionando o epistemicídio da sociedade moderno-colonial que constantemente desqualifica os saberes do sul global, de mulheres e povos de racializados. Multiespécie porque reconhece as sementes e todo o ecossistema, de plantas, minerais, animais, fungos e demais reinos da vida, como sujeitos de direitos na relação com as sementes, redes e

guardiões, questionando a visão antropocêntrica da construção de saberes e das redes de sementes.

Ferramentas de inteligência artificial, especificamente o modelo Claude, foram usadas para a organização de dados, síntese de notas de campo e pesquisa bibliográfica, optamos por um uso ético que entende as contradições e limitações das ferramentas que não substituem a criticidade dos pesquisadores.

Categorias como Bem Viver e Corpo-Território também foram transversais, pois fazem parte dos objetivos específicos da pesquisa, bem como autores que são referências no tema das sementes, como é o caso de Vandana Shiva.

A pesquisa foi construída entre referências, sementes, guardiões e redes. Cada aproximação foi escolhida a partir dos objetivos políticos e analíticos do trabalho: compreender como redes de guardiãs e guardiões de sementes constroem práticas de Bem Viver, frente à crise sistêmica da atual modernidade colonial patriarcal capitalista.

A espiral organiza *muwuka*, não tem fim, mas tem conclusão de ciclo. O percurso retorna ao Corpo-Território, às redes, aos guardiões e à semente. Teoria e prática se atravessam, assim como contradições, limitações e questionamentos do papel que ocupamos como pesquisadores em investigação-ação participativa, IAP.

2.1. Terra fértil – Fundamentação teórica e bases para pesquisa

Em torno das sementes, existe toda uma ecologia de seres e saberes. As principais referências desta pesquisa são os sujeitos da criação da pesquisa-ação: os guardiões e guardiãs de sementes.

Esta análise busca um profundo diálogo com os movimentos sociais da terra e os demais pesquisadores de agroecologia, sementes, bioética, bio-colonialismo, questão agrária, justiça e direitos ambientais, como, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Sem Terra (MST), que é referência na produção agroecológica, e a Via Campesina, rede que integra internacionalmente os camponeses e suas principais demandas.

Para coleta de dados fomos às fontes dos movimentos sociais que lutam pelas sementes nativas e crioulas, como as diferentes redes de sementes listadas

no Quadro 1 – Redes de sementes citadas na pesquisa, bem como a plataformas como Agroecologia em Rede (AeR), que também capta experiências em nível latino-americano.

A dimensão transnacional e latino-americana foi crucial para compreender as sementes como elementos de conexão para além das fronteiras dos estados-nação. O universo da pesquisa abarcou redes em diferentes níveis de interação. Em algumas redes foram realizadas pesquisas participantes e, em outras, o contato se deu apenas como referência bibliográfica. As redes citadas na lista fazem parte dessa construção de conhecimento.

O Quadro 1 apresenta as principais Redes de Sementes que compõem a pesquisa distribuídas por Abya Yala:

Quadro 1 – Redes de sementes consideradas na pesquisa

Nome da rede	Sigla	País
Red de Agricultura Orgánica de Misiones	RAOM	Argentina
Cooperativa de Producción Agroecológica	COPA	Argentina
Semillas Agroecológicas – Minka Semillera	MINKA	Argentina
Red de Guardianes de Semillas Ecuador	RGSE	Equador
Red de Semillas Libres de Colombia	RSLC	Colômbia
Red de Semillas del Pueblo Misak	RSM-Misak	Colômbia
Red de Semillas de Misiones	RSM-Misiones	Argentina
Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe	MAELA	América Latina e Caribe (diversos países)
Rede de Sementes do Xingu	RSX	Brasil
Rede de Sementes da Chapada Diamantina	RSCD	Brasil
Rede de Sementes do Vale do Ribeira	RSVR	Brasil
Rede de Sementes Agroecológicas do Paraná	RESA	Brasil
Rede de Sementes do Cerrado	RSC	Brasil
Rede de Sementes Crioulas do Agreste Meridional de Pernambuco	SEMEAM	Brasil

Rede de Sementes da Teia dos Povos	RSTP	Brasil
Redário	REDÁRIO	Brasil
Rede Povos da Mata	RPM	Brasil
Rede de Sementes Agroecológicas BioNatur	RSA BioNatur	Brasil

Fonte: Elaboração própria (2026).

A pesquisa dialoga com essas redes e organizações distribuídas em quatro países, Brasil, Colômbia, Argentina e Equador. Essa diversidade de atores permitiu captar diferentes realidades territoriais, desde experiências de restauração ecológica em larga escala, como a Rede de Sementes do Xingu, até redes focadas na autonomia e soberania camponesa, como a Rede de Sementes de Misiones na Argentina.

Foram priorizadas as teorias vivas, que dão luz às práticas que descolonizam, como o referencial teórico apresentado no Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPG-ICAL). Nesse caso, o enfoque principal são as epistemologias do Sul e a ecologia política latino-americana.

Vandana Shiva foi fundamental com as perspectivas do ecofeminismo, sobre a íntima relação das sementes com as mulheres, bem como as questões de intersecção com gênero e questão étnico-racial, além de seu profundo debate sobre biopirataria.

Larissa Mies Bombardi foi uma base fundamental para pensar as sementes em relação a soberania e segurança alimentar, e para definição de colonialismo químico.

Sandra Benitez, Lorena Cabnal, Claudia Karol, como parte do feminismo comunitário, correspondem à realidade das coletoras de sementes, bem como à escolha metodológica do Corpo-Território.

Anna Tsing e Donna Haraway foram fundamentais para pensar as relações inter-espécies e multiespécies, além de nos situar na complexa contemporaneidade.

Marisol De la Cadena, para pensar a cosmopolítica, seres-terra e as particularidades andinas.

Arturo Escobar, Pablo Salon, Catalina Toro Pérez, Gabriela Melinsky, Hector Alimonda e Maristela Svamp foram referências da ecologia política latinoamericana, biocolonialidade promoveram diferentes, justiça ambiental, políticas ambientais, crise

sistêmica.

Alberto Acosta, Pablo Friggeri, abriram caminhos para pensar o Bem Viver, movimentos sociais, novo constitucionalismo latino-americano, direitos da Mãe Terra, soberania alimentar, bens comuns, agroecologia e sementes crioulas e nativas.

Também compreendemos as contribuições do marxismo em sua perspectiva material histórica dialética, sua aproximação com os movimentos sociais de luta pela terra, com as redes de sementes, e de Orlando Fals Borda, que orienta nossa metodologia.

Reconheço as contribuições para pensar a questão agrária e história com Silvia Federici, mas não me limito a esse método, ressalto a importância de descolonizar nossas narrativas através de um profundo estudo da história e memória.

O discurso descolonial transmite uma prática descolonial: “Não se pode falar de um discurso de descolonização, uma teoria de descolonização, sem uma prática descolonizadora” (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 62, tradução nossa).

É tempo de abrir a página da nossa história com alternativas sistêmicas enfocadas na recuperação da vocação agrícola, biodiversa e cultural dos nossos povos e territórios. É momento de construir laços sul-sul, plantando o pensamento em espiral, lembrando que nós também somos sementes.

2.2. Como plantar – Posicionamento epistemológico-político e metodologias

A pesquisa se desenvolve por meio de diferentes metodologias que são transversais, como a pesquisa-ação participativa de Orlando Fals Borda (2009), a história oral de Silvia Rivera Cusicanqui (2010) e a perspectiva Corpo-Território de Sandra Benites e Lorena Cabnal. A pesquisa-ação participativa é uma abordagem que rompe com padrões coloniais de pesquisa que criam categorias hierárquicas entre pesquisador e objeto, com esse método plantamos uma relação horizontal. Como afirma Orlando Fals Borda (2004, p. 104):

Uma rica relação horizontal de sujeito-sujeito que hoje se busca e aplica nas disciplinas sociais. Essa simetria, que inclui o princípio da soma de saberes diversos, estendeu-se à dimensão institucional (com a escola ou

universidade participativa), à estrutura de paradigmas para a pesquisa social (com o construtivismo que corrige o dualismo cartesiano) e a concepções cosmogônicas (como o holismo de Bateson e Capra). (Fals Borda, 2004, p. 104, tradução nossa).¹³

Essa simetria hierárquica faz parte da colonização do saber, da sociedade moderno-colonial, adotar outras posturas é um princípio epistemológico, para construção de um conhecimento que nasce da soma de saberes diversos e da coletividade. Nesse sentido, a pesquisa não foi realizada **sobre** as redes de sementes, mas **com** as redes de sementes, reconhecendo seus integrantes como sujeitos cognoscentes, produtores legítimos de ciência, teoria e prática que transformam suas realidades.

Estes métodos valorizam a horizontalidade entre pesquisadora e comunidades, a co-construção de saberes e o compromisso ético-político com os povos e seus modos de existência. A escuta dos guardiões e sua rica vivência nos abrem caminhos para a história oral e os saberes que passam pela corporalidade, pilares fundamentais para habitar zonas de contato entre saberes científicos, populares e ancestrais, criando pontes entre diferentes epistemes e promovendo diálogos interculturais.

Também nos firmamos na sensibilidade da história oral trazida por Rivera Cusicanqui (1987, p. 51, tradução nossa):

A história oral é muito mais que uma metodologia "participativa" ou de "ação"; é um exercício coletivo de desalienação, tanto para o investigador como para seu interlocutor. Durante os processos de história oral deve existir um de interação consciente entre os diferentes sujeitos, tendo como base o exercício do reconhecimento mútuo e a honestidade de qual o lugar social que cada um ocupa: classe, gênero, etnia. (Rivera Cusicanqui, 1987, p. 51, tradução nossa)¹⁴

A prática da história oral implica reconhecer classe, gênero, etnia e território como marcadores que atravessam a produção de conhecimento. Recupera-se, assim, o estatuto cognoscitivo da experiência humana, que refletem conjuntamente

¹³ "Una rica relación horizontal de sujeto-sujeto que hoy se busca y aplica en las disciplinas sociales. Esta simetría, que incluye el principio de la suma de saberes diversos, se ha extendido a la dimensión institucional (con la escuela o universidad participativa), a la estructura de paradigmas para la investigación social (con el constructivismo que corrige el dualismo cartesiano) y a concepciones cosmogónicas (como el holismo de Bateson y Capra)" (Fals Borda, 2004, p. 104).

¹⁴ "La historia oral es mucho más que una metodología 'participativa' o de 'acción'; es un ejercicio colectivo de desalienación, tanto para el investigador como para su interlocutor. Durante los procesos de historia oral debe existir un de interacción consciente entre los diferentes sujetos, teniendo como base el ejercicio del reconocimiento mutuo y la honestidad de cuál es el lugar social que cada uno ocupa: clase, género, etnia." (Rivera Cusicanqui, 1987, p. 51)

sobre suas experiências e sobre a imagem que constroem umas das outras. Para o pensar transfronterizo das redes de Abya Yala, Gloria Anzaldúa na obra *A Nova Mestiza* (Anzaldúa, 2012, p. 45) nos ajuda a localizar-nos com um corpo que habita fronteiras e suas mediações.

A perspectiva do Corpo-Território em diálogo com Lorena Cabnal (2010), pelo Colectivo Miradas Críticas (2017) e por Sandra Benites (2023) é fundamental na metodologia. Significa reconhecer que o corpo da pesquisadora é o primeiro instrumento de pesquisa: ele carrega memória, posicionalidade e corpo oralidade. Pesquisar com as redes de sementes é estar presente nos territórios, plantar, colher, trocar sementes, somar na articulação política e defesa dos territórios. Essa corporalidade na pesquisa responde à crítica de Rivera Cusicanqui (2010) sobre a alienação produzida quando o pesquisador se aparta das experiências que estuda.

A presente pesquisa nasce de vivências concretas e efetivas em territórios onde resistência, coletividade e cuidado se entrelaçam como fios de um mesmo tecido político e cultural. Trata-se de uma pesquisa que cuida da memória, não apenas no sentido biográfico, mas como lugar epistemológico e ético de onde se observa e se intervém no mundo.

A fronteira, além disso, se transfere do território físico ao epistemológico. É lugar de trânsito e transformação. A pesquisa assume essa posição liminar ao transitar entre universidade e território, entre teoria acadêmica e saberes comunitários, entre múltiplas territorialidades latino-americanas.

Para operacionalizar esses fundamentos teórico-metodológicos, foram mobilizadas diferentes ferramentas que se complementam ao longo do processo investigativo. A tabela abaixo sistematiza essas ferramentas, descrevendo seus contextos de aplicação e finalidades específicas:

Quadro 2 – Ferramentas metodológicas utilizadas

Ferramenta metodológica	Descrição	Objetivo
Pesquisa bibliográfica e documental	Levantamento e análise crítica de produções acadêmicas, legislações e documentos institucionais, realizado ao longo de todo o processo investigativo.	Fundamentar teoricamente a pesquisa e contextualizar disputas políticas e jurídicas sobre sementes.

Ferramenta metodológica	Descrição	Objetivo
Observação participante	Inserção prolongada em feiras de sementes, encontros territoriais, redes agroecológicas e territórios das guardiãs.	Compreender práticas cotidianas, dinâmicas socioculturais e processos organizativos.
Entrevistas em perspectiva histórico-oral	Conversas gravadas com guardiãs e lideranças vinculadas a redes no Brasil, Argentina, Colômbia e Equador, orientadas pela valorização da memória e da experiência vivida.	Registrar narrativas, trajetórias e dimensões epistemológicas da memória viva.
Formulários on-line	Questionários aplicados a redes e guardiãs latino-americanas.	Mapear práticas, desafios, estratégias e articulações regionais.
Diário de campo	Registro contínuo das vivências, encontros e reflexões.	Sistematizar impressões, afetos e processos que ocorrem no corpo-terra.
Inserção nas redes e trabalho territorial conjunto	Apoio na escrita de projetos, participação em reuniões organizativas e atuação colaborativa em redes de sementes e territórios parceiros.	Fortalecer processos locais e construir pesquisa comprometida com as demandas das redes
Processos formativos e participação em eventos	Participação em congressos, cursos, seminários e espaços formativos vinculados às sementes e as redes.	Ampliar repertório teórico-metodológico, colaborar com as redes e guardiãs, fortalecer articulações acadêmicas, políticas e democratização do saber.

Fonte: Elaboração própria (2026).

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, com as ferramentas descritas no quadro, buscando identificar universalidades, particularidades e pluralidades, buscando criar categorias analíticas. Dialogando com a perspectiva da análise sociológica de movimentos sociais, considerando as redes de sementes e os movimentos de sementes como espaços de organização coletiva, produção de

conhecimento e resistência socioterritorial. Todas as entrevistas foram realizadas mediante consentimento livre e esclarecido dos participantes, respeitando princípios éticos de pesquisa. A seleção das redes aprofundadas considerou critérios como diversidade territorial, relevância em escala territorial, diversidades nos modelos organizacionais, proximidade através da pesquisa participante. Colocamos em tensão o papel dos pesquisadores e da pesquisa, como ocupar os espaços, bem como a ética e escolhas políticas ao tratar os dados.

2.3 Ciclos da Muvuka – Percursos da pesquisa e do Corpo-Território

Os itinerários desta pesquisa abarcam diversas regiões da América Latina, sendo elas Colômbia, Equador, Peru, Brasil, Argentina, integrando experiências de campo, entrevistas, oficinas e observação participante. Eles antecedem o período oficial do mestrado, de 2024 a 2026, pois estive 6 meses no Peru, 6 meses no Equador e 2 anos na Colômbia.

A construção desse projeto vem desde minha formação em Serviço Social, que tem como base a teoria crítico-transformadora do materialismo histórico-dialético. Durante os anos de graduação, trabalhei com o Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem-terra (MST), onde estudamos a Questão Agrária, agroecologia e educação popular. Apesar de não adotar o marxismo como base de pesquisa, reconheço sua importância em minha formação e também para os movimentos sociais da terra.

Realizei intercâmbio na Universidade Nacional da Colômbia (UNAL). Dentre as matérias estudadas destaco a Sociologia Latino-Americana, Antropologia Decolonial Feminista e Ecologia Política Latino-Americana, quando pude conhecer o trabalho da Rede de Sementes da Colômbia (RSDC). Na UNAL me vinculei com a Rede Intercultural Aula Viva Pela Paz, grupo com estudantes de diversas etnias e povos da Colômbia. Os caminhos me levaram a morar dois anos na Colômbia, onde vivi na selva com o povo Siona por 7 meses e nos Andes com o povo Misak por 9 meses, e me aprofundi na metodologia de pesquisa-ação e história oral, que gerou meu Trabalho de Conclusão de curso sobre Cosmovisão Ancestral Misak – *Descolonizar e plantar o Bem Viver* (Saraiva, 2023). Segui viagem através das comunidades quéchuas do Equador, em Otavalo e Saraguro, bem como no Peru,

com as comunidades do Vale Sagrado dos Incas.

Em todos esses espaços as sementes estavam sempre presentes, seja na minha mochila, seja nos plantios, nos alimentos, nas diferentes trocas de saberes. De volta ao Brasil, no Sudeste, me aproximei da Rede de Sementes do Vale do Ribeira (RSV) em São Paulo, onde participei da 13ª Feira de Troca de Sementes e Mudanças Tradicionais das Comunidades Quilombolas do Vale do Ribeira (2022).

Atuei como educadora popular em um curso técnico de agroecologia, organizado pela SempreViva Organização Feminista (SOF) em parceria com o Instituto Federal de São Paulo (IFSP). O trabalho realizado com ciranda e agroecologia é melhor descrito no artigo *Sem ciranda não há agroecologia – ciranda no curso-técnico experimental em agroecologia do Instituto Federal de São Paulo* (Saraiva, 2023). Ali eu conduzia espaços de aprendizados com as crianças através dos elementos que encontrávamos no campo, como as sementes, e com elas fazíamos mandalas, instrumentos, pinturas, muvucas e brincadeiras que tecem aprendizados profundos sobre a vida. Na cidade de Eldorado foram realizadas entrevistas com guardiões, notas do diário de campo, aprofundamento da compreensão das práticas de conservação e troca de sementes com parceria da Rede de Sementes do Xingu (RSX), que se consolidou como referência nacional em restauração ecológica e na articulação entre comunidades indígenas e camponesas, sendo uma rede pioneira, que forma outras redes.

Em 2023 comecei um trabalho na Cooperativa de Agricultura Familiar de Foz do Iguaçu (COAFFOZ), onde tive contato com agricultoras e agricultores da região e com o funcionamento prático de políticas públicas de segurança alimentar via Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), em diálogo com grupos como o Ecolguaçu, pertencente à Rede EcoVida de Agroecologia, que têm promovido a transição agroecológica no Paraná.

Atuei como educadora ambiental em 2024 pela Itaipu Binacional, tendo realizado 4 oficinas de educação ambiental. Ali pude compartilhar os estudos das sementes e também temas relacionados, como plantas medicinais, agroecologia, Bem Viver e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Foz do Iguaçu, situada na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, concentra riqueza cultural e agroecológica, mas convive com a hegemonia do agronegócio. O Paraná foi um dos primeiros estados brasileiros a adotar sementes transgênicas, o que acarretou perda significativa da diversidade agrícola e dos

saberes tradicionais.

A imersão na fronteira também se entrelaça com a cultura popular. Durante dois anos, participei do coletivo Kaburé Maracatu e da Casa de Axé Ilê Barú — espaços que reafirmaram a premissa de que proteger povos e comunidades tradicionais é proteger a floresta. A espiritualidade, a cultura alimentar e a organização política caminham juntas, fato evidenciado na 1ª Conferência de Povos e Comunidades Tradicionais da região. Esse laço ressoa com o pensamento de Antônio Bispo dos Santos (2023, p. 14): “o saber cresce quando compartilhado em comunidade”.

Na fronteira as vivências eram diversas, em uma *tekoha* (aldeia) guarani Ocoy fui assistente de gravação do documentário *Avá-Guarani Reko* (Lazzarini; Fonseca, 2025). Durante as gravações tive um momento muito especial, pois sempre ando cheia de sementes e nesse dia estava com uma sacola de sementes de tabaco, e para os guaranis o fumo é sagrado e eles fumam no *petyngua*. Infelizmente a comunidade Ocoy é vítima histórica da construção da Hidrelétrica de Itaipu, bem como do agronegócio que isola a população em nuvens de veneno, o que a levou a perder muitas de suas práticas e sementes, como é o caso da semente de tabaco. Naquele dia lhes ofereci todas as minhas sementes.

Nos anos de 2023 e 2024, quando vivi na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai, cultivei relações com as comunidades agroecológicas de Puerto Libertad, na Argentina, sobretudo com meus amigos da Chakra Acauaphy, onde passava fins de semana e feriados ajudando em suas mingas e praticando a permacultura. Muitas das famílias que têm chácara nessa região integram também a Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM), com eles participei das feiras anuais de Sementes Crioulas e Nativas, bem como da Semana Continental de las Semillas Nativas y Criollas, pude registrar as experiências e práticas socioculturais relacionadas às sementes. Os movimentos permitiram a aproximação com movimentos locais de agroecologia e redes comunitárias que resistem ao avanço do agronegócio e das multinacionais, como é o caso da multinacional chilena Arauco (Forestal Arauco), que planta espécies de árvores exóticas para fabricação de papel e celulose.

Estive também em Buenos Aires, visitando Agustina, uma amiga que conheci no Peru e é guardiã de sementes da COPA (Cooperativa de Produção Agroecológica) e também trabalha na MINKA – Sementes Agroecológicas. Pude

visitar as Casas de Sementes, realizar entrevistas e trabalhar durante esses 10 dias nas rotinas da cooperativa.

A participação no Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), em 2024, no Rio de Janeiro, proporcionou encontros com Ailton Krenak e diversos guardiões de sementes, ampliando o diálogo entre saberes ancestrais e contemporâneos. Lá também conheci os companheiros da Teia dos Povos, rede que articula saberes e lutas pela vida em Abya Yala. Percebi que compreender a luta pelas sementes exigia expandir o campo para o Nordeste brasileiro.

Em Pernambuco, quando vivi em Olinda, em 2025, dialoguei com a Rede de Sementes do Agreste (SEMEAM). Em Salvador, pude realizar entrevistas via formulários do Google Forms com membros da Rede Povos da Mata (RPM) que integram a feira agroecológica da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Na cidade de Feira de Santana, vivi na roça do mestre de capoeira Claudio de Angola, onde plantava cabaças para construção de berimbaus.

Esse caminho me levou à pesquisa-ação participativa na Chapada Diamantina, onde cheguei diretamente com o foco de tecer conjunto a Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD), que faz parte Comissão do Meio Ambiente do Vale do Capão (CMAVC). Nesse espaço tive meu processo de aterrizar, conhecer o território, as comunidades, bem como o funcionamento de uma rede de sementes que ainda é jovem, fui voluntária da CMAVC e ajudei em oficinas de educação ambiental, escrita de editais e captação de recursos, construção da imagem da rede, bem como participação dos mutirões recorrentes de manutenção do Horto Florestal. Todo dia era cheio de aprendizados e desafios que envolvem a complexidade de trabalhar em um lugar com escassez de recursos financeiros, mas com um enorme potencial biocultural.

No Congresso Brasileiro de Agroecologia em Juazeiro-BA, em outubro de 2025, apresentei o trabalho "Tecendo Redes Contracoloniais: A Epistemologia dos Guardiões de Sementes e o Bem Viver em Abya Yala". Realizei entrevistas preenchendo o formulário da pesquisa e me encontrei com diferentes redes de sementes e guardiões de todo Brasil. Foi também onde conheci a guardiã Inês, da Rede de Sementes Agroecológicas do Paraná (RESA).

Os percursos também formam uma muvuka, integrando entrevistas, oficinas, encontros de sementes, história oral e práticas de pesquisa-ação, tecida pela escuta sensível e pelo diálogo horizontal, incorporando o saber que se constrói na

reciprocidade.

Além desses itinerários presenciais, a pesquisa desenvolve-se em rede por meio da coleta de dados via formulários online e conversas com companheiros das redes latino-americanas, retomando laços construídos em pesquisas anteriores.

Para sistematizar a complexidade e a diversidade territorial dos percursos realizados, o quadro abaixo detalha os itinerários de pesquisa por país, região, redes envolvidas, tipos de atividade e objetivos metodológicos específicos:

Quadro 3 – Percursos de campo, redes e objetivos

País e local / região	Redes, povos e coletivos	Metodologias	Objetivos e aprendizagens de campo
Argentina – Misiones – Nordeste Argentino	Rede de Sementes de Misiones (RAOM); guardiãs de sementes.	Pesquisa bibliográfica e documental; história oral; entrevista semi-estruturada; Pesquisa participante em encontros de sementes. Pesquisa participante em mutirões agroecológicos.	Observar o tema das sementes na Triple fronteira, conhecer o movimento de sementes de Misiones e da Argentina
Argentina – Buenos Aires – Região Pampeana	Minka Semillera; Casas de Sementes	Pesquisa participante em vivência na cooperativa agroecológica ; história oral;	Escutar guardiãs, ver experiências urbano-comunitárias de conservação de sementes, conhecer a dinâmica das casas de sementes e do trabalho com sementes crioulas na Argentina.
Brasil – Vale do Ribeira (SP) – Sudeste	Rede de Sementes do Vale do Ribeira (RSV); Instituto Socioambiental (ISA)	Pesquisa participante em feira de sementes; pesquisa bibliográfica e documental.	Compreender práticas quilombolas de guarda e circulação de sementes
Brasil – Xingu (MT) – Centro-Oeste	Rede de Sementes do Xingu (RSX)	Pesquisa bibliográfica, entrevistas e formulário google.	Compreender experiência pioneira na restauração ecológica e articulação indígena-camponesa.

Brasil – Foz do Iguaçu (PR) – Fronteira Sul	Rede Eco Iguaçu (Ecovida); COAFFOZ; Guarani do Ocoy	Pesquisa participante oferecendo oficinas com a Itaipu; trocas de sementes com Guaranis; Pesquisa participante com articulações na fronteira.	Observar as dinâmicas em torno das sementes crioulas e nativas e a ausência da discussão em detrimento com a força do agronegócio e as sementes transgênicas no oeste do Paraná.
Brasil – Chapada Diamantina (BA) – Nordeste	Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD); CMAVC	História oral; entrevista semi-estruturada; formulário google; Pesquisa participante como voluntária da Rede.	Conhecer e contribuir para uma rede de sementes nativas recém formada. Observar as dinâmicas internas e governança socioterritorial.
Brasil – Agreste (PE) – Nordeste	Rede de Sementes do Agreste; Teia dos Povos	História oral; entrevista semi-estruturada; formulário google.	Compreender articulações fundamentais e escutar guardiãs de sementes e suas vivências.
Colômbia – Andes – Valle del Cauca	Território Misak	História oral; entrevista semi-estruturada.	Compreender a relação entre sementes, autonomia territorial e povos originários
Colômbia – Nacional	Red de Semillas Libres de Colombia	História oral; análise documental, pesquisa bibliográfica.	Compreender a questão das sementes na Colômbia, observar a importância das redes de sementes na articulação política.
Equador – Andes – Nacional	Red de Semillas del Ecuador	História oral; análise documental, pesquisa bibliográfica.	Conhecer as dinâmicas de uma rede de sementes referências em articulação nacional em um país livre de transgênicos.

Fonte: Elaboração própria (2026)

O Quadro sintetiza, a partir de minhas percepções em campo, em uma pesquisa-ação participativa multidimensional, os estágios cíclicos e que se retroalimentam e retornam. A Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD) foi o principal campo de pesquisa-ação participativa, com inserção prolongada, voluntariado e co-construção de processos. As redes da Argentina (RAOM, COPA,

MINKA), da Colômbia (RSLC, RSM-Misak) e do Equador (RGSE) foram campo de entrevistas em perspectiva histórico-oral, observação participante em feiras e encontros, e análise documental. As demais redes brasileiras integraram a pesquisa principalmente via formulários, entrevistas pontuais e pesquisa bibliográfica. Essa heterogeneidade metodológica é uma característica da pesquisa multiterritorial e está articulada aos diferentes graus de aproximação viabilizados pelos percursos descritos

A seleção das redes considerou quatro critérios: diversidade territorial, abrangendo diferentes biomas, fronteiras e contextos nacionais; relevância política nos debates sobre sementes livres e soberania alimentar; diversidade nos modelos organizacionais, contemplando redes camponesas, indígenas, quilombolas e urbanas; e, sobretudo o contato direto com as redes; as redes aprofundadas nesta dissertação são aquelas com as quais estive nos territórios, participei de feiras, mutirões, entrevistas e processos organizativos.

Certos dados e informações coletadas precisaram de maiores reflexões, não sendo alcançada toda a complexidade das vivências, trataremos de sintetizar as análises, bem como respeitar as redes e guardiões em seus diferentes momentos. A multiterritorialidade da pesquisa é uma riqueza ao mesmo tempo que é um grande desafio devido ao fato de que cada território é um cosmos amplo, bem como cada guardião e cada semente nos ciclos de conhecer as redes, seus povos e territórios; fortalecer laços e sentipensar conjunto; socialização e ciclicidade da pesquisa.

3 CAMINHOS DAS SEMENTES – Estado da arte

A semente é antes de tudo movimento:
semente - flor - fruto - semente - flor - fruto - ovulação - semente - flor
- mutação - fruto - semente - fecundação - mudança - semente - flor -
fruto - outra semente"

Valéria C. de Pina Ravest (2015, p. 300, tradução nossa).¹⁵

Na poética do ciclo das sementes, representadas como um Corpo-Território fértil e próspero, acompanhamos seu espiralar cósmico: vida, morte, vida - semente, fruto, semente. O movimento das sementes não é estático, no ciclo existem mutações e adaptações que alteram seu ADN (Ácido Desoxirribonucleico), como se ela carregasse o que chamamos de memória: "la semilla tiene memoria, no humana, pero sí evocación vegetal" (Pina Ravest, 2015, p. 300.). Assim, as sementes seguem seus ciclos levando os saberes de suas vidas antepassadas e os frutos da cooperação multiespécies (Tsing, 2020).

A semente começa sua ascensão das entranhas terrestres quando germina e se estrutura como planta; a semente produz a flor que dará o pólen para começar de novo o ciclo de sua formação. O pólen ascende pelos ares de diversas formas, encontra transporte nas patinhas de insetos, de aves e morcegos, ou adquire elevação e movimento ao roçar com o vento ou a água. A fecundação produz a semente-óvulo e o fruto-ovário. (Pina Ravest, 2015, p. 302, tradução nossa).¹⁶

A semente leva toda informação dentro de si, ela é um corpo, no sentido completo, mas que depende totalmente de seu território para realizar sua trajetória. Semente precisa de terra, começa sua vida nas entranhas obscuras do ventre mãe-terra e escuta o chamado do pai-sol para no momento certo brotar. Assim o ciclo da semente está conectado com todo um ecossistema, onde se encontra com seres humanos e não humanos.

A semente também tem que estar madura para ser semente, existe um ponto em que o fruto fica maduro e a semente também, isso quem me contou foi Marcos Brandão Garrido (2025, entrevista), guardião de Sementes da Chapada Diamantina,

¹⁵La semilla es ante todo movimiento: semilla - flor - fruto - semilla - flor - fruto - ovulación - semillaflor - mutación - fruto - semilla - fecundación - cambiosemilla - flor - fruto - otra semilla (Valéria C. de Pina Ravest, 2015, p 300).

¹⁶ "La semilla comienza su ascenso de la entraña terrestre cuando germina y se estructura como planta, la semilla produce la flor que dará el polen para comenzar de nuevo el ciclo de su formación, el polen asciende por los aires en diversas formas, encuentra transporte en las patitas de insectos, de aves y murciélagos; o adquire elevación y movimiento al rozar con el viento o agua. La fecundación produce la semilla-óvulo y el fruto-ovario (Pina Ravest, 2015, p. 302.)"

em um momento em que preparamos sementes de Ipê Amarelo para fazer mudas e não eram todas as favas que estavam maduras. Além de algumas sementes estarem verdes, outras já estavam “habitadas”, dizia Garrido, ao se referir ao fato de outros seres já morarem nessas sementes, questionando a lógica antropocêntrica. A natureza é tão fértil e abundante que uma árvore dá tantas sementes, que algumas das sementes não serão para dar outras árvores, mas também servirão de alimento para os seres do entorno e isso será bom para todos, pois essa é a lógica de cooperação da floresta.

As sementes podem passar por muitos caminhos, podem ser levadas em cabaças, em tranças, em mochilas que atravessam ruas, cidades, florestas, rios, oceanos, podem ser selecionadas por um guardião em uma casa de semente, podem ser rezadas por um pajé em um ritual de jurema, servidas de alimento para pássaros ou insetos. As sementes também podem ser usadas em uma *muwuka* para reflorestar um território devastado pelo monocultivo, assim como ela também pode servir para que um povo retome sua cultura. São muitos os caminhos que a semente pode percorrer, em todos ela vai acompanhada.

Evocamos a encruzilhada como possibilidade para os diferentes caminhos da semente, não apenas vendo as sementes como transgênicas ou crioulas e nativas, mas como seres que sustentam os pluriversos. Existem mundos que existem apenas junto a certas sementes. Tomamos em consideração que a encruzilhada é também a possibilidade de diferentes caminhos, como demarca Rufino (2019, p. 46): “A perspectiva da encruzilhada não somente se apresenta como a possibilidade de novos caminhos, mas como a rasura dos que se pretendem como únicos”

As sementes são arquivos vivos, concentram informação genética, guardam a memória dos territórios e carregam as cosmo percepções de diferentes povos. Cada grão contém histórias milenares, expressando a relação dos seres humanos com o reino vegetal e todo ecossistema, práticas de cuidado e cosmologias que ligam corpo, terra e cosmos. Pensar as sementes, portanto, é pensar simultaneamente em ecologia, política e cultura, tanto a continuidade da vida, quanto às formas de dominação que tentam reduzi-las à mercadoria.

No último século, cerca de 75% da diversidade genética agrícola mundial foi perdida, conforme pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2010), em nome de uma suposta ideia de “desenvolvimento” que sempre vem com o extrativismo em larga escala. Estamos

destruindo riquezas que os seres vivos, nos diversos processos de agricultura, levaram milhares de anos para construir.

Vivemos em um sistema que contribui para redução da diversidade. Atividades como mineração, queima de combustíveis fósseis, extrações petrolíferas em pré-sal ou *fracking*, usinas hidrelétricas, avanços urbanos sem planejamento, grandes indústrias e outras atividades humanas em prol do crescimento capitalista, impactam a biodiversidade, visto que interferem nos ecossistemas, poluindo o solo, as águas, o ar, a biosfera, devastando biomas, ocasionando o que chamamos de crise climática, que em verdade conforme alerta Pablo Solón (2017, p. 7), não é uma crise isolada, mas sim uma crise sistêmica, que abrange também as esferas econômica, social, geopolítica, institucional e societária e que não pode ser enfrentada por meio de estratégias unidimensionais, sob o risco de ser ainda mais agravada.

O principal modelo de produção é o agronegócio, que promove uma homogeneização dos cultivos através de monoculturas, dependência de Organismos Geneticamente Modificados (OGM), insumos como agrotóxicos, pesticidas e fertilizantes químicos, o que ocasiona a degradação do solos, dos ciclos da água, desequilibra toda a biodiversidade dos ecossistemas onde se instala, sendo os danos dessas práticas, de nível irreversível, as chamadas zonas de sacrifício¹⁷. Esse modelo reflete uma agricultura a serviço do mercado, que prioriza o lucro a curto prazo em detrimento da resiliência ecológica e da soberania alimentar.

No Brasil, a Lei de Sementes e Mudanças (Lei nº 10.711/2003) reconhece oficialmente as sementes crioulas, mas restringe sua circulação ao privilegiar registros oficiais e sistemas de certificação, favorecendo a indústria. Esse cenário se articula ao que Bombardi (2023) denomina colonialismo químico, já que a legislação agroalimentar brasileira flexibiliza a entrada de agrotóxicos proibidos em outros países enquanto fragiliza a autonomia das sementes tradicionais.

A legislação brasileira reconheceu as sementes crioulas como “variedades desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas” (Brasil, 2003, art. 2º, XVI). Mas, apesar desse

¹⁷ “A expressão ‘zonas de sacrifício’ é utilizada pelos movimentos de justiça ambiental para designar localidades em que se observa uma superposição de empreendimentos e instalações responsáveis por danos e riscos ambientais (...). A designação ‘zona de sacrifício’ surgiu nos Estados Unidos, quando o movimento de Justiça Ambiental associou a concentração espacial dos males ambientais do desenvolvimento ao processo mais geral que produz desigualdades sociais e raciais naquele país”

reconhecimento, ainda são poucas as políticas públicas que protegem as sementes e suas guardiãs.

Esse campo de disputa conceitual conecta-se à luta pela soberania alimentar, definida pela Via Campesina na Declaração de Nyéléni (2007) como o direito dos povos de definirem suas políticas agrícolas, alimentares e de sementes.

Alguns sociólogos como Kloppenburg (2005) e Kinchy (2012) afirmam que o ativismo em torno das sementes nas décadas recentes é produto, por um lado, da Revolução Verde e, por outro, da sua extensão através da agrobio e do surgimento de empresas transnacionais biotecnológicas que concentram os mercados (Kloppenburger, 2005; Kinchy, 2012 apud Hernández Vidal; Gutiérrez Escobar, 2019, p. 41, tradução nossa)¹⁸.

As sementes sintetizam a tensão entre o modelo de desenvolvimento, que insiste em privatizar e padronizar, e as epistemologias insurgentes, que reivindicam a diversidade como princípio vital.

3.1. Sementes da vida e semeadores de morte: mundos em disputa

Definir as sementes como crioulas, nativas, híbridas ou transgênicas é situá-las em regimes de saber e poder. Cada termo expressa um projeto de mundo: de um lado, a autonomia e a diversidade; de outro, a dependência e a mercantilização.

Neste trabalho, nos referimos a sementes crioulas e nativas, termos amplamente adotados pelos movimentos sociais. Elas constituem patrimônios bioculturais produzidos, selecionados e preservados por povos originários, comunidades quilombolas, camponeses e outros povos e comunidades tradicionais (PCT) em uma relação milenar. Percorrendo adaptação ecológica e saberes ancestrais, as crioulas são “resultados de uma longa história de domesticação, seleção e intercâmbio entre agricultores e comunidades locais” (Grain, 2016, p. 7). Carregam memória, diversidade genética e sociais profundamente integradas aos ciclos naturais e culturais dos territórios.

¹⁸ “Algunos sociólogos como Kloppenburg (2005) y Kinchy (2012) afirman que el activismo alrededor de las semillas en décadas recientes es producto, por un lado, de la Revolución Verde y, por otro, de su extensión a través de la agrobio y del surgimiento de empresas transnacionales biotecnológicas que concentran los mercados”

Segundo as autoras, "As sementes crioulas não são necessariamente originárias de uma região, mas os agricultores as adaptaram ao clima e às condições ambientais de seus quintais e roçados" (Hernández Vidal; Gutiérrez Escobar, 2019, p. 40, tradução nossa). Elas se diferenciam das sementes nativas — ou originárias —, que possuem seu centro de origem na mesma região onde são cultivadas. O conceito abrange também as chamadas sementes crioulas, termo que inclui as sementes certificadas ou melhoradas cientificamente que foram adaptadas pelos agricultores às condições ecossistêmicas de seus territórios, bem como aquelas cruzadas, de forma intencional ou acidental, com variedades crioulas.

As nativas são as sementes que já estavam presentes em determinados territórios e têm pouca ou nenhuma domesticação humana. Podemos dizer que elas são mais selvagens, no sentido que estão ali no território sem um humano levar.

Como exemplo podemos mencionar uma semente nativa de castanha-do-pará (*Bertholletia Excelsa*) com longos processos socioculturais de domesticação no bioma amazônico, sendo uma sementes nativa do amazonas (LEVIS, Carolina et al 2017). Outro exemplo são os milhos crioulos cultivados nos Andes e em diferentes territórios de Abya Yala. Diversas variedades foram selecionadas e conservadas por povos indígenas ao longo de gerações e seguem sendo cultivadas por comunidades tradicionais há séculos, constituindo um importante patrimônio biocultural e agrícola da região (Dominguez et al., 2024).

As chamadas sementes híbridas são frequentemente apresentadas como alternativas "modernas", mas na prática cumprem a mesma função que as transgênicas: subordinar agricultores ao mercado. Embora não envolvam manipulação genética em laboratório, resultam de cruzamentos controlados que impedem sua reprodução plena nas safras seguintes. O agricultor é forçado a comprar novas sementes a cada ciclo, instaurando uma lógica de dependência comercial e rompendo os vínculos de autonomia e reciprocidade que caracterizam as sementes crioulas. Assim como os transgênicos, os híbridos fazem parte de uma estratégia de mercantilização da vida, convertendo a diversidade agrícola em negócio controlado por poucas empresas.

Nos anos 1990, os transgênicos iniciaram um modelo de propagação máximo. Podemos citar as OGM pioneiras como a soja *Roundup Ready*, lançada pela Monsanto em 1996, resistente ao herbicida glifosato, o milho *Bt* (modificado para expressar toxinas da bactéria *Bacillus thuringiensis*) e o algodão *Bollgard* (resistente

a lagartas), que se tornaram ícones de uma bio patenteada e acoplada a herbicidas/inseticidas específicos.

Tais cultivos organizam os agroecossistemas sob dependência química e contratos de uso: o agricultor paga patentes, não pode replantar livremente e é empurrado para pacotes de insumos “compatíveis”. O relatório da Red de Acción en Plaguicidas y sus Alternativas de América Latina (RAP-AL) e a Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología (SOCLA) afirmam que, longe de reduzir o uso de agrotóxicos, a adoção de OGMs aumentou seu uso e consolidou o controle corporativo.

Os transgênicos não afetam apenas a biodiversidade, eles desestabilizam modos de vida. Segundo Shiva (2016, p. 119), por causa do uso dos transgênicos a Índia perdeu seu algodão nativo, já que houve contaminação do algodão BT da Monsanto. E o México, de onde o milho é nativo, perdeu mais de 80% de suas espécies. “E isto são só dois exemplos da perda do patrimônio nacional e local das sementes”, alerta Shiva (2016, p.119), nos lembrando que há muitas outras perdas. A introdução de organismos modificados afeta diretamente os modo de vida camponeses, indígenas e povos e comunidades tradicionais, pois assassina práticas ancestrais e tecidos sociais que estão no entorno dessas sementes. Ao enfraquecer práticas comunitárias de cultivo, rompe redes de reciprocidade e desloca a autonomia política dos povos.

Quadro 4 – Sementes em disputa: comparação entre OGM e sementes

Critério	Organismos Geneticamente Modificadas (OGM)	Sementes Crioulas / Nativas
Adaptação a condições locais	Desenvolvidas em programas de melhoramento para ambientes padronizados e monoculturas, dependem de manejo técnico e insumos específicos para seu potencial produtivo.	Resultam de uma longa coevolução entre os seres e seus territórios; apresentam grande variabilidade genética e maior capacidade de adaptação em condições ambientais diversas.
Dependência tecnológica e econômica	Dependência de empresas e pacotes tecnológicos (sementes, agrotóxicos, fertilizantes, maquinário e contratos de patentes). Em muitos casos há restrições ao reuso de sementes e	Baixa ou nula dependência de insumos externos; podem ser produzidas, armazenadas e trocadas nas próprias comunidades e redes de agricultores. Devem seguir sendo sementes livres de

	cobrança de patentes.	código aberto.
Relação com o solo	Associadas ao modelo de agricultura industrial, com uso intensivo de químicos e mecanização pesada, provocam compactação da terra, contaminação e perda de matéria orgânica. Criam desertos, pois matam a vida do solo e da terra, vem a fertilidade e força para as plantas.	Geralmente cultivadas em sistemas diversificados, como policultivos, agroflorestas e com ênfase na cobertura do solo, circulação de nutrientes e manutenção da fertilidade biológica.
Produção das sementes	Produzidas majoritariamente por grandes corporações transnacionais do setor de modificação genética e agroquímica.	Produzidas e conservadas por povos indígenas, agricultores familiares, quilombolas e comunidades tradicionais, conjunto a redes de sementes e iniciativas agroecológicas.
Ciência e saberes	Conhecimento concentrado em centros de pesquisa e laboratórios corporativos, protegido por patentes e direitos de propriedade intelectual.	Conhecimento aberto e distribuído entre guardiãs e guardiões de sementes, transmitido por meio da oralidade, feiras, trocas comunitárias e processos participativos.
Resiliência climática	Sistemas baseados em poucas cultivares podem apresentar maior vulnerabilidade a eventos extremos e novas pragas.	A diversidade genética e de sistemas produtivos aumenta a capacidade de adaptação e recuperação frente a secas, enchentes e mudanças climáticas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de ETC Group (2022), Atlas do Agronegócio (2018), Larissa Bombardi (2023) e Vandana Shiva (2001).

Não existem justificativas éticas e lógicas para a produção de transgênicos que não seja a ganância dos poucos que controlam o mercado de sementes. Para compreender essa lógica da monocultura, tomamos as reflexões desenvolvidas por Vandana Shiva, em sua obra *Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e da Bio*. Segundo Shiva (2003, p. 45): “A monocultura da mente reduz a diversidade biológica à uniformidade genética, transformando a natureza em recurso técnico”. Esse conceito explica como o modelo agrícola industrial não apenas padroniza as práticas agrícolas, mas também coloniza os modos de pensar e perceber o mundo. A “monocultura da mente” desvaloriza saberes tradicionais e promove uma visão mecanicista da natureza, onde a terra é vista como máquina

produtiva e as sementes como commodities patenteadas.

O colonialismo químico¹⁹ é a forma como opera o mercado dos transgênicos sob a lógica do monocultivo. No Brasil, esse arranjo se assenta sobre a base denunciada por Larissa Bombardi (2023), um colonialismo químico que naturaliza o uso massivo de agrotóxicos em países do Sul global, enquanto em países da União Europeia a maior parte dessas substâncias é proibida:

Enquanto bebês no Brasil sofrem diretamente com a intoxicação por químicos agrícolas, a União Europeia protege a sua população (ao menos parcialmente) por meio de medidas mais restritivas. Uma delas se expressa no banimento de uma série de princípios ativos na Europa, onde 269 tipos de agrotóxicos estão proibidos. (Bombardi, 2023, p. 56).

A lógica do monocultivo nos leva ao colapso da espécie humana. Para que poucos lucrem com o agronegócio, muitos têm que pagar o preço, sejam os bebês e mães que são sacrificados e sacrificadas por envenenamento, carcinogenicidade (câncer), teratogenia (malformação fetal), mutagênese (alterações genéticas), autismo, mal de Alzheimer etc. (Bombardi, 2023, p.10), por serem vizinhas das plantações transgênicas e vítimas das nuvens de veneno (Bombardi, 2023, p. 56). Não só os agricultores ou vizinhos dos monocultivos são afetados, a sociedade como um todo é vítima dessas contaminações, pois elas se estendem não apenas nos alimentos, mas no ar, solo e em nossa água.

No estudo do Mapa da Água realizado pela organização jornalística Repórter Brasil (2022) a partir de dados do Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano (Sisagua), do Ministério da Saúde, verificaram-se mais de 27 agrotóxicos presentes na água em 210 municípios, transformando nossas águas em um verdadeiro coquetel de veneno. Entre as substâncias estão: Atrazina (herbicida ligado a distúrbios hormonais), Glifosato (herbicida amplamente utilizado na soja e milho), 2,4-D (associado a impactos neurológicos e reprodutivos), Carbendazim (fungicida com potencial mutagênico) e tantos outros. Eles fazem parte da água que grande parte dos brasileiros utiliza diariamente para se banhar,

¹⁹ “A expressão colonialismo químico ajuda a desnudar ‘o que’ e ‘em que’ tem se desdobrado esse movimento do capital, quando indústrias sediadas em países centrais do sistema econômico internacional vendem agrotóxicos proibidos em seus próprios territórios para países do Sul global, particularmente da América Latina. Além de ocasionar os já mencionados problemas socioambientais, essas substâncias muitas vezes têm sido usadas como ‘armas’ em conflitos fundiários.” (Bombardi, 2023, p. 53).

preparar alimentos e beber (Atlas do Agronegócio, 2018).

A paisagem deixada pelo agronegócio cria as zonas de sacrifício (Svampa, 2019), onde o uso excessivo de venenos e o mal trato do solo tornam mais complexos os processos de restauração.

As abelhas e as mariposas são quem alimentam ao mundo, e não os tóxicos e os pesticidas. Com menos de 30% da terra cultivável do mundo, os pequenos agricultores obtêm 70% do alimento que se come na terra. O agronegócio, por outro extremo, utiliza uns 70% da terra disponível para produzir apenas 30% do que se come. (Shiva, 2017, p. 105).

O agronegócio não alimenta o mundo, ele produz commodities e sacrifica a vida. Alimento quem produz são os guardiões da terra, agricultores, povos da floresta, do campo, junto com as sementes do Bem Viver, que são crioulas, nativas, caboclas e que nos garantem mundos possíveis.

3.2. Sementes ancestrais: ciência, memória e tecnologia dos povos

Vivemos o presente aka pacha que contém as sementes de futuro que brotam do profundo passado: *qhip nays uñtasis sarnaqapxañani*. No presente se pode observar pulsões modernas e também arcaicas, de preservação do status quo e outras que expressam a revolta e renovação do mundo: (*pachakuti*). (Rivera Cusicanqui, 2010, p 55, tradução nossa).

Qhip nays uñtasis sarnaqapxañani: sementes de futuro que brotam do profundo passado. Invocamos como referência o tempo em espiral para nosso *pachakuti*: “Para o centro-andino do pachakuti, palavra em quéchua-aymara cuja imagem básica de revolução ou transformação do mundo é de uma chaquitaclla”.

No *pachakuti* encontramos as sementes para um novo amanhecer.

Por mais devastador que seja o presente caminho que percorremos como humanidade, a história não foi sempre essa. Existem muitos mundos, ou, como podemos invocar, pluriversos (Escobar, 2014) que já existem, onde o tempo se revela em espiral e acompanhamos relações interespecies. A paisagem da relação dos seres animais com os seres vegetais é uma antiga relação de amor (Tsing, 2015).

A história das sementes em Abya Yala antecede a invasão europeia. A Amazônia é o maior bioma da América do Sul, e por mais que no imaginário popular ela seja considerada selvagem e intocável, sua paisagem é um verdadeiro retrato de

relações multiespécies, que ocupam o território há pelo menos 13 mil anos (Neves, 2012). A arqueologia e a etnobotânica demonstram que as florestas amazônicas e atlânticas são paisagens antropogênicas, manejadas como verdadeiros bosques-jardim (Neves, 2012; Levis et al., 2017). A alta densidade de espécies como cacau, açaí, castanha e andiroba em sítios arqueológicos revela um manejo intencional e sofisticado, que transformou territórios em bibliotecas vivas de biodiversidade.

A experiência que vemos no Amazonas tem suas diferenças com as experiências andinas, e é importante destacar o conceito de domesticação de espécies, que significa em termos biológicos a seleção e o manejo de plantas e animais ao longo de gerações, resultando em mudanças genéticas e morfológicas que os tornam mais adaptados à convivência com os seres humanos e às necessidades agrícolas. É algo muito presente na história da agricultura, mas que difere do caso amazônico, no qual, apesar da interação e transformação dos povos e seus territórios, havia muito pouca dessa domesticação, como afirma Eduardo Góes Neves (2012, p. 105). Na América do Sul, o registro arqueológico das terras baixas, principalmente da Amazônia, parece mostrar vários exemplos em que a domesticação não precedeu a emergência da agricultura.

Na história de gente e semente em Abya Yala – ou, pode-se dizer, gente-semente – podemos destacar a história de tantas espécies companheiras (Tsing, 2015), mas vamos contar a respeito de uma que pode nos ajudar a compreender essa paisagem simbiótica: o milho, *maíz*, *choclo*, *mazorca*. Ele ocupa lugar central nas cosmologias mesoamericanas e andinas, sendo considerado, além de um alimento, um ser sagrado, como um ente da família, que integra as relações da comunidade e fundamenta a vida (Pardo Castillo, 2017)

A ciência indígena das sementes integra dimensões cosmológicas e ontológicas, o que podemos compreender como uma tecnologia ancestral.

Entrevistei Takiruna (2023, entrevista), mestre nas artes da terra, conhecido por seu trabalho com cerâmica ancestral, que vive no Vale Sagrado dos Incas, que segundo as palavras dele, caminha levando as mensagens do Tawantinsuyo por onde passa. Takiruna, que é seu nome andino, significa povo do movimento, gente da música, gente da vida, pois o Quéchua é uma língua complexa, assim como muitas línguas, *runa* significa gente e *taki* significa som, movimento, vida.

Figura 2 - Saramama, Comunidade Chahuaytire e Ateliê de Takiruna.



Fonte: fotografias da autora realizadas em 2023.

Em seu ateliê possui diferentes imagens de *Saramama*, mescla do corpo do milho com o corpo de mulheres. Quando lhe perguntei a respeito dessa representação, na pergunta nomeamos *Saramama* como uma deusa e ele me respondeu:

Com relação à criação de Saramama, eu a vejo como uma deusa, não? Colocando um nome. Para o mundo andino, não é que existam deuses ou deusas, mas sim representações de seres que são da família. Saramama é o milho em especial que nos dá toda essa abundância; por isso também se criaram muitos saberes para poder produzi-los, e por isso não havia escassez. Então o milho é uma das, digamos, sementes que é mais abundante. (Takiruna, 2023, ceramista e artista multidisciplinar, Taller Wakamuchaq, entrevista, tradução nossa)²⁰

Aqui vemos que no mundo andino não existem deuses, como figuras distantes do povo. Os entes sagrados são como a família, o milho garante a abundância e o sustento da vida e por sua presença diária se torna fundamental para as culturas andinas. Ele segue falando a respeito dessa relação gente-semente:

²⁰ "A ver con respecto a la creación Saramama, pues yo la veo como diosa, No? Poniéndole un nombre, Para el mundo andino pues no es que haya dioses, diosas sino son como representaciones de seres que son familia, saramama es el maíz en especial que nos da toda esa abundancia por eso se crearon también muchos saberes para poder producirlas y por eso no había escasez entonces el maíz es una de las, digamos, semillas que es más abundante.

[...] que mais abundância se desenvolveram e alimentaram em todo o Tahuantinsuyo. E isso, somos considerados também filhos do milho, por isso, então essa representação de sempre animar as plantas. Desde a visão da cosmovisão ancestral, onde o humano sempre está unido com as plantas e animais, cria-se uma figura que digamos se aproxima de uma energia totêmica. Então vem a inspiração. Então decidi fusionar o milho com essa mulher como representação abundante dela, que é assim também com o milho. (Takiruna, 2023, ceramista e artista multidisciplinar, Taller Wakamuchaq, entrevista, tradução nossa)²¹

Conforme descreve Takiruna (2023, entrevista), que se considera filho do milho, tudo no mundo andino é vivo e tratado como sujeito completo. Na sua cosmopercepção, o ser humano está sempre único com as plantas e animais, assim a arte com cerâmica busca representar essa animação dos seres. Além disso, ele relaciona a Saramama com a fertilidade das mulheres.

Essa relação de parentesco com a terra é corroborada por Pardo Castillo (2017, p. 13), ao observar que, para o camponês andino, o milho é a "Saramama" ou "mãe milho". O autor destaca que essa denominação não é apenas simbólica, mas reflete um vínculo afetivo profundo, onde o camponês nutre pelo milho o mesmo respeito dedicado a uma mãe biológica, sendo, reciprocamente, cuidado e alimentado pela planta. Assim, os rituais dedicados à Saramama personificam o milho como um ser que necessita de cuidado constante, estendendo esse respeito à totalidade da vida— incluindo rios, astros e os cerros protetores, conhecidos como *Apus* ou *Jircas*.

O povo Misak, por exemplo, compreende as sementes como seres sagrados, oferecendo-lhes rezas e rituais de proteção, prática que pude testemunhar em campo, na Colômbia, no ritual de oferenda de sementes (Saraiva, 2023). Em vez de preservar sementes apenas como “recursos genéticos” em câmaras frias, trata-se de reconhecer que sua vitalidade depende do uso comunitário, da oralidade e do ritual. A conservação dinâmica não se dá em freezers, mas nos quintais, nos roçados, nas festas de colheita e nos cantos que acompanham a semeadura. A melhor forma de cuidar das sementes é plantando.

Reconhecer esse legado milenar dos povos sobre as sementes e também sobre outras espécies não humanas é como reconhecer uma forma de ciência da

²¹ Que más abundancia se desarrollaron y alimentaron pues en todo el Tahuantinsuyo. Y eso, somos considerados también hijos hijos del maíz, por eso, entonces esta representación de siempre animar a las plantas. Desde la visión de la cosmovisión ancestral donde el humano siempre está unido con las plantas y animales, se crea una una figura que digamos se aproxima de una energía totémica. Entonces viene la inspiración. Entonces decidí fusionar el maíz con esta mujer como representación abundante de ella que es así también con el maíz.

biodiversidade que emerge de uma ecologia de saberes. Tsing (2015) nos convida a refletir essa relação de amor interespécies e questionar essa ideia de natureza humana usada pelo antropoceno, para domesticar a vida segundo ideologias militaristas e conservadoras. Ao olhar as sementes vemos essa relação de espécies companheiras:

E se imaginássemos uma natureza humana que se transformou historicamente com variadas teias de dependência entre espécies? A natureza humana é uma relação entre espécies. Longe de desafiar a genética, um recorte interespecífico para nossa espécie abre possibilidades de linhas de pesquisa tanto biológicas quanto culturais. É preciso entender mais, por exemplo, sobre as variadas teias de domesticação nas quais nós humanos nos enredamos (Tsing, 2019).

As agriculturas ecológicas, como podemos defender, se fundamentam justamente nesses princípios ancestrais de diversidade, reciprocidade e integração, que foram sistematicamente invisibilizados pelas ciências coloniais. Reconhecer as sementes como herança indígena é também reconhecer que a agroecologia tem raízes ancestrais, profundamente enraizadas nos modos de vida de Abya Yala.

3.3 A colonização dos corpos-territórios: Plantation, Capitaloceno e Faloceno

*Éramos dioses y nos volvieron esclavos.
Éramos hijos del Sol y nos consolaron con medallas de
lata.
Éramos poetas y nos pusieron a recitar oraciones
pordioseras.
Éramos felices y nos civilizaron.
Quién refrescará la memoria de la tribu.
Quién revivirá nuestros dioses.
Que la salvaje esperanza sea siempre tuya,
Querida alma inamansable.*

Gonzalo Arango Arias (1931 – 1976). Poema La Salvaje Esperanza. Del libro “Fuego en el Altar”

Os corpos e territórios, especialmente o de mulheres e povos subalternos, são vistos como território de conquista pelo pensamento capitalista, colonial e patriarcal, que se afirma pelo princípio da propriedade privada, fortalecido pelo sistema de acumulação de capital no qual vivemos. A história da dominação segue presente, seja pela imposição cultural, seja pela via econômica, com as diferentes formas de estratificação do Sul global para atender às vontades do Norte.

As formas de colonização buscam romper a relação íntima que os povos originários tinham com a terra, a fim de justificar a dominação e fortalecer o rompimento do vínculo dos seres com seus territórios. Através da opressão dos saberes ancestrais, a visão dos invasores se afirma por meio da religião dos colonizadores e de violentas proibições; o culto à natureza começa a ser considerado um ato pagão e inclusive criminal. Silvia Federici (2017, p. 93) diz que:

Marx escreveu que o capital emergiu sobre a face da terra 'chovendo sangue e sujeira da cabeça aos pés' e, de fato, quando vemos o começo do desenvolvimento capitalista, temos a impressão de estar em um imenso campo de concentração. (Federici, 2017, p. 93, tradução nossa).²²

Podemos dimensionar parte da violência colonial refletindo sobre essas palavras, que asseguram esse processo como uma imposição de poder por meio de repressão para sustentar o crescimento capitalista. A acumulação primitiva, ou acumulação originária, segundo Silvia Federici (2017, p. 92), indica que a violência foi o principal meio e o poder econômico mais importante nesse processo, pois o desenvolvimento capitalista exigiu um salto imenso na riqueza apropriada pela classe dominante europeia e no número de trabalhadores colocados sob seu mando. Em outras palavras, consistiu em uma imensa acumulação de força de trabalho — "trabalho morto" na forma de bens roubados e "trabalho vivo" na forma de seres humanos postos à disposição para sua exploração — realizada em grande escala.

A acumulação primitiva que possibilita a criação do sistema atual: a colonização em conjunto à inquisição religiosa, à caça às bruxas e à opressão a todo ser que não fosse imagem e semelhança da cruz, da espada e do deus branco e patriarcal dos colonizadores. Tudo o que não se encaixasse ao paradigma colonizador era reduzido, morto ou castrado de sua livre expressão.

A violência colonial busca desenraizar os povos da terra, desde os que foram trazidos à força de diversas partes do continente africano até os diversos povos originários que aqui estavam e são invadidos pelos europeus. Como assinala a feminista comunitária Lorena Cabnal (2010, p. 25), esse sistema de dominação atua de forma indissociável ao patriarcado ocidental, promovendo o saque e a destruição sistemática de territórios e de corpos para impulsionar a acumulação capitalista na

²² "Marx escribió que el capital emergió sobre la faz de la tierra «chorreando sangre y mugre de los pies a la cabeza» y, en efecto, cuando vemos el comienzo del desarrollo capitalista tenemos la impresión de estar en un inmenso campo de concentración"

Europa. Desse modo, a imposição colonial exigiu o desmonte dos modos de vida e a separação compulsória dessas populações de seus territórios de origem, convertendo a fratura com a terra em uma ferramenta central de dominação.

Ainda que já existisse no Novo Mundo um patriarcado originário²³, o impacto colonial foi muito mais intenso e essa violência recaiu sobre os corpos e territórios de povos racializados e feminilizados, por isso vemos a importância de demarcar a interseção das questões de gênero, raça e classe. Como aponta Ochy Curiel (2012, p. 57), “Uma análise das relações de sexo/gênero deve conter as maneiras como a raça se instalou nesta região que hoje se chama América Latina e Caribe e como isso produziu um neocolonialismo”. Assim, para pensarmos a colonização, é preciso entender seus diferentes recortes.

A colonização europeia, trouxe para os corpos-territórios de Abya Yala o que Tsing (2015; 2019) define como sistema *plantation*: a forma de monocultura baseada na domesticação das espécies que se adaptou conjuntamente ao sistema escravocrata, na expropriação violenta de terras e na destruição da diversidade agrícola. Cana-de-açúcar, café, algodão e tabaco tornaram-se os símbolos de uma economia colonial que reduziu a complexidade ecológica a monocultivos destinados ao mercado europeu.

O conceito de *Plantationocene*, proposto por Donna Haraway (2021) e Anna Tsing (2019), nos ajuda tecer essa construção histórica, pois não se trata apenas de um sistema agrícola, mas da imposição de um modelo de vida e relação com o Corpo-Território que se faz presente até os dias de hoje, conectando o colonialismo à atual crise sistêmica que vivemos.

O colonialismo como sistema de dominação se institui em paralelo ao patriarcado ocidental, ambos articulados para garantir o roubo de terras e corpos, sustentando a acumulação europeia. Como afirma Lorena Cabnal (2010, p. 25), “a separação do corpo-terra das mulheres e dos povos originários foi uma condição de possibilidade para o avanço da colonialidade capitalista e patriarcal”. A monocultura, portanto, não se ergue apenas sobre a exploração da terra, mas sobre a fragmentação dos corpos e o controle da reprodução da vida.

²³ Já havia uma configuração patriarcal, que chamo de patriarcado ancestral originário. Sua conformação, temporalidade, forma de se manifestar e contexto é completamente diferente do patriarcado que atravessou o mar em barcos há 525 anos. Essa conexão patriarcal ou convergência patriarcal vai estabelecer uma nova ordem simbólica de posse dos corpos das mulheres indígenas a partir da concepção de um modelo econômico de posse, imposto pelos colonos, tanto sobre os corpos quanto sobre a terra (Cabnal, 2010, p. 115).

Essa colonialidade agrícola inaugura uma lógica de uniformidade e dependência que perdura até hoje no agronegócio. A monocultura contemporânea, sustentada por pacotes de agrotóxicos e sementes industriais, como mostra Bombardi (2023), é herdeira direta do modelo colonial, caminhando com a concentração da terra e renda e destruição da etnobiodiversidade.

Seguimos pensando as diferentes formas de nomear nossos sintomas como humanidade. Para compreender a escala dessa crise, o debate ambiental introduziu a noção de Antropoceno (Crutzen, 2000), base científica que demarca que a pegada dos humanos sobre a terra tem tanto impacto que criamos uma nova era geológica:

La humanidad en su conjunto se vuelve una poderosa fuerza geológica. A la civilización humana, a su pensamiento y a su trabajo, se les plantea el problema de la transformación de la biosfera en el interés del libre pensamiento de la humanidad como unidad indivisible. Noosfera es esta nueva condición de la biosfera, a la que nos acercamos sin percatarnos" (Vernadsky, 2007 [1943], p. 187 apud La Danta Las Canta, 2017, p. 27).

Contudo, essa categoria universaliza o 'antro' humano, sendo que ao observarmos os modos de vida, não são todos os humanos responsáveis pela catástrofe atual. Podemos dizer que isso se concentra em poucas empresas e pessoas – os chamados super ricos²⁴, que são menos de 1% da população, como aponta o estudo da (Oxfam Brasil, 2024, p. 2). Esse estudo mostra que os super ricos são os principais responsáveis pelas emissões de carbono, evidenciando que "Se todos emitissem carbono na mesma proporção que as emissões do transporte de luxo dos 50 bilionários mais ricos, o orçamento de carbono restante acabaria em dois dias". O estudo da Oxfam ainda aponta que os mais ricos poluem mais devido ao seu estilo de vida e também por seus investimentos. Cerca de 40% dos investimentos desse 1% estão nos principais setores de poluição: petroleiras, mineradoras, transportadoras marítimas e produtoras de cimento.

Autores como Jason Moore (2017) propõem a ideia de Capitaloceno, justamente para evidenciar que é o capitalismo o principal motor gerador dessa nova era geológica. Ainda que seja fundamental compreender o impacto do capitalismo, não alcança a dimensão que vimos no Plantationoceno, que começa conectando o

²⁴ O 1% mais rico controla 43% dos ativos financeiros globais, e os bilionários controlam (como CEOs ou principais investidores 34% das 50 maiores empresas de capital aberto do mundo e 7 das 10 maiores. A emissão de Investimentos dos super-ricos é o fator mais importante do impacto causado por eles sobre as pessoas e o planeta. (Oxfam Brasil, 2024, p. 15)

patriarcado e o colonialismo. Em uma perspectiva ecofeminista, podemos adotar o termo *faloceno*, visto que tanto a terra como as mulheres são vistas como território de conquista: "Nuestro análisis sugiere que la raíz de las actuales relaciones de opresión y de la presente crisis del sistema Tierra se encuentra en la subordinación de las mujeres" (La Danta Las Canta, 2017, p.32).

O pensamento fálico se reproduz na colonização e segue prosperando na era do capital, Vandana Shiva (2019) argumenta que o modelo de desenvolvimento capitalista contemporâneo perpetua a lógica da colonização ao subordinar seres humanos e recursos naturais a interesses econômicos. Tal dinâmica revela a simbiose entre o poder patriarcal histórico e a supremacia do capital neoliberal, mantendo vivo o que a autora denomina pensamento fálico.

A diversidade está sob ataque e precisamos nomear e conhecer as raízes do que reproduz esse sistema, segundo Shiva (2019, p. 71), "Em primeiro lugar, a natureza é separada dos seres humanos; depois, os humanos se separam de acordo com o gênero, a religião, a casta ou a classe".²⁵ Esse pensamento de monocultura, busca separar, criar a ideia de outro, individualizar, para que assim seja possível dominar. Separam para que se perca a força que está no coletivo e na diversidade.

Como evoca Ailton Krenak (2020, p. 22), a terra é um organismo vivo, é nossa mãe, tem muitos povos que nutrem essa relação, eles escolhem não se separar da terra, querem estar sempre juntos dela, no colo da terra. "A organicidade dessa gente é uma coisa que incomoda", pois seus corpos e territórios caminham unidos.

Essa colonização dos corpos-territórios não recaiu de forma igual sobre todos os povos. Sobre as mulheres — camponesas, indígenas, quilombolas — ela se instalou com peso duplo: o da terra expropriada e o do corpo domesticado. O colonialismo, como analisa Cabnal (2010), instituiu-se em paralelo ao patriarcado, e juntos operaram a separação dos povos de suas terras e a subordinação dos corpos femininos como condição de possibilidade da acumulação capitalista. As mulheres da terra em Abya Yala, são guardiãs, pois são a própria terra que caminha.

²⁵ "En primer lugar, la naturaleza es separada de los seres humanos, luego los humanos se separan según el género, la religión, la casta o la clase".

3.4. Mulheres da Terra em Abya Yala: sementes de resistência

Começamos esta parte com uma caracterização da situação que encontramos no rural de Abya Yala. Segundo Korol (2016, p. 22), vivemos uma realidade na qual a sobrecarga das mulheres é central. De acordo com dados da FAO apresentados pela autora, a população rural na América Latina e no Caribe soma 121 milhões de pessoas, das quais 48% são mulheres. Essas trabalhadoras cumprem jornadas de mais de 12 horas diárias, dedicadas tanto à produção de alimentos e cuidado com animais quanto às diversas tarefas de cuidado familiar e comunitário, evidenciando a intensidade do trabalho feminino no campo.

Vemos que as mulheres ocupam uma grande porcentagem da ruralidade e mesmo assim sofrem a violência da invisibilidade; além disso, carregam uma carga tripla de trabalho reprodutivo e doméstico não remunerado, serviços que tornam possível a manutenção do capital. Essa invisibilidade é estrutural, como demonstra Shiva (2003), o modelo agrícola industrial apagou sistematicamente o papel das mulheres na agricultura: eram elas que selecionavam, guardavam e trocavam sementes ao longo de milênios, e foram elas as mais afetadas pela Revolução Verde, que substitui seus saberes por pacotes tecnológicos masculinizados e corporativos. A Via Campesina reconhece essa centralidade ao afirmar que as mulheres camponesas são guardiãs da biodiversidade e que a soberania alimentar não se constrói sem soberania sobre o próprio corpo e o próprio território (La Via Campesina, 2018)

A terra e as mulheres deixaram de ser consideradas sagradas na modernidade colonial e passaram a ser tratadas como propriedade. Podemos observar isso nos dados citados por Korol, onde se mostra que as mulheres são minoria na propriedade da terra, mesmo sendo aquelas que mais tempo passam habitando e cuidando desses territórios.

Diferentes estudos demonstram que as mulheres proprietárias de terra alcançam cerca de 32% no México, 27% no Paraguai, 12% em Honduras, 15% na Guatemala e 13% em El Salvador (Korol, 2016, p. 16, tradução nossa)²⁶

Assim, vemos que, por mais alto que seja o número de mulheres no campo,

²⁶ Diferentes estudios demuestran que las mujeres propietarias de tierra alcanzan cerca del 32% en México, 27% en Paraguay, 12% en Honduras, 15% en Guatemala y 13% en El Salvador

poucas são as que possuem direito à terra, o que reduz sua autonomia, amplia dependências e aumenta as possibilidades de violência mediadas pela dependência em relação ao masculino.

Ainda segundo Korol (2016, p. 20), quando as mulheres não têm acesso à propriedade da terra, isso dificulta a obtenção de benefícios de políticas de desenvolvimento, sejam elas públicas ou privadas. Ao mesmo tempo, quando conseguem acessar essas políticas, muitas vezes são obrigadas a aceitar toda a estrutura da agricultura moderna, uma vez que seus modos tradicionais de produção são considerados subdesenvolvidos. O Colectivo Miradas Críticas del Territorio desde el Feminismo (2017) mostra que quando as mulheres perdem o acesso à terra, perdem também o espaço onde cultivam suas sementes, suas plantas medicinais, seus saberes de cura — perdem, em síntese, o Corpo-Território que sustenta seus modos de vida.

Além disso, nesse novo quadro econômico observa-se um agravamento da situação das mulheres, com a intensificação da exploração por meio das políticas econômicas neoliberais. Como aponta Julieta Paredes (2008), os cortes nas políticas públicas, por meio da redução da seguridade social e da flexibilização dos direitos trabalhistas, recaem principalmente sobre mulheres das classes populares, camponesas e indígenas, que muitas vezes se veem em situações em que vendem sua força de trabalho a custos desumanos, aliados a altas cargas horárias de trabalho. Nesse sentido, ela afirma que:

O peso pesado das reformas econômicas neoliberais caiu fortemente sobre as mulheres de classes baixas e indígenas empobrecidas, no chamado terceiro mundo, do qual faz parte nosso país (Paredes, 2008, p. 4).

Refletimos sobre o mito do desenvolvimento rural, no qual os povos dos países dependentes acabam sustentando o capital transnacional. É essa contradição — as mais invisibilizadas como as mais fundamentais — que as redes de sementes de Abya Yala tornam visível. Como mostrarão os capítulos seguintes, entre 60% e 80% das integrantes dessas redes são mulheres.

A compreensão do desenvolvimento rural hegemônico está conectada à compreensão de seus mecanismos, que têm origem na Revolução Verde e estão relacionados a uma forma de economia imposta à América Latina que nos conduz a um quadro de dependência. Nesse contexto, nossas terras, mulheres e grupos étnicos tornam-se os mais prejudicados, e seus corpos são colocados à margem da

sociedade, a serviço de um progresso que beneficia uma minoria vinculada ao poder latifundiário e agroexportador. Diante disso, torna-se necessário refletir sobre um desenvolvimento rural que rompa com os paradigmas originários do colonialismo e do patriarcado.

3.5. Revolução Verde: desenvolvimento pra quem?

A Revolução Verde baseou-se fundamentalmente em sementes milagrosas que requeriam fertilizantes químicos e que não produziam matéria vegetal para sua incorporação aos solos; a terra passou a ser considerada novamente como um recipiente vazio, que deveria ser preenchido com aportes intensivos de água de irrigação e de fertilizantes químicos. A atividade residia nas sementes milagrosas, que transcendiam os ciclos da fertilidade da natureza. (Shiva, 2001, p. 82, tradução nossa)²⁷

Na obra *Biopirataria*, de Vandana Shiva, ela chama a Revolução Verde como a segunda chegada de Colombo, pois trouxe tanta destruição quanto a chegada dos invasores. O impacto foi tanto que a terra novamente foi vista como um recipiente vazio sobre domínio do homem.

A chamada Revolução Verde, nas décadas de 1960-70, vem como uma promessa de melhorar a forma como se fazia agricultura e nasce fruto das tecnologias pós-guerra. Ela constantemente faz referência a suas máquinas, tanques, aviões que pulverizam químicos tóxicos e até ao nomear suas criações, como o caso de alguns dos seus OGM, chamados de *Terminator*.

A Revolução Verde se apresentava com o discurso do desenvolvimento, uma forma de encantamento moderno que tomou forma nos pacotes tecnológicos que combinavam sementes “melhoradas”, fertilizantes químicos, mecanização e agrotóxicos, com promessas de melhorias para a vida dos agricultores e para economia dos países. Na verdade, ela criou um cerco de commodities, dependência estrutural de insumos industriais e crédito estatal, concentração de renda e de terras. Segundo Fábio Pachón (2011, p. 27), “algumas palavras-chave que têm guiado o discurso desenvolvimentista no mundo são: produção, energia mecânica, prosperidade, saber científico e tecnologia”.

Naquele mesmo período, junto às ideias de desenvolvimento surgia a ideia de

²⁷ La Revolución Verde se basó fundamentalmente en semillas milagrosas que requerían fertilizantes químicos y que no producían materia vegetal para su incorporación a los suelos, la tierra pasó a ser considerada nuevamente como un recipiente vacío, que había que llenar con aportes intensivos de agua de riego y de fertilizantes químicos. La actividad residía en las semillas milagrosas, que transcendían los ciclos de la fertilidad de la naturaleza.

Terceiro Mundo. Segundo Arturo Escobar (1998, p. 21), em *A Invenção do Terceiro Mundo*, “tudo começa com a ideia do sonho americano e com a noção de desenvolvimento”. Com a ideia de desenvolvimento também surge a ideia de subdesenvolvimento, condicionando que tudo aquilo que não esteja incluído no paradigma da agricultura moderna seja subjugado e deslegitimado pelo modo de produção dominante.

A ciência tem sido uma das vias pelas quais o agronegócio legitimou seu modo de produção, utilizando-a como ferramenta para justificar a hegemonia da agricultura extrativista. O sistema capitalista, em sua forma insustentável de desenvolvimento, busca constantemente expandir seu crescimento através da ideia de “desenvolvimento”, algo que serve para a manutenção do *status quo*, pois a verdade é que esse sistema depende da exploração e da desigualdade social para manter poucos no poder e continuar utilizando os corpos femininos e a terra como meios para a acumulação de capital.

Assim, podemos refletir sobre o mito do desenvolvimento rural, onde os povos dos países dependentes acabam sustentando o capital transnacional.

A cosmofofia é a necessidade de desenvolver, de desconectar, de afastar-se da originalidade. A cosmofofia é a mesma coisa que o pecado original. E tudo o que é original assusta o eurocristão monoteístas (Bispo dos Santos, 2023, p 14)

A ideia de desenvolvimento é cosmofóbica, ao ignorar os diferentes mundos e compreensão de tempo, seguindo uma lógica de monocultivos. A compreensão do desenvolvimento rural hegemônico está conectada à compreensão de seus mecanismos, que vêm da Revolução Verde e estão relacionados a uma forma de economia imposta à América Latina, nos levando a um quadro de dependência. Nossas terras, mulheres e grupos étnicos são os mais prejudicados e seus corpos são colocados à margem da sociedade, a serviço de um progresso que beneficia uma minoria que detêm o poder, ligada ao latifúndio e ao modelo agroexportador.

Por essas questões chamamos essas ideias de desenvolvimento rural e globalização de uma modernização conservadora, que são repetições de padrões já existentes, com maior precarização, apenas apresentadas com novos nomes, por meio de bandeiras como progresso, nação, ciência e até liberdade, mas que seguem reproduzindo opressões sobre os corpos das mulheres e dos territórios.

3.6. Digitalização da agricultura, novas roupas do velho monocultivo

Em um estudo realizado por GRAIN e ETC Group (2025), organizações internacionais reconhecidas por suas pesquisas críticas sobre concentração corporativa no sistema alimentar global, em que são atualizados os dados do relatório *Barões do agronegócio* (2022), é analisado o grau de controle exercido por grandes oligopólios transnacionais sobre sementes, agrotóxicos e tecnologias agrícolas. As corporações de sementes modificadas seguem focando no setor genético e integração da inteligência artificial no controle de dados genéticos para digitalização da agricultura.

Tabela 1 – Concentração das 9 maiores empresas do mercado de OGM

Classificação	Empresa	Sede	Vendas em 2023 (US\$ milhões)	Participação no mercado global (%)
1	Bayer	Alemanha	11.613	23
2	Corteva	EUA	9.472	19
3	Syngenta	China/Suíça	4.751	10
4	BASF	Alemanha	2.122	4
As 4 principais			27.958	56
5	Vilmorin & Cie (Groupe Limagrain)	França	1.984	4
6	KWS	Alemanha	1.815	4
7	DLF Seeds	Dinamarca	838	2
8	Sakata Seeds	Japão	649	1
9	Kaneko Seeds	Japão	451	0,9
Total das 9 principais			33.695	67
Mercado mundial total			50.000	100

Fonte: elaborado pela autora a partir de GRAIN & ETC Group (2025).

Observa-se que quatro grandes corporações controlam mais de 56% do mercado global de sementes comerciais: Bayer (Alemanha), Corteva (Estados Unidos), Syngenta (China/Suíça) e BASF (Alemanha). Esse cenário revela um regime de hiperconcentração corporativa que aprofunda a dependência tecnológica e a financeirização dos territórios. As mesmas corporações que dominam o mercado global de sementes comerciais também controlam a maior parte do mercado de agrotóxicos. Bayer, Syngenta, Corteva e BASF concentram conjuntamente mais de 60% das vendas globais de pesticidas, configurando um oligopólio integrado que articula sementes transgênicas, pacotes químicos e plataformas digitais.

Para esses grandes 4 barões do agronegócio, a agricultura é mais uma forma de fazer crescer seu capital e poder, uma dinâmica que afeta profundamente a biodiversidade e converte as sementes em meros ativos digitais, integrados a plataformas de controle de dados e a circuitos financeiros globais. A plataforma digital FieldView, da Bayer, por exemplo, coleta 87,5 bilhões de pontos de dados provenientes de 180 milhões de acres (78,2 milhões de hectares) em 23 países, os quais são armazenados em servidores em nuvem da Microsoft e da Amazon.

Vemos cada vez mais a atualidade da afirmação de Vandana Shiva:

O alimento é uma arma. Quando você vende armas, armas de verdade, você controla exércitos. Quando você controla o alimento, você controla a sociedade. Quando você controla as sementes, você controla a vida no planeta Terra! (No documentário *As sementes de Vandana Shiva*, 2021)

Quem controla as sementes controla os alimentos e quem controla os alimentos possui uma arma que está todos os dias em nossas casas, em nossos corpos, sistematicamente, moldando nosso ser. Segundo estudo de Marion Nestlé (2019) em *Uma verdade indigesta: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos*. Esse processo intensifica a monocultura não apenas na questão agrícola mas alimentar e cultural, impondo padrões homogeneizados que destroem a soberania alimentar e a saúde das populações.

Atualmente vivemos um processo chamado de digitalização da agricultura, que vem sendo apresentado como uma nova fase do modelo agrícola industrial, ampliando a lógica de controle e dominação que já caracteriza o agronegócio. O mapeamento do ETC Group (2022) mostra um cenário de hiperconcentração e “plataformização” do sistema alimentar, com conglomerados que articulam

sementes, agroquímicos, biomassa, logística, nuvem de dados e finanças. Essa digitalização abre uma nova rodada de cercamentos, agora sobre informações genéticas e dados agronômicos, instaurando um colonialismo de dados que prolonga o velho colonialismo da terra.

O conceito de digitalização da agricultura, explorado no relatório *Food Barons 2022 – Barões do Agronegócio* – do ETC Group (2022), evidencia como as grandes corporações estão centralizando o controle sobre os meios de produção agrícola por meio de plataformas digitais. Empresas como Bayer/Monsanto, Syngenta e Cargill desenvolvem ecossistemas fechados que integram sementes geneticamente modificadas, insumos químicos e sistemas de monitoramento digital. Essas plataformas permitem que as corporações controlem cada etapa do processo produtivo, desde a escolha das sementes até a colheita e comercialização.

A digitalização gera uma "economia de dados" que amplifica a assimetria de poder no campo agrícola. Segundo o ETC Group (2022), as corporações utilizam dados agrícolas para criar barreiras de entrada no mercado, dificultando a adoção de práticas alternativas como a agroecologia. Além disso, a centralização de dados aumenta os riscos de violações de privacidade e exploração, enquanto os agricultores perdem o controle sobre suas próprias informações.

Nesse contexto, a questão genética ganha destaque, pois as corporações buscam patentear organismos geneticamente modificados (OGMs) e controlar as cadeias produtivas por meio de propriedade intelectual. Vandana Shiva (2001) argumenta que a biotecnologia é uma forma de "biopirataria", onde o conhecimento ancestral sobre sementes é apropriado e transformado em propriedade privada. As patentes sobre genes e sementes criam barreiras legais que impedem os agricultores de salvar e trocar sementes, perpetuando sua dependência em relação às corporações.

Um exemplo da colonização através de patentes é o caso da Colômbia. havia um decreto que proibia o plantio de determinadas espécies. “A modificação do Código Penal penaliza a usurpação com quatro a oito anos de prisão e multas entre 26 e 1.500 salários-mínimos legais vigentes” (Hernández Vidal; Gutiérrez Escobar, 2019, p. 47). Através desses mecanismos, o ato de propagação das sementes crioulas é criminalizado e perseguido, com a conivência do Estado, minando a soberania do povo.

Entramos na fronteira onde a vida é reprogramada, a era dos transgênicos e

das patentes. Aqui, a semente deixa de ser bem comum e passa a ser mercadoria, os transgênicos são apresentados como a mais alta tecnologia mas são uma atualização da monocultura e regime de colonização dos corpos e territórios, que define quem pode semear, colher, guardar, vender e até mesmo nomear a vida. Porém, iniciativas como a do México, que proibiu no território nacional a utilização de sementes transgênicas de milho, apontam para possibilidades de futuro.

3.7. A colonização das sementes, justiça ambiental e novo constitucionalismo latino-americano

A ciência hegemônica e cartesiana unificada com o aparato político-jurídico são instrumentos das classes dominantes para controle sistemático e manutenção da lógica de monocultivo. Através desse sistema jurídico e científico se justificam atrocidades, que são feitas conforme a lei e a ciência, enquanto "As sabedorias dos povos ameríndios", são reduzidas no campo pedagógico a uma condição folclórica. O mesmo ocorre com as culturas afro-brasileiras" (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021, p. 2).

A justiça só poderá ocorrer quando possamos ir às origens, quando a lei seja feita conforme a vontade do povo que habita o território, assim o novo constitucionalismo latino-americano é uma emergência ancestral, para começarmos a tecer uma sociedade verdadeiramente democrática.

A regulação das OGM e das sementes está inserida em um movimento internacional de propriedade intelectual vinculado à expansão do agronegócio global (Toro Pérez; Bravo; Vélez, 2014). Esse processo tem sido descrito por diversos autores como uma forma de biopirataria e biocolonialidade.

Como apontam Catalina Toro Pérez, Elizabeth Bravo e Germán Vélez (2014), a questão das patentes é estruturante no controle corporativo sobre a agrobiodiversidade. O principal instrumento desse sistema é o acordo é a União Internacional para a Proteção das Obtenções Vegetais (UPOV) que foi criado em 1961 e vem assumindo diferentes roupagens ao longo dos anos, sendo um acordo de governança global, que estabelece direitos de propriedade intelectual sobre variedades vegetais, criando mecanismos legais que podem restringir o uso, reprodução e circulação de sementes por agricultores.

No Brasil, o principal marco legal que regula o setor é a Lei nº 10.711/2003

(Brasil, 2003), que institui o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças (SNSM) e estabelece normas para produção, certificação, beneficiamento e comercialização de sementes no país. A legislação determina que produtores que comercializam sementes devem estar no Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RENASEM) e que as cultivares devem ser inscritas no Registro Nacional de Cultivares (RNC) (Brasil, 2004). Entretanto, devido à organização dos movimentos sociais rurais essa lei que visa controlar as sementes teve exceções importantes para agricultores familiares, assentados da reforma agrária e povos indígenas, que podem multiplicar sementes para distribuição, troca ou comercialização entre si sem necessidade de inscrição nesses registros, assim, sementes crioulas e nativas não precisam ser registradas no Registro Nacional de Cultivares (RNC) de acordo com a Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003 (Brasil, 2003). Os marcos de sementes dialogam com as políticas públicas voltadas à agroecologia e à agricultura familiar, como a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) instituída pelo Decreto nº 7.794/2012 (Brasil, 2012), O PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) (Brasil, 2009a) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) (Brasil, 2009b) que incentiva a conservação da agrobiodiversidade, fortalecimento de sistemas agrícolas sustentáveis e garante que agricultura familiar possa se fortalecer.

No Brasil, o principal marco legal que regula o setor é a Lei nº 10.711/2003, que institui o Sistema Nacional de Sementes e Mudanças (SNSM) e estabelece normas para produção, certificação, beneficiamento e comercialização de sementes no país. A legislação determina que produtores que comercializam sementes devem estar no Registro Nacional de Sementes e Mudanças (RENASEM) e que as cultivares devem ser inscritas no Registro Nacional de Cultivares (RNC). Entretanto, devido à organização dos movimentos sociais rurais essa lei que visa controlar as sementes teve exceções importantes para agricultores familiares, assentados da reforma agrária e povos indígenas, que podem multiplicar sementes para distribuição, troca ou comercialização entre si sem necessidade de inscrição nesses registros, assim, sementes crioulas e nativas não precisam ser registradas no Registro Nacional de Cultivares (RNC) de acordo com a Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003.

Os marcos de sementes dialogam com as políticas públicas voltadas à agroecologia e à agricultura familiar, como a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) instituída pelo Decreto nº 7.794/2012, o PAA

(Programa de Aquisição de Alimentos) e o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) que incentiva a conservação da agrobiodiversidade, fortalecimento de sistemas agrícolas sustentáveis e garante que agricultura familiar possa se fortalecer.

Na Argentina, a regulação das sementes é estruturada principalmente pela Ley de Semillas y Creaciones Fitogenéticas n. 20247 (Argentina, 1973), que estabelece normas e um sistema de proteção de variedades vegetais por meio do direito de proteção de obtentores, como o Registro Nacional de Cultivares e o Registro Nacional de la Propiedad de Cultivares. A implementação e fiscalização dessas normas são conduzidas pelo Instituto Nacional de Semillas (INASE), criado posteriormente para administrar o sistema de controle e registro de sementes. A legislação argentina também incorporou princípios internacionais de proteção de cultivares ao aderir à UPOV por meio da Ley n. 24376 (Argentina, 1994), reconhecendo direitos de propriedade sobre variedades vegetais, adotando exceções para o caso de sementes crioulas e nativas.

Na Colômbia, as disputas em torno da legislação de sementes tornaram-se particularmente intensas nas últimas décadas. Um episódio central foi a aprovação da Ley 1518 de 2012 (Colombia, 2012a), conhecida como lei de sementes, que buscava incorporar o país ao regime internacional de proteção de cultivares estabelecido pela União Internacional para a Proteção das Obtenções Vegetais (UPOV) a luta camponesa e insigena foi tanta que essa lei foi revogada e Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC) teve um importantíssimo papel nessa resistência e vemos na Sentencia C-1051 de 2012 (Colombia, 2012b), que a Corte Constitucional considerou que sua aprovação ocorreu sem a realização de consulta prévia a povos indígenas e comunidades étnicas potencialmente afetadas, violando direitos coletivos reconhecidos pela Constituição Colombiana.

Dentre os países citados o que mais caminha com avanços e realmente oferece uma justiça para o caso das sementes é o Equador, o marco jurídico mais recente que regula a conservação e circulação de sementes é a Ley Orgánica de Agrobiodiversidad, Semillas y Fomento de la Agricultura Sustentable, aprovada em 2017 (Ecuador, 2017). Essa legislação tem princípios de proteção da agrobiodiversidade agrícola e reconhece o papel dos agricultores, povos indígenas e comunidades rurais na conservação das sementes nativas e tradicionais. A lei também se articula com princípios constitucionais estabelecidos na Constitución de

la República del Ecuador (Ecuador, 2008), que consagra a soberania alimentar como eixo das políticas agrícolas nacionais. Em seu artigo 401, a Constituição determina que o Equador é um país livre de cultivos e sementes transgênicas, proibindo a introdução de OGM no território nacional, salvo em casos excepcionais declarados de interesse nacional pela Assembleia Nacional.

Na questão das legislações de sementes cabe um estudo mais aprofundado, visto que esse é um dos principais mecanismos para manutenção do poder dos barões do agronegócio. Esses pequenos resumos dos casos de Brasil, Equador, Argentina e Colômbia e vemos como o direito bem como a ciência hegemônica são usadas como ferramentas para justificar o interesse das classes dominantes, o Estado burguês que tem como ferramenta o Estado de Direito, que é o meio legal pelo qual a justiça e a política ambiental ocorrem em nossa sociedade de acordo com (Sartori, 2013).

Desta forma vemos a complexidade da justiça ambiental, que existe numa sociedade contraditória onde entendemos também o movimento dialético da injustiça ambiental já que em geral os meios legais favorecem os interesses das classes dominantes, como nos casos da implementação dos transgênicos na Colômbia, na Argentina, Brasil e no Equador, onde as transnacionais empresas do agronegócio, são favorecidas do próprio Estado mesmo em casos onde existem evidências técnico-científicas dos problemas causados pelas sementes da morte. Pelas palavras de (Sartori, 2013), mesmo que a lei seja burguesa, existe a mediação da sociedade.

Enquanto seguirmos importando conceitos do Norte global não será possível fazer justiça, por isso a importância de implantar um Novo constitucionalismo latino-americano, que possa questionar o agronegócio e seus variantes com roupagens da bioeconomia, capitalismo sustentável e “desenvolvimento”, Escobar (1998) argumenta que a estruturação da economia nos séculos XIX e XX, ao se desvincular das dinâmicas sociais e culturais em nome do individualismo, criou uma esfera autônoma com regras próprias. Esse processo resultou em sérios danos para a relação entre a humanidade e sua relação como parte da natureza.

Da mesma forma, com as propostas de desenvolvimento sustentável, as políticas continuam a ser pautadas pelo modelo de produção que busca produção e consumo infinitos em uma terra com recursos finitos.

Diante desse impasse, o Novo Constitucionalismo Latino-Americano aponta um caminho complexo, porém necessário: o equilíbrio entre uma proteção judicial robusta dos direitos e o fomento à participação democrática. Conforme argumenta Felix Pablo Friggeri (2022b, p. 176), o desafio reside em desenvolver uma teoria da justiça constitucional para a região que promova ativamente o envolvimento da sociedade.

Desta forma, ocorre o resgate dos conhecimentos ancestrais, para um futuro ancestral do fortalecimento das epistemes latino-americanas, podemos tomar como inspiração os casos de Equador com o reconhecimento do Bem Viver e dos direitos da mãe natureza, bem como a constituição Boliviana com o reconhecimento um estado plurinacional, esses avanços são também sementes do Bem Viver.

O que está em jogo é a própria continuidade da vida. Assim, este capítulo mostrou que a crise das sementes parte de uma crise sistêmica. Reconhecê-las como patrimônios bioculturais é afirmar a soberania alimentar e abrir caminhos para futuros plurais em Abya Yala. É nesta encruzilhada que germina o próximo passo: compreender como as redes de sementes se organizam e florescem como alternativas concretas para a regeneração do Corpo-Território.

4. REDES DE SEMENTES EM ABYA YALA - Reflorestando Corpo-Território.

Eu deixei tudo lá. Tinha terra, casa, freezer, geladeira. Mas vi que aqui era coletivo, o importante da rede é isso, estar em coletivo. Um ajuda o outro, quando eu preciso, venho pra cá, quando eles precisam, vou pra lá.

Valmir Oliveira (2025, Guardiã de Sementes, Teia dos Povos, entrevista).

A proposta é produzir e espalhar. Pra quem não pode pagar, a gente dá. Pra quem pode, a gente vende. Mas nunca deixa de circular. A rede é isso.

Luciano Payayá (2025, Guardiã de Sementes, Teia dos Povos, entrevista).

As redes de sementes plantam o Bem Viver, tecendo a coletividade como traz Valmir Oliveira (2025, entrevista), mestre guardião de sementes, indígena, de ancestralidade Charrua e Guarani que deixou a vida no Rio Grande do Sul para se unir à causa da Teia dos Povos no interior da Bahia. As redes são essas ferramentas cosmopolíticas (De La Cadena, 2015), que fazem as sementes do Bem Viver se multiplicarem, como diz o jovem indígena Luciano Payaya: a proposta da rede é espalhar sementes.

Com esses relatos iniciamos este capítulo que parte de reflexões, análises, através da Investigação-Ação Participativa (IAP) de Orlando Fals Borda (2009) , no princípio do sentipensar, e o exercício de resgate de memórias através da história oral de Silvia Rivera Cusicanqui (1987).

As redes de sementes são as grandes responsáveis por fazer esse trabalho em diferentes partes do planeta Terra, assim também em Abya Yala essas redes vêm tomando força, redes que são compostas por guardiãs de sementes, pessoas que dedicam suas vidas ao cuidado das sementes. O trabalho em rede é ancestral, as redes organizam nossa confluência. Já dizia Antonio Bispo dos Santos:

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso (Bispo dos Santos, 2023, p.4)

Assim, o trabalho das redes de sementes é fundamentado por essa comunidade de pessoas que se unem em prol de uma causa em comum, reunindo forças para resistir com estratégia. Tanto a causa das sementes como a organização em comunidade é ancestral, tem a ver com um chamado germinante da proteção da origem da vida.

A rede é cosmopolítica, pois, através da rede retomamos a coletividade e fortalecemos saberes e práticas ancestrais que tecem a resistência. Cosmopolítica, segundo De la Cadena (2015, p. 286), é uma política que faz referência ao cosmos, ao desconhecido e aos múltiplos mundos que as articulações podem alcançar. Essa forma de fazer política é algo ancestral, os povos indígenas sempre praticaram a cosmopolítica.

Os povos do Cauca, na Colômbia, por exemplo, adotam o termo *política ancestral* ou *lei de origem* para referir-se a essas outras formas de organização que diferem do sistema mundo colonial. O CRIC – Conselho Regional dos Povos Indígenas do Cauca, que é uma das organizações de resistência indígena na Colômbia, vem organizando sua política em torno de salvaguardar a terra e as tradições originárias:

Nossas lutas de ontem e de hoje têm sido para guardar a terra. Mas também para governarmos a nós mesmos e levar adiante nossos costumes. (CRIC, 1971, p.16, tradução nossa)²⁸

Assim suas cosmoperpecções organizam as tomadas decisões que vêm sendo construídas ao longo dos anos e são passadas de geração para geração:

Também nos ensinam que a luta é longa. Que começou há séculos e não termina. Que as derrotas não acabaram com a paciência do índio, que segue lutando. (CRIC, 1971, p.16, tradução nossa)²⁹

Aqui vemos um exemplo dessa resistência que não separa a política da cultura e dos modos de viver. As redes tecem uma cosmopolítica, uma estratégia de luta conectada com uma visão de mundo, por isso também são organizações cosmopolíticas.

4.1. Movimentos de sementes e redes de semente a nível global e em Abya Yala

As redes de sementes são campos amplos de articulações sociais, culturais, políticas e territoriais que colocam as sementes no centro das disputas pela vida. Podendo assumir diferentes categorias, enfoques, como proteção das sementes

²⁸ Nuestras luchas de ayer y de hoy han sido por guardar la tierra. Pero también para gobernar nosotros mismos y echar adelante nuestras costumbres.

²⁹ También nos enseñan que la lucha es larga. Que comenzó hace siglos y no se termina. Que las derrotas no han acabado con la paciencia del indio, que sigue luchando.

crioulas, soberania alimentar, justiça climática, agroecologia, restauração ecológica, reforma agrária.

As sementes são territórios em disputa (Shiva, 2001) e para compreendermos o que é uma rede de sementes, vamos tratar de observar o que **não** é rede de sementes: as organizações sociais que se articulam apenas com fins lucrativos, sem preocupações éticas, sustentáveis não entram na nossa análise de rede de sementes do Bem Viver, pois estas estão operando dentro da lógica do mercado e do monocultivo de gente e de semente.

Dizer o que não é rede de semente tem se tornado fundamental, já que nos últimos anos existe uma tentativa do chamado capitalismo verde de aparecer, de assumir um discurso mais sustentável e vendável ao público. Essas organizações do agronegócio vêm adotando uma imagem mais amigável, mas quando vemos suas ações violentas contra a vida, notamos o que chamamos de *greenwashing*³⁰ e alertamos a respeito de redes corporativas a serviço da mercantilização da vida e da propagação do colonialismo químico (Bombardi, 2023).

As redes de sementes fazem parte de um movimento social em torno das sementes, em especial para o caso das redes latino-americanas. Adotamos a análise de Maristella Svampa (2010) para refletir em conjunto, sendo essas articulações camadas sociais que fazem parte dessa nova onda de movimentos sociais autônomos, ligados a questões ambientais, agrárias, identitárias, que podem vir a ser captadas pelo capitalismo, mas representam uma construção própria dos povos e um movimento de resposta ao neoliberalismo. Como argumenta Escobar (2014), às lutas por território são lutas pela defesa dos muitos mundos que habitam o planeta.

Apesar das redes de sementes serem movimentos que valorizam as especificidades e particularidades de cada território, também são movimentos que articulam ações a nível global, situando a rede no cosmos, como diria Antonio Bispo dos Santos – ao falar da cosmofofia –, já que as redes fazem a conexão do micro com o macro.

Como referência dessa luta citamos o movimento *Seed Satyagraha*, inspirado na filosofia de Gandhi, que significa “semente da verdade e do amor”: Verdade

³⁰ Em uma tradução literal seria um “banho verde”, que faz referência às ações que buscam mascarar os reais impactos socioambientais através de discursos e ações superficiais lidas como sustentáveis e amigáveis.

(*satya*), Amor e Firmeza (*agraha*). Aplicando esses conceitos como uma forma de protesto não-violento contra o "colonialismo das sementes" organizado no ano de 1999, o movimento integrou o Navdanya, que é um importante banco de sementes da Índia, a luta contra as patentes, *No Patents on Seeds*. Integrando a luta por direitos humanos, liberdade das sementes, biodiversidade e conhecimentos ecológicos, o movimento, apesar de ser sediado na Índia, teve atuação global e hoje assume o nome de Movimento Global pela Liberdade das Sementes, no nome original *Seed Freedom*, fundado em 2012 pela organização Navdanya International, que foi impulsionado por Vandana Shiva quando ela articulou agricultoras e agricultores, ativistas e coletivos em diferentes países.

Outro movimento fundamental a nível global é a Vía Campesina, que nasceu formalmente em 1993, sendo uma das maiores articulações internacionais de agricultores familiares, mulheres rurais e povos indígenas, reunindo organizações em mais de 80 países. Acumulando diferentes ações em torno das sementes, destacamos a campanha global "Sementes Patrimônio do Povo A Serviço da Humanidade" que foi formalmente inaugurada do Fórum Social Mundial, no ano de 2003, em Porto Alegre (RS). Em português a campanha tem as seguintes palavras de luta:

Sem sementes, não há agricultura; sem agricultura, não há alimentos; e sem alimentos, não há povos. Alimentamos nossa gente e construímos o movimento para modificar o mundo! (Nyéléni, 2019, tradução nossa).³¹

Essa campanha reafirma o direito dos povos de guardar, trocar e multiplicar suas próprias sementes, compreendidas como herança coletiva e base material da diversidade agrícola. Além de defender variedades nativas e crioulas, é feita a promoção de agroecologia e agricultura sustentável, bem como as redistribuições fundiárias, pois sem terra não tem como realizar agricultura, nem como proteger sementes. Como afirma Shiva (2016), quem controla as sementes controla a vida no planeta Terra.

Além disso, em termos dos movimentos em torno das sementes, é fundamental destacar o papel de organismos transnacionais, como é o caso da ONU, bem como o papel de governos e outros intermediários da sociedade política estatal.

³¹ Without seeds, there is no agriculture; without agriculture, there is no food; and without food, there are no peoples. We feed our people and build the movement to change the world!

Em termos institucionais fica evidente o papel estratégico da governança global de sementes, como é o caso da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). Por meio de tratados internacionais, a FAO-ONU interfere nas agendas globais que afetam as sementes, suas redes e guardiões.

Em Abya Yala, temos movimentos como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), nascido no Paraná em 1984, que também incorporaram as sementes como eixo estratégico de sua ação, desenvolvendo experiências como a Rede de Sementes Agroecológicas BioNatur, reconhecida como a maior produtora de sementes agroecológicas latino-americana. Essa iniciativa une biodiversidade agrícola, educação popular, soberania alimentar e territorial, evidenciando que as redes de sementes não operam de forma isolada, mas atravessam a luta pela terra, a construção de autonomias locais.

Assim as primeiras redes surgem estrategicamente como uma resposta à Revolução Verde, que depois impôs suas sementes geneticamente modificadas e as empresas transnacionais que concentram o poder (Hernández Vidal; Gutiérrez Escobar, 2019, p.41).

4.2. Conhecendo as diferentes redes de sementes

Criamos uma categorização das redes de sementes com objetivo de organizar a diversidade de experiências sem reduzir sua complexidade. Inspirada nas tipologias do Serviço Florestal Brasileiro (2025) e nas discussões do Redário (2025) e também com base nos estudos de campo por Abya Yala.

É preciso diferenciar os estilos das redes para compreender as diferentes organizações, embora muitas sejam mistas e transitem por diferentes modelos, foi possível identificar quatro configurações principais de redes de sementes.

Sendo elas: Redes de sementes nativas; Redes de sementes crioulas ou locais; Redes mistas de sementes; Redes relacionadas às redes de sementes, ou seja, Redes de redes.

Redes de sementes nativas

Identificamos como redes de sementes nativas aquelas focadas nas sementes para uso na restauração ecológica e proteção de sociobiodiversidade, caracterizada pela coleta, beneficiamento e a circulação de espécies da flora nativa

e também espécies exóticas, ou seja, não originárias dos biomas nacionais.

Essas redes salvaguardam sementes com foco na comercialização, mas também para autoabastecimento. As sementes podem ter fins em usos etnoculturais associados aos territórios, como artesanato, medicinas tradicionais, alimentação humana e de espécies companheiras (Tsing, 2015).

Também atuam como organismo que pressionam para que legislações e acordos internacionais e nacionais que envolvem a restauração florestal se desenvolvam sob a égide da Década da Restauração:

O potencial da restauração para transformar desigualdades ambientais e sociais mobilizou dezenas de países a estabelecer compromissos ambiciosos para recuperar 350 milhões de hectares de terras degradadas até 2030, como o Bonn Challenge, a Declaração de Nova York sobre Florestas e a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas de 2015 (UNFCCC COP21) — Acordo de Paris. Os programas de restauração mais extensos em escala mundial devem ser implementados em regiões tropicais, onde existe maior viabilidade para a recuperação dos serviços ecossistêmicos (Urzedo et al., 2020, p. 2 – tradução nossa).³²

Operam por meio de técnicas como a semeadura direta e da muvuca e também na criação de mudas, articulando comunidades locais, povos indígenas, organizações da sociedade civil e instituições públicas.

No Brasil existe um histórico das redes de sementes nativas bem organizado, segundo o curso *Saberes da Floresta: Coleta e produção de sementes de espécies nativas para a restauração de ecossistemas* (Serviço Florestal Brasileiro, 2025). O processo de organização das redes de sementes nativas no Brasil pode ser compreendido a partir de cinco gerações históricas, marcadas por diferentes contextos institucionais e objetivos estratégicos (Serviço Florestal Brasileiro, 2025).

A primeira geração em 1992 surge no período posterior à Rio-92, com a finalidade de integrar a coleta de sementes e a produção de mudas, articulando coletores e viveiristas no contexto inicial das políticas de restauração ambiental. A segunda geração, em 1999, consolida-se por meio de editais públicos, especialmente com a proposta de estruturar ao menos uma rede em cada bioma

³² The potential capacity of restoration to transform environmental and social inequalities has mobilized dozens of countries to establish ambitious pledges for recovering 350 million hectares of degraded lands by 2030, such as the Bonn Challenge, the New York Declaration on Forests, and the 2015 United Nations Climate Change Conference (UNFCCC COP21)—Paris Agreement. The most extensive worldwide restoration programs must be implemented in tropical regions where there is the highest feasibility for recovery of ecosystem services.

brasileiro, priorizando capacitação técnica e produção de materiais formativos; contudo, muitas dessas iniciativas foram descontinuadas após o encerramento dos financiamentos.

A terceira geração, em 2007, emerge como resposta à necessidade de garantir a produção contínua de sementes, diante da fragilidade institucional observada anteriormente. Em seguida, a quarta geração, em 2011, caracteriza-se pela consolidação de redes de base comunitária, fortalecendo arranjos sociais já existentes e ampliando a dimensão territorial dessas iniciativas. Por fim, a quinta geração, em 2023, momento atual indicado pelo curso, tem como objetivo central articular produção de sementes e produção de conhecimento, combinando organização social, qualificação técnica e estruturação de mercado, com vistas à sustentabilidade das ações de restauração ecológica no país.

Elas se organizam tanto de forma informal quanto formal, como no caso do Brasil que possui uma legislação específica para o regulamento de sua atuação através da Lei nº 10.711, de 5 de agosto de 2003, conhecida como Lei de Sementes e Mudas, que instituiu o Sistema Nacional de Sementes e Mudas (SNSM). Além disso, existe o Registro Nacional de Sementes e Mudas (RENASEM), que é o cadastro de pessoas físicas ou jurídicas que permitem a comercialização de sementes nativas e mudas.

Nos casos da Argentina, do Equador e da Colômbia, cabe um estudo mais profundo pois, pelo que pude observar, o Brasil é o único que possui legislações específicas para as sementes nativas de restauração.

Evidenciando o pioneirismo do Brasil no que tange ao tema das sementes nativas e da restauração ecológica em larga escala, cabe às nossas redes brasileiras compartilhar os saberes plantados ao longo dos anos para que seja possível ampliar a restauração na mão de redes de sementes comunitárias.

As redes de sementes nativas sobrevivem por meio de diferentes estratégias. Além da autogestão comunitária, da multiplicação e comercialização de sementes, muitas iniciativas também acessam editais públicos vinculados a políticas governamentais, bem como financiamentos promovidos por organizações da sociedade civil e organizações não governamentais. Esses apoios podem ocorrer tanto em escala nacional quanto internacional, envolvendo projetos voltados à conservação da sociobiodiversidade, ao fortalecimento de guardiões e guardiãs de sementes, à criação de bancos comunitários e a iniciativas relacionadas ao

pagamento por serviços ambientais e à restauração ecológica.

Exemplos incluem a Rede de Sementes do Xingu (RSX), Rede do Vale do Ribeira (RSV) e a Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD).

Redes de sementes crioulas

As redes de sementes crioulas são organizações voltadas à conservação, circulação e multiplicação focadas nas variedades de sementes da agrobiodiversidade, produção agrícola e manutenção dos modos de vida das comunidades que vivem do plantio, sejam elas povos da cidade ou da floresta. Para essas redes não existe limite entre urbano e rural, elas chegam onde há gente e terra para plantar.

Há muitas variedades agrícolas de sementes, seja para consumo, comércio, preservação de variedades, uso em artesanato e outras atividades centrais para vida de famílias camponesas, comunidades tradicionais e povos originários e tantos outros povos e comunidades tradicionais. Como argumenta Shiva (2003), a perda das sementes crioulas é também a perda de modos de vida e de saberes milenares.

Para garantir a continuidade dessas variedades e dos conhecimentos associados a elas, as redes desenvolvem múltiplas estratégias de conservação e circulação. Entre as mais conhecidas estão as feiras e festas de sementes, os bancos ou casas comunitárias de sementes, sistemas de troca e doação entre agricultores e agricultoras que serão melhores apresentadas no Capítulo 5. Além dessas iniciativas, diversas redes promovem intercâmbios entre comunidades e redes, registros participativos e processos de formação.

Também se organizam para prestar apoio aos agricultores a respeito das políticas públicas e projetos de financiamento, para que se possa escalar as produções e garantir melhor qualidade de vida, esse processo também faz parte da democratização do conhecimento, uma vez que o acesso à informação sobre direitos, legislações e políticas públicas nem sempre chega a todos os agricultores, guardiões e comunidades envolvidas.

Nesse sentido, as redes de sementes desempenham um papel importante ao promover a circulação de saberes, compartilhando informações sobre práticas agrícolas, conservação da agrobiodiversidade e acesso a direitos, contribuindo para fortalecer a autonomia das comunidades e ampliar sua capacidade de organização

coletiva. Essa capacidade é chamada de educação própria, como argumenta Fals Borda (2009).

Esse apoio ocorre tanto de maneira micro, apoiando no dia a dia a produção das sementes, como organização de cadastros de guardiões e guardiãs, registros de variedades e fortalecimento de bancos comunitários, quanto em escalas mais amplas, relacionadas a projetos de conservação, garantia de acesso a políticas públicas. Vemos a importância dos trabalhos das redes na fala de Maria Silvani (2025, entrevista), Guardiã de sementes de Juazeiro:

As sementes crioulas estavam escassas no sertão do São Francisco, a dificuldade é a chuva, a semente não vinga. A ASA veio com os programas e começamos a recuperar, a resgatar, aqui temos feijão de corda, abóbora, melancia, milho, jerimum, melão, umbu. Nossa realidade depende das cisternas, vivemos com muita dificuldade pela falta de água, com água nós podemos expandir. (...) A primeira semente somos nós – nós somos resistência. (Silvani, 2025, Guardiã de Sementes, Juazeiro (Bahia), entrevista)

Silvani descreve a dificuldade que era produzir devido às secas do sertão. A Articulação do Semiárido (ASA), com o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), chegou e então ela pode expandir a vida, aqui vemos a importância de políticas públicas em conjunto a redes locais, bem como a importância de políticas de agricultura que compreendam as diferentes realidades. Alguns territórios precisam de água, outros de assistência técnica e outros, de financiamentos.

Diversas organizações camponesas e coletivos latino-americanos têm denunciado os processos de privatização da vida associados às patentes sobre sementes e às legislações de propriedade intelectual. Relatórios e campanhas desenvolvidas por organizações como GRAIN e Grupo Semillas evidenciam como leis de sementes e regimes de propriedade intelectual podem restringir práticas históricas das comunidades agrícolas, como guardar, trocar e reproduzir sementes (GRAIN, 2015; Grupo Semillas, 2013). Nesse contexto, as redes de sementes constituem também formas de resistência à padronização genética e ao controle corporativo do sistema agroalimentar.

As redes de sementes podem assumir diferentes escalas territoriais. Algumas são organizações menores, que atuam apenas no âmbito local, envolvendo comunidades específicas. Outras se estruturam em níveis regionais, nacionais ou transnacionais, conectando movimentos sociais, organizações da sociedade civil e redes de agricultores. Como argumenta Svampa (2010), essas articulações

representam uma "nova" narrativa autonomista que dialoga com movimentos indígenas e de esquerda, mas se destaca por serem articulações autônomas e soberanas conectadas com os territórios.

Nessas redes, as sementes sustentam sistemas alimentares territoriais, práticas agroecológicas e economias de reciprocidade, desempenhando papel central na soberania alimentar e na resistência à padronização genética imposta pelo agronegócio.

Exemplos de redes de sementes crioulas e nativas: Red Guardianes de Semillas de Ecuador (RGSE), Rede de Sementes Agroecológica (RESA) no Brasil.

Redes mistas

Integram sementes nativas e crioulas em um mesmo arranjo organizativo e em diferentes graus de enfoque, articulando restauração ambiental, produção de alimentos e reprodução da vida cotidiana. A maior parte das redes acaba sendo mista, pois se organizam em torno das sementes mas possuem seus enfoques conforme as demandas de cada território. Vemos que para as sementes não existem fronteiras, floresta, roça e cozinha constituem um mesmo campo de práticas, conectando semeadura direta, sistemas agroflorestais e cultivos tradicionais. Como afirma Anna Tsing (2015; 2019), as relações multiespécies não reconhecem as divisões que a modernidade colonial impôs.

Exemplo de rede mista: Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC)

Redes aliadas à causa das sementes

Incluem movimentos sociais, universidades, coletivos, organizações feministas e instituições públicas que, embora não atuem diretamente na coleta ou produção, exercem papel estratégico na formação, na comunicação, na incidência política e na defesa dos direitos territoriais. Sua atuação amplia a visibilidade das experiências comunitárias e fortalece processos de governança colaborativa em torno das sementes como bens comuns. Em conjunto, essas configurações revelam que as redes de sementes operam como infraestruturas vivas do comum, articulando ecologia, alimentação e política a partir dos territórios.

Exemplo de redes: Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM)

4.3. Redes de Sementes de Abya Yala – Caminhos entres Redes de Brasil, Argentina, Equador e Colômbia

Sempre existiram as redes por Abya Yala. As redes atuais ressignificam, recuperam, retomam, práticas milenares de manejo e circulação, troca, doação, festa e ritual.

Redes de sementes, em distintos territórios de Abya Yala, refazem vínculos entre pessoas, plantas e solos, e regeneram o Corpo-Território. Diante da perda acelerada da biodiversidade e do avanço do agronegócio, essas redes entrelaçam cuidados que tecem a defesa da vida, a transmissão de saberes e a soberania alimentar e territorial. São tramas de reciprocidade que reposicionam as mulheres como protagonistas e devolvem às sementes sua centralidade ecológica e cultural.

As redes a seguir foram escolhidas priorizando a diversidade de experiências, contemplando redes jovens como a RSCD, pioneiras como a RSX e redes de redes como o Redário, a RSLC e a RGSE e o principal redes as quais pude ter contato através da pesquisa-ação participativa. A inclusão de uma rede recente permitiu observar desafios que redes maduras já superaram, como a tensão entre autonomia e formalização, bem como entender as raízes que motivam a criação de uma rede de sementes. O Brasil ocupa posição de pioneirismo, no sentido de formalização das redes e ampliação de suas escalas, com a formação de redes de sementes nativas, com cinco gerações históricas que vão de 1992 a 2023 (Serviço Florestal Brasileiro, 2025), expresso em legislação específica, escala de impacto e influência continental. A RAOM que atua principalmente em missões, também dialoga em escala nacional com os movimentos agroecológicos da Argentina e da América Latina, já a RGSE do Equador e a RSLC da Colômbia, possuem atuação nacional como rede de redes e também tecem um diálogo sem fronteira em defesa das sementes.

4.3.1. Travessias entre redes de sementes nativas do Brasil

Rede de Sementes do Xingu (RSX)

No Brasil, a Rede de Sementes do Xingu (RSX) é considerada uma das

experiências pioneiras na organização de redes comunitárias voltadas à coleta e circulação de sementes nativas para restauração ecológica. Criada em 2007, a rede articula dezenas de grupos comunitários distribuídos na bacia do Xingu, envolvendo povos indígenas, agricultores familiares e moradores de áreas urbanas. Entre os povos que integram a iniciativa, destacamos seis etnias indígenas: Waurá (Wauja), Matipu, Ikpeng, Kawaiwete, Yudja (Juruna) e Xavante. Esses grupos, situados nos territórios do Parque Nacional do Xingu, localizados nas bacias dos rios Xingu, Araguaia e Teles Pires, em Mato Grosso, coletam sementes nativas para restauração florestal.

A RSX é uma associação não-governamental sem fins lucrativos, estruturada pelos próprios povos. Atualmente tem um corpo técnico de 15 pessoas e mais de 700 coletoras e coletores. Em 2024, dados divulgados pela parceria com o Instituto Socioambiental mostraram que redes de sementes têm impulsionado a restauração florestal no Brasil (ISA, 2024). Segundo o ISA, essa rede acumulava mais de 353 toneladas comercializadas desde sua criação, volume suficiente para contribuir para a restauração de mais de 8,8 mil hectares de áreas degradadas na região (ISA, 2022).

A RSX é um exemplo paradigmático do que De la Cadena (2015) chama de cosmopolítica. A rede não apenas coleta sementes; ela reativa relações de parentesco com as plantas que são anteriores à própria ideia de "restauração" como conceito técnico. Para os povos do Xingu, coletar sementes é uma oportunidade de geração de renda sustentável e existência digna no capitalismo, mas também é um ato de cuidado com a terra, um reconhecimento de que a floresta é um sujeito com quem se negocia e se convive. Como argumenta Krenak (2020), a terra é um organismo vivo, é nossa mãe; a RSX retoma essa relação de parentesco.

Para além da recuperação ecológica, a iniciativa também dinamiza economias locais da sociobiodiversidade e fortalece organizações de base comunitária, destacando-se pela forte participação feminina, que representa aproximadamente 80% das pessoas envolvidas nas atividades de coleta, cuidado e gestão das sementes.

Rede de sementes da Chapada Diamantina (RSCD)

A Chapada Diamantina é uma encruzilhada de biomas: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica, ou seja, um ecossistema ecótono. É também território de encontros e

de resistências, onde a vida persiste apesar do ciclo voraz da mineração, da especulação imobiliária impulsionada pelo turismo e do avanço do agronegócio.

Nesse chão, em 2023, nasce a Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD), articulada no âmbito do Projeto ECOAR/Comissão de Meio Ambiente do Vale do Capão (CMAVC), conectando os seguintes povos: Povo Indígena Payayá (Utinga-BA), Povo Indígena Tapuya Riacho das Palmeiras (Seabra-BA), Comunidade Quilombola Fazenda Velha (Andaraí-BA), Comunidade Quilombola do Remanso (Lençóis-BA), e a Associação de Produtores Rurais de Caraíbas (Mucugê-BA).

A rede no atual momento, 2025, tem 75 coletores de sementes, sendo 60% mulheres e 20% jovens, com os seguintes parceiros institucionais: ICMBio, Fazenda Progresso, ONGs, universidades e órgãos públicos.

A pesquisa-ação participativa (FALS BORDA, 2009) realizada com a RSCD revelou que uma rede de sementes se faz com confiança, presença e escuta — mas os editais e projetos de financiamento são essenciais para sua sustentabilidade. Como observado nas entrevistas de campo, muitos participantes priorizam atividades que geram renda, e a dificuldade de captar recursos acaba sendo um fator que limita o engajamento e a continuidade das ações.

Os editais e projetos de financiamento, no entanto, operam dentro de estruturas burocráticas frequentemente distantes da realidade das comunidades. Como pude observar na pesquisa participando com a RSCD, quem escreve os projetos são, em sua maioria, pessoas que tiveram oportunidade de acessar o ensino superior — o que revela uma contradição estrutural: as comunidades que mais precisam dos recursos são aquelas que menos têm acesso à linguagem e aos códigos exigidos pelos editais.

O primeiro projeto que viabilizou a RSCD, foi um curso de formação de guardiões e guardiãs de sementes, no âmbito do Projeto ECOAR/Comissão de Meio Ambiente do Vale do Capão (CMAVC). A estratégia foi central: muitos praticantes da guarda de sementes não se reconheciam nessa posição, nem imaginavam que essa prática poderia ser uma fonte de renda ou um saber legitimado. Assim, a rede de sementes é, antes de tudo, uma escola — um espaço educativo, formativo e, principalmente, de troca e reconhecimento dos saberes. Como afirma Bispo (2023), "o saber cresce quando compartilhado em comunidade" — e a RSCD, ao formar

seus guardiões, multiplica não apenas sementes, mas consciência política e autonomia territorial.

Redário – rede das redes

Em escala nacional, destaca-se o Redário, que nasceu em julho de 2023, uma articulação frequentemente descrita pelos próprios participantes como uma “rede de redes”, que conecta iniciativas comunitárias de coleta e comercialização de sementes nativas em diferentes biomas brasileiros (REDÁRIO,2025). A iniciativa surgiu a partir do intercâmbio entre redes de sementes nativas e tem como objetivo fortalecer a base social e produtiva da restauração ecológica, o intercâmbio de conhecimentos e a construção de mercados mais justos para sementes nativas.

Em 2025, o Redário reunia 27 redes e grupos coletores distribuídos em diversos estados do país, envolvendo mais de 2.500 pessoas, em sua maioria integrantes de comunidades indígenas, quilombolas, agricultores familiares e outros PCT, além de contar com 65% de participação de mulheres (REDÁRIO,2025)

Atualmente o Redário está expandindo e entrando em contato com outras redes para apoiar a restauração em larga escala. Na pesquisa realizada em conjunto à Rede de Sementes da Chapada Diamantina, rede que tem apenas 2 anos e foi convidada para entrar na base também do Redário, os membros do Redário oferecem na parceria assessoria técnica, contato com redes mais experientes e mercado para escoar as sementes. Além disso, as parcerias garantem uma maior resistência para pressionar o governo e a sociedade civil para que a restauração seja efetivada ou ampliada.

4.3.2. Argentina

Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM)

Na Argentina, temos a Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM), integrante do Movimento Agroecológico da América Latina e Caribe (MAELA). Apesar de não ser uma rede com foco exclusivo em sementes, é responsável por

promover a organização em torno da proteção de sementes crioulas e nativas. A experiência constitui um caso pioneiro no Sul Global de Sistema Único de Certificação Participativa, desenvolvido desde a década de 1990.

Segundo a guardiã de sementes Silvia Elena González (2024, entrevista), grande parte da articulação da rede é fortalecida pelas casas de sementes, que são ambientes familiares e comunitários que promovem o intercâmbio cultural e de conhecimentos, fundamentais para a soberania alimentar e a agroecologia na região. Atualmente, Misiones conta com 11 casas de sementes distribuídas em diversos municípios, como San Pedro, Eldorado, Puerto Iguazú e Montecarlo, incluindo uma em uma comunidade Mbya Guaraní, o que evidencia a diversidade territorial da iniciativa. Cada casa registra a procedência e as características das sementes, facilitando o acesso dos agricultores a informações valiosas sobre cultivos adaptados ao clima e ao solo locais, fortalecendo assim a rede de trocas e a resiliência dos sistemas agrícolas. Além do armazenamento, as casas de sementes articulam-se com as feiras de intercâmbio promovidas pela RAOM, onde guardiões e guardiãs compartilham memórias e saberes, reafirmando o lema que orienta o movimento: "Unindo luta, tecendo rede e plantando soberanía" (González, 2024, Guardiã de Sementes, Rede de Agricultura Orgânica de Misiones [RAOM], entrevista, tradução nossa)³³ Desse modo, as casas de sementes em Misiones transcendem a função técnica de conservação para se constituírem como núcleos de resistência cultural e política, onde a biodiversidade é protegida e a autonomia alimentar é tecida cotidianamente.

A rede foi criada oficialmente em maio de 1993, a partir do encontro entre agricultores familiares, técnicos e organizações sociais realizado na Escola Agrotécnica de Eldorado. Seu surgimento também está relacionado a outros processos organizativos conhecidos como *movimientos semilleros*, que atuavam nos anos 1990 em defesa das sementes frente ao avanço do agronegócio e do neoextrativismo (CIEZA et al., 2015).

A RAOM tem sua origem no movimento agroecológico e sua articulação com o Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe (MAELA). O que torna a RAOM uma rede fundamental na região de Misiones é o fato de o território ser constantemente pressionado pela multinacional chilena Arauco (Forestal Arauco), que planta espécies exóticas como eucalipto e pinus para fabricação de papel e

³³ "Uniendo lucha, tejiendo redes y sembrando soberanía"

celulose, bem como pelas investidas do agronegócio e seus monocultivos.

4.3.3. Colômbia

Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC)

Na Colômbia, temos mais um exemplo de rede de redes, bem como um exemplo de rede de sementes mistas, nativas e criolas, sendo também uma articulação política em escala nacional.

A Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC), articulada com o Grupo Semillas, sustenta o livre intercâmbio e a conservação da etnobiodiversidade frente aos regimes de padronização e propriedade intelectual. Seus nós regionais impulsionam casas de sementes, pedagogias comunitárias e campanhas como *Semillas Bien Común*, disputando o próprio sentido da semente diante do cerco jurídico-corporativo (Grupo Semillas, 2017).

Os princípios da rede são “Soberania e Segurança alimentar, Conservação da Biodiversidade e Resistência Política Cultural”. Atualmente, a rede articula cerca de 100 organizações locais distribuídas em aproximadamente 20 departamentos do país, estruturadas em regionais como Caribe, Cafeteiro, Centro, Suroccidente e Sur, que conectam iniciativas territoriais de defesa das sementes. Dentro desse processo, diferentes programas e redes comunitárias apoiaram a criação de cerca de 70 casas comunitárias de sementes, envolvendo aproximadamente 800 guardiões e guardiãs responsáveis pela conservação, multiplicação e circulação de variedades crioulas e nativas

Os princípios da rede são “Soberania e Segurança alimentar, Conservação da Biodiversidade e Resistência Política Cultural”. Atualmente, a rede articula cerca de 100 organizações locais distribuídas em aproximadamente 20 departamentos do país, estruturadas em regionais como Caribe, Cafeteiro, Centro, Suroccidente e Sur, que conectam iniciativas territoriais de defesa das sementes. Dentro desse processo, diferentes programas e redes comunitárias apoiaram a criação de cerca de 70 casas comunitárias de sementes, envolvendo aproximadamente 800 guardiões e guardiãs responsáveis pela conservação, multiplicação e circulação de variedades crioulas e nativas

Em entrevista, Carol Vargas Rojas (2026, entrevista), jovem liderança, guardiã de sementes, diretora da Semilla Nativa Colombia e membra da RSLC, destacou que a rede é uma plataforma de organizações sociais, comunidades camponesas, indígenas e afrodescendentes que defende as sementes crioulas e nativas como um bem comum dos povos. Segundo ela, sua importância reside em três pilares fundamentais. O primeiro é a soberania e segurança alimentar, pois as redes permitem que as comunidades decidam o que e como produzir, sem depender de sementes comerciais, híbridas ou transgênicas controladas por corporações, além de fomentar a produção de alimentos nutritivos e culturalmente adequados. O segundo é a conservação da biodiversidade, uma vez que as redes funcionam como um sistema de proteção contra a perda de diversidade biológica causada pelo monocultivo e pelo uso de agroquímicos; as sementes livres, ao contrário das de laboratório, mantêm-se em constante adaptação e evolução. O terceiro é a resistência política e cultural, pois a rede valoriza e preserva os saberes tradicionais dos guardiões, que custodiam essas variedades como herança viva.

A guardiã de sementes, Carol Rojas Vargas (2026, entrevista), enfatizou que a rede rejeita as leis que pretendem privatizar ou restringir a livre circulação, intercâmbio e comercialização de sementes crioulas, promovendo a criação de Casas Comunitárias de Sementes (CCS) para o intercâmbio solidário e a pesquisa participativa entre agricultores (Rojas. Vargas, 2026, guardiã de sementes, Red de Semillas Libres de Colombia [RSLC], entrevista).

4.3.4. Equador

Red de Guardianes de Semillas del Ecuador (RGSE)

No Equador encontramos um caso similar ao de Colômbia, um exemplo de rede de redes, e também de rede de sementes mistas, nativas e criolas, sendo igualmente uma articulação política em escala nacional.

No Equador, evidenciamos a experiência da Rede de Guardianes de Semillas (RGSE), criada em 2002 a partir da iniciativa de um pequeno grupo de produtores

orgânicos do Vale de Tumbaco, nos arredores de Quito. Com o tempo, a experiência se expandiu para diferentes regiões do país e passou a articular agricultores da serra, da costa e da Amazônia equatoriana. Atualmente, a rede reúne aproximadamente 100 famílias guardiãs distribuídas em cerca de 15 províncias. A rede atua como um espaço de aprendizagem entre pares, no qual agricultores compartilham conhecimentos sobre agroecologia, permacultura, bioconstrução, tecnologias, saberes ancestrais e soberania alimentar, fortalecendo práticas produtivas adaptadas às condições ecológicas e culturais de cada território.

Entre as iniciativas promovidas pela RGSE estão centros comunitários de sementes, feiras e encontros de intercâmbio, além de projetos de educação popular e comunicação comunitária voltados à valorização da agrobiodiversidade. Esses espaços possibilitam a circulação de milhares de variedades agrícolas: estima-se que a rede mantenha mais de 4 mil variedades de sementes nativas, endêmicas e criolas conservadas e intercambiadas entre seus membros. A rede também desenvolve um Sistema Participativo de Garantia (SPG) para produtos agroecológicos, fortalecendo circuitos curtos de comercialização e a economia solidária entre agricultores e consumidores.

Nos basamos en los tres principios de la Permacultura: cuidar de la Tierra, cuidar la gente y redistribuir los excedentes para ayudar en la transición hacia una sociedad sostenible. La Producción Ecológica es un sendero que recorremos productoras y productores que buscamos vivir en armonía con la naturaleza, en equidad y comunidad con la humanidad. La Red de Guardianes de Semillas tiene libertad de creencias y no tiene afiliación a grupos políticos. (Red de Guardianes de Semillas, 2024).

A rede orienta suas práticas a partir de princípios próximos à ética da permacultura, que enfatiza três compromissos centrais: o cuidado com a terra, o cuidado com as pessoas e a redistribuição dos excedentes como forma de fortalecer transições sociais mais sustentáveis. A produção ecológica é entendida como um caminho coletivo percorrido por agricultoras e agricultores que buscam formas de vida em maior equilíbrio com a natureza, baseadas na cooperação, na justiça e na convivência comunitária.

A Red de Guardianes de Semillas declara manter liberdade de crenças entre seus membros e não possuir vinculação institucional com partidos ou grupos políticos, buscando preservar sua atuação como um espaço plural de encontro entre agricultores, guardiões de sementes e iniciativas comunitárias comprometidas com a

conservação da biodiversidade agrícola e com a soberania alimentar.

Entrevistamos um dos seus fundadores, Javier Carrera (2025, entrevista), que é uma liderança, escritor, educador, conferencista e pesquisador. Ele é especialista em memória social, com ênfase em culturas tradicionais, sistemas regenerativos de vida e sistemas alimentares, diretor executivo da Fundación Grupo Allpa, responsável pelos conteúdos da Plataforma Educativa Madre Semilla, do podcast Radio Semilla e da série videodocumentário Tarpuna. Através dos caminhos dessa liderança vemos que ser guardião das sementes envolve o cuidado dos diferentes caminhos pelos quais circulam as sementes. Javier Carrera (2025, entrevista), nos fez uma provocação a respeito quando eu lhe disse que gostaríamos de mapear as redes de sementes:

O mapeamento é uma visão externa e nós, como guardiões de sementes nos territórios, não precisamos de uma visão externa, nem precisamos mapear, realmente. É no momento em que aceitamos entregar essa informação e mapear que estamos potencialmente em risco. (Carrera, 2025, Guardiões de Sementes, Red de Guardianes de Semilla del Ecuador [RGSE], entrevista, tradução nossa).³⁴

Essa fala veio seguida de uma conversa na qual falamos a respeito da perseguição que sofrem os guardiões de sementes, seja por empresas do agronegócio ou através do próprio Estado, alertando que não é necessário uma visão de quem não faz parte das redes sobre eles, afinal eles já produzem sua própria ciência e, dependendo do que se divulga, isso pode ser usado contra as próprias comunidades.

4.4. Redes de sementes na restauração dos corpos e territórios

Todas as redes citadas são rede de sementes comunitárias que compreendem as sementes como bens comuns.

O percurso pelas redes de Brasil, Argentina, Colômbia e Equador revela que todas, à sua maneira, praticam o que De la Cadena (2015) nomeia como cosmopolítica: uma forma de organização que não separa o cosmos do político, que traz para a esfera da decisão coletiva as sementes, os ancestrais e os ciclos da vida. A cosmopolítica das redes se materializa nas casas de

³⁴ El mapeo es una visión externa y nosotros como guardianes de semillas en los territorios no necesitamos una visión externa, ni necesitamos mapear, realmente. Es en el momento en que accedemos a entregar esa información y mapear, estamos potencialmente en riesgo.

sementes que guardam variedades com nome e história, nos mutirões que reconstituem vínculos entre corpos e territórios. Essas redes são expressões de mundos que resistem à redução colonial da semente à mercadoria indo além da produção e técnica.

Elaboramos um quadro geral das redes observadas e seus pontos centrais:

Quadro 5 - Redes de sementes – características gerais

Rede	País	Ano de início	Participantes (aprox.)	Eixo central
Rede de Sementes do Xingu (RSX)	Brasil (Amazônia/ Cerrado)	2007	800 coletoras/es; cerca de 80% mulheres	Restauração ecológica com muvuca, governança comunitária, economia da sociobiodiversidade.
Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD)	Brasil (Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga)	2023	75, cerca de 65% mulheres	Restauração ecológica e conservação da etnobiodiversidade
Redário – Sementes e Saberes	Brasil (nacional, 5 biomas)	2023	27 redes; mais de 2.500 coletoras e coletores em diferentes biomas brasileiros	Articulação entre redes e fortalecimento da cadeia da restauração e do comércio justo de sementes nativas.
Red de Agricultura Orgânica de Misiones (RAOM)	Argentina (Misiones)	1993	Parte de um movimento agroecológico e movimento de sementes regional que envolve mais de 6.000 famílias rurais	Produção agroecológica, feiras comunitárias, movimento político-social.
Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC)	Colômbia (Multiprovincias)	2013	Cerca de 100 organizações locais articuladas e aproximadamente 800 guardiões e guardiãs de sementes	Articulação político-legal, defesa das sementes como bem comum, governança comunitária.
Red de Guardianes de Semillas (RGSE)	Equador (Multiprovincias)	2002	100–120 famílias guardiãs	Articulação político-legal, defesa das sementes como bem comum, governança comunitária, centralidade das cosmopercepções ancestrais.

Fonte: elaboração própria com base em informes institucionais das redes e literatura especializada (2022–2026).

O Brasil apresenta um pioneirismo de redes focadas em sementes nativas de restauração, associadas às políticas de restauração ecológica e conservação ambiental, especialmente após o fortalecimento da agenda ambiental internacional nas últimas décadas. Experiências como a Rede de Sementes do Xingu

demonstram como iniciativas de restauração florestal se tornaram motores para a organização de coletivos de coleta e circulação de sementes.

Já em países como Colômbia e Equador, diversas redes nasceram principalmente como resposta política à privatização das sementes e às legislações de propriedade intelectual, buscando defender o direito das comunidades de guardar, trocar e reproduzir suas próprias variedades. Na Argentina, iniciativas como a RAOM surgem fortemente vinculadas ao movimento agroecológico, mas também a defesa do território contra o avanço de madeireiras e do agronegócio, articulando produção orgânica, mercados locais e conservação da agrobiodiversidade,

Assim, enquanto algumas redes se organizam inicialmente em torno da restauração ambiental, outras emergem como movimentos de defesa da soberania alimentar e territorial, todas as redes são representantes da resistência contra o neoextrativismo que define Svampa (2019) e impedem que os territórios se tornem "zonas de sacrifício" conforme argumenta Gabriela Melinsky (2013).

As redes também se diferenciam pela escala de atuação. Algumas operam em escala local ou regional, envolvendo comunidades específicas ou determinados territórios ecológicos. Outras assumem caráter nacional ou transnacional, articulando dezenas ou centenas de organizações locais, como ocorre com redes de redes presentes na Colômbia e no Equador. Essa diversidade de escalas demonstra que as redes funcionam como estruturas flexíveis, capazes de se adaptar às necessidades e às condições sociopolíticas de cada território.

Os graus de formalização institucional vêm ligados a políticas públicas – em alguns casos, de benefício às redes, como no Brasil, e, em outros, como forma de resistência.

No Brasil, as redes de sementes nativas operam em diálogo direto com políticas públicas, legislações ambientais e programas de restauração, exigindo um nível de formalização institucional para entrada nos mercados de sementes, o que pode dificultar para redes jovens, como é o caso da Rede de Sementes da Chapada Diamantina. Ela vem passando por um processo de se formalizar e capacitar mais guardiões e guardiãs.

A fala de Javier Carrera (2025, entrevista) nos confronta com os limites epistemológicos e éticos da pesquisa acadêmica. Mapear as redes de sementes é, de certa forma, um ato de captura, uma tentativa de traduzir a complexidade dos territórios em dados e categorias que podem ser usados contra as próprias

comunidades. Javier Carrera (2025,entrevista) alerta que, ao mapear, estamos potencialmente colocando os guardiões em risco, pois suas informações podem ser apropriadas por empresas do agronegócio ou pelo Estado. Essa crítica exige uma postura ética e política que dialoga com a metodologia da IAP (Fals Borda, 2009) e com a história oral (Rivera Cusicanqui, 1987): a pesquisa deve ser feita com as redes, não sobre elas; deve respeitar e escutar os limites dados pelas próprias comunidades e fortalecer as lutas territoriais.

As redes de sementes, ao articularem povos indígenas, quilombolas e camponeses em torno da defesa das sementes, estão praticando essa politização do étnico: transformam a memória ancestral em força política capaz de disputar o sentido do desenvolvimento e da agricultura.

Um elemento transversal observado em praticamente todas as redes analisadas é a forte presença de mulheres guardiãs de sementes, sendo elas entre 60% e 80% das pessoas envolvidas. Esses números confirmam o que Shiva (1991; 2003) já apontava: as mulheres são as principais guardiãs da biodiversidade, e o modelo agrícola industrial as inviabilizou ao substituir seus saberes por pacotes tecnológicos masculinizados. Mulheres desempenham papel fundamental na conservação e proteção, na transmissão de conhecimentos, na governança comunitária. Essa centralidade revela a profunda relação entre cuidado, reprodução da vida e conservação da biodiversidade aproximando as redes de sementes de perspectivas ecofeministas (Mies; Shiva, 2021) e das lutas pelo Corpo-Território (Cabnal; Benites, 2023).

Foram observadas diferentes tecnologias contracolônias, como é o caso da muvuca, das casas de sementes, do mutirão, da governança comunitária, das práticas agroecológicas, entre outras práticas que plantam o Bem Viver e das quais falaremos melhor no seguinte capítulo. A comparação entre as diferentes redes de sementes de Abya Yala revela que, apesar das especificidades institucionais e territoriais, todas compartilham um mesmo horizonte político: a defesa das sementes como fundamento da autonomia dos povos e da regeneração da vida. As redes conservam a etnobiodiversidade e reflorestam corpos e territórios.

5 SEMENTES DO BEM VIVER – Encantos que plantam o futuro-ancestral

A guardiã e a semente, é uma aliança para sempre, porque a semente dá vida para a guardiã e a guardiã protege a vida das sementes.

Retomar o pertencimento, que somos natureza, é a principal estratégia para que a agroecologia se multiplique. As sementes nos levam às verdadeiras histórias para recuperar nossa ancestralidade.

Inês Polidoro, guardiã de sementes da Rede de Sementes da Agroecologia (ReSA), entrevista outubro de 2025.

Dentre os objetivos da pesquisa está a observação das episteme-políticas das guardiãs de sementes. Esse olhar norteou a forma como nos relacionamos com as redes, as guardiãs e as sementes. Buscando sentipensar e compreender atentamente as histórias que contam os corpos e territórios, foi possível observar toda uma ciência contra os desencantos do monocultivo.

As epistemes-políticas dos guardiões de sementes são totalmente conectadas com o corpo, a terra, com os modos de se relacionar com a vida e seus territórios. As redes de sementes também possuem suas ferramentas – ou, podemos chamar, tecnologias –, que seria a junção de teoria e prática, e que escolhemos nomear como Tecnologias Contracolônias das Guardiãs e Redes de Sementes, pois tecem conhecimentos ancestrais de resistência altamente sofisticados, complexos e adaptados ao presente, com origens anteriores às imposições coloniais, patriarcais e capitalistas. Isso nos faz questionar a ideia de progresso e desenvolvimento como algo que só está alinhado ao futuro. Essas tecnologias vêm nutrindo as bases para organizações cosmopolíticas, que insistem em plantar mundos possíveis.

Uma revolta contra a individualidade, contra a fragmentação e contra a perda de sentidos, que reivindica uma territorialidade comunitária não saqueadora, recuperadora de tradições e potencializadora de imaginários utópicos que sacodem todas as percepções da realidade e da história, e conduzem a um mundo em que cabem todos os mundos. As referências epistemológicas colocadas pela Modernidade como universais são deslocadas, e as interpretações se multiplicam na busca de projetos de futuro sustentáveis, dignos e libertários. (Acosta, 2016, p. 87, tradução nossa)

Nos estudos realizados com as redes foi proposto observar como o Bem Viver e as práticas contracolônias se fazem presentes em torno das sementes. Neste

capítulo vemos as ferramentas que estavam presentes em todas as redes que analisamos. Além dessas práticas, selecionamos a cartografia de redes de sementes que diz respeito à importância de retomar nomes.

Identificamos seis práticas centrais, presentes nas redes de sementes mapeadas em Abya Yala. Essas práticas são tecnologias ancestrais político-epistêmicas, de resistência e regeneração da vida, sustentadas por cosmopercepções, vínculos territoriais e formas coletivas de cuidado com a vida, bem como estratégias de justiça ambiental e ecologia política latino-americana. São práticas que desafiam a colonialidade do saber, do ser e da natureza, afirmando horizontes de Bem Viver e futuros ancestrais (Krenak, 2022).

Ao observar as redes de sementes e levantar a pergunta “como essas redes expressam o Bem Viver?”, buscamos compreender a lógica patriarcal, colonial e capitalista do atual sistema, como foi observado no Capítulo 3, quando vimos o neoextrativismo e a mercantilização das sementes e da vida pelo atual modelo agrário de produção, e no Capítulo 4, quando conhecemos o que é uma rede de sementes e suas diferentes categorias, bem como olhamos para sua cosmopolítica (De La Cadena, 2025). Seguindo essa análise, vamos observar o Bem Viver das redes.

O Bem Viver é a expressão dessas resistências em suas formas multiculturais, interculturais, uma complexa resistência dos povos. Assim, as redes de sementes resistem em formas alternativas de conceber o mundo e se relacionar com ele, que variam conforme cada território mas que se encontram no centro de proteção das sementes e da compreensão dessas como essenciais para a vida.

As práticas contracoloniais são as tecnologias usadas pelas sementes do Bem viver, nesse caso o Bem Viver é uma perspectiva que vai além dos Andes, segundo Alberto Acosta (2016), constituindo uma filosofia planetária em permanente construção, uma matriz pluriversal que, embora parta das cosmologias ameríndias, encontra ressonância nas mais diversas fraturas do pensamento hegemônico global. No contexto brasileiro, essa práxis manifesta-se na cultura popular, no fazer solidário e cotidiano das classes subalternizadas, materializa-se nos mutirões de vilas, favelas e comunidades rurais e retoma o encanto coletivo nas rodas de samba, maracatus, congadas, rodas de capoeira, no jongo, nas cirandas e nos terreiros de candomblé, umbanda, jurema. Assim como as sementes, o Bem Viver possui muitos nomes e formas, fundamentalmente se assenta em relações de produção da vida

autônomas, coletivas, capazes de salvaguardar a dignidade humana e a sobrevivência ecossistêmica do planeta.

Rompendo com o individualismo, o Bem Viver só pode ser compreendido em oposição ao projeto colonial do “viver melhor” ocidental capitalista, que pressupõe a extração ilimitada dos ecossistemas para sustentar a ilusão de poucos à custa da miséria da maioria. O Bem Viver está além também das lógicas de desenvolvimento e progresso infinito: “O Bem Viver revela os erros e as limitações das diversas teorias do chamado desenvolvimento” (Acosta, 2016, p. 34), que também dialoga com o pensamento contracolonial de Bispo dos Santos (2023), que propõe o envolvimento. Enquanto o Ocidente opera sob a égide do desenvolvimento — termo que, analiticamente, pressupõe um processo de “des-envolver”, ou seja, de retirar os povos de seus envoltórios originários, apartando-os da terra, de suas cosmo percepções para adestrá-los à lógica linear do mercado (Bispo dos Santos, 2023).

As sementes do Bem Viver nos convidam ao envolvimento. Guardar as sementes crioulas e nativas é um exercício de envolver-se com os ciclos cósmicos, astronômicos, com os ciclos de Gaia, com a ancestralidade, com a comunidade, com a poesia da diversidade, na ecologia de saberes com os seres humanos e não humanos.

A ideia de separação nos leva a diferentes colapsos sistêmicos. É preciso se reencantar com a força da coletividade e da compreensão, pois as redes mostram que existem muitas formas de saber além das hegemônicas. Os movimentos sociais que lutam pela defesa das sementes integram um campo amplo pela construção de mundos coletivos. As práticas aqui destacadas não se esgotam, nem pretendem representar todo o conjunto de tecnologias ancestrais, mobilizadas por povos indígenas, agricultoras e agricultores familiares, quilombolas e demais Povos e Comunidades Tradicionais (PCT), que constituem o eixo central da guarda das sementes.

Os saberes, as práticas, e ferramentas aqui expressos são verdadeiras ciências complexas que expressam uma pedagogia contra a racionalidade individualista e extrativista da modernidade colonial.

Os setores ocidentalizados de nossa região têm que reconhecer que em relação à natureza eles se tornaram “analfabetos”, por isso não podem pretender por si mesmos conduzir uma educação que compreenda e defenda a natureza, eles devem “se alfabetizar” como discípulos das

comunidades que praticam ancestralmente esse biocentrismo (Friggeri, 2022a).

O alerta de Friggeri (2022a) ecoa as críticas decoloniais ao monopólio do saber científico moderno-ocidental, que por séculos desqualificou os conhecimentos dos povos originários, quilombolas e camponeses como inferiores, folclóricos ou supersticiosos. Ao reconhecer que os setores ocidentalizados se tornaram "analfabetos" em relação à natureza, o autor nos convida a uma inversão epistemológica radical: não são os povos tradicionais que precisam ser "educados" para o desenvolvimento, mas sim a sociedade urbano-industrial que precisa se tornar aprendiz das comunidades que mantêm viva a memória biocêntrica. Essa alfabetização ecológica, como sugere Friggeri, não se resume a adquirir informações técnicas sobre mudanças climáticas e biodiversidade, mas envolve uma profunda transformação dos modos de perceber, sentir e agir no mundo — uma verdadeira descolonização do olhar.

É nesse sentido que as redes de sementes e seus guardiões atuam como mestres: ao compartilharem práticas como a muvuca, as feiras de troca e os mutirões, eles não apenas ensinam técnicas agrícolas, mas também transmitem uma cosmopercepção na qual a vida é tecida em relações de reciprocidade e cooperação multiespécie. Assim, a "alfabetização" proposta por Friggeri (2022a) é, antes de tudo, um exercício político de escuta ativa e humildade epistêmica, que desafia a arrogância do pensamento colonial e abre caminho para a construção de uma ecologia política verdadeiramente latino-americana.

Quando falamos de Bem Viver, falamos de modos de vida, essas tecnologias ancestrais se estendem como base para tecer uma ecologia política profunda, que possa transformar a o modo sistêmico que vivemos como sociedade; uma pedagogia da encruzilhada (Rufino, 2019) contra os desencantes, para os diferentes setores da sociedade, tomando em consideração as urgências de reflorestar, regenerar, curar e retomar as memórias biocêntricas guardadas por povos e comunidades tradicionais.

Como forma de sintetizar as sementes do Bem Viver, o itinerário reflexivo foi estruturado em duas dimensões. Primeiramente, são mapeadas cinco matrizes fundamentais das Tecnologias Contracoloniais que operam o envolvimento e ativam a produção do comum nos territórios: as feiras de sementes como espaços de celebração; o *trueque* ou as trocas baseadas na economia da reciprocidade; as

casas comunitárias de sementes como infraestruturas vivas de autonomia; a *muvuca* como práxis de diversidade social e ecológica; e o reconhecimento ontológico das plantas-mãe. Por fim, o capítulo conflui na Cartografia dos Nomes das Sementes do Bem Viver em Abya Yala, celebrando a diversidade, rompendo as monoculturas, retomando nomes originários, palavras de poder, que amarram a pluri-territorialidade mapeada ao longo dessa pesquisa.

5.1. Tecnologias Contracoloniais das Guardiãs e Redes de Sementes

Quando completei dez anos, comecei a adestrar bois.
Foi assim que aprendi que adestrar e colonizar são a
mesma coisa. Tanto o adestrador quanto o colonizador
começam por desterritorializar o ente atacado
quebrando-lhe a identidade, tirando-o de sua
cosmologia, distanciando-o de seus sagrados,
impondo-lhe novos modos de vida e colocando-lhe outro
nome. O processo de denominação é uma tentativa de
apagamento de uma memória para que outra possa ser
composta

Antonio Bispo dos Santos (2023, p.2)

As práticas observadas nas redes permitem o fortalecimento dos modos de vida dos guardiões e guardiãs de sementes, bem como a multiplicação das redes de sementes. Um exercício de retomar a memória e valorizar os saberes próprios. Nomear essas práticas como *tecnologias contracoloniais* é um ato epistemológico e político. O termo parte da confluência proposta por Bispo dos Santos (2023): tecnologias que nascem dos saberes ancestrais dos povos que resistem à colonização, que não separam técnica de cosmologia. As tecnologias contracoloniais, são sofisticadas, porque integram dimensões que o pensamento colonial insiste em separar — corpo e terra, saber e fazer, festa e política.

Dentre as principais práticas contracoloniais observadas, são aqui destacadas as seguintes:

Minga/Mutirão: trabalho coletivo e produção do comum;

Feiras e trocas: economias circulares da reciprocidade;

Casas e bancos de sementes: estratégias para guardar e multiplicar sementes;

Muvuca: técnica de restauração e forma de organização;

Plantas-mãe: lógica matriarcal de proteção da vida.

As práticas são interconectadas, tecidas, uma prática estimula a outra, elas fazem parte de outros modos de se organizar na vida e cada rede terá sua forma de realizá-las. Existem muitas outras tecnologias, inclusive mencionadas nesse trabalho como as Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) ou os sistemas de certificação participativa (SCP) ou os sistemas Agroflorestais (SAF) e tantas outras tecnologias como a própria rede.

Não pretendemos esgotar a profundidade de cada uma das práticas, sabendo que para cada uma cabe uma pesquisa complexa. A prática da minga será falada com um pouco mais de profundidade, em conjunto com um breve relato de IAP. As práticas que apresentamos a seguir foram observadas em todas as redes mapeadas em Abya Yala e constituem o núcleo empírico da resposta à pergunta que orienta esta pesquisa: é possível plantar o Bem Viver?

5.1.1. Feiras de sementes – celebrações, encantos e circularidade

As feiras são espaços plurais que configuram economias regenerativas, onde variedades crioulas e nativas circulam livremente, articulando intercâmbio material, cultural, espiritual e político contra a mercantilização genética e promovendo trocas não monetárias (*trueque*) e também a comercialização livre e direta. Nas feiras vemos a celebração da agrobiodiversidade e da soberania dos povos da terra. Nesses espaços, as sementes circulam não como mercadoria, mas como patrimônio biocultural, carregando histórias, memórias e futuros possíveis. Funcionam como territórios pedagógicos e políticos, onde se tecem alianças, se compartilham conhecimentos e se atualizam estratégias contracoloniais.

Vamos descrever o que é uma feira através da participação na 27ª Feria Provincial de Semillas organizada pela RAOM, a rede de Misiones, Argentina, que constituiu um espaço de intercâmbio e debate. O lema dessa feira foi "Con las Semillas en los territorios los pueblos se encuentran en el Teko Pora Buen Vivir". Nesse encontro vimos que as sementes do Bem Viver ficam em evidência, sendo um lema que está presente nos movimentos de sementes.

O Movimento pelas Sementes Camponesas de Misiones promoveu diversas

atividades para celebrar os 27 anos da Feira Provincial de Sementes, realizada em Misiones em junho de 2024. O encontro aconteceu no marco da Semana Continental das Sementes Nativas e Crioulas, celebrada entre 26 de julho e 1º de agosto, iniciativa impulsionada pelo Movimento Agroecológico da América Latina y el Caribe (MAELA).

A mobilização teve como objetivo valorizar as comunidades camponesas e indígenas da agricultura familiar, defendendo seu reconhecimento nas leis e nos orçamentos públicos. São esses povos que, ao longo de gerações, guardaram e multiplicaram a sabedoria milenar contida em cada semente nativa e crioula, produzindo alimentos saudáveis em harmonia com a natureza e assegurando, assim, a soberania alimentar dos povos.

Durante o encontro, ocorreu o lançamento do *Cuaderno Metodológico para Casas y Redes de Semillas – Sembrando Vida, Memoria y Comunidad para los Pueblos, desde los Territorios*. O material tem como objetivo compartilhar reflexões políticas, ferramentas técnicas e metodologias participativas para a construção de casas de sementes.

A feira foi um espaço plural, contou com diferentes apresentações de artistas locais, como a apresentação dos Mbya Guaraní, teve uma panela comunitária, isto é, um alimento agroecológico servido para todos os presentes e cozinhado também de forma coletiva, representando o Comer Bem que integra o Viver Bem.

A festa faz parte das feiras de sementes e das tecnologias contracoloniais. Não há feira sem festa:

A festa é parte da cosmovisão indígena e quilombola, é a coletividade que organiza a sociedade. O trabalho não é o oposto à festa, não é exaustivo e não pretende o sucesso. O trabalho é comunitário, a terra é de uso comum, visa ao Bem Viver: Bem Viver, para quem acredita que cantando é possível suspender o céu, para quem acredita que o modo como vivemos e o mundo onde vivemos é recriado a toda hora (Krenak, 2020, p. 20).

A festa é parte da organização, vemos isso presente também nos mutirões, nas conversas organizacionais e no trabalho diário. O Bem Viver é plantado através da festa, de cantos, troca de sementes e compartilhamento de alimentos. A festa devolve o encanto da vida, por isso as feiras de sementes são verdadeiras festas da soberania e da diversidade, é preciso celebrar as conquistas de quem traz o alimento para nossas casas, já que é a agricultura familiar que nos alimenta, em nível local ou global:

Pequenos agricultores atendem 70% das necessidades alimentares globais, usando apenas 30% dos recursos destinados à agricultura. Em contraste direto, a agricultura industrial utiliza 70% desses recursos e fornece apenas 30% dos alimentos que consumimos (Shiva, 2016, p. 104).³⁵

Diferente das festas do agronegócio, que envolvem milhões de reais e as pessoas assistem como consumidoras, as feiras de sementes são artesanais, comunitárias e todos participam ativamente. Nelas vemos o *envolvimento*: "Porque a palavra boa é envolvimento" (Bispo dos Santos, 2023. p.3). Muitas vezes eu chegava nas feiras com um pano e minhas sementes dentro dele, e já podia participar e trocar sementes. E no caso de não ter sementes, eu ganhava sementes. Nas festas vemos a abundância que a terra nos dá, sempre tem pra todos. Isso nos faz questionar a ideia de escassez e pobreza que a lógica do tal desenvolvimento diz a respeito das feiras e dos modos de vida dos povos da terra.

Figura 3 - Feira de Sementes em Misiones (AR)



Fonte: Fotografias da autora realizadas em 2024.

Nas imagens vemos uma roda de pessoas em torno de uma mandala de plantas, sementes e outros elementos fundamentais para a cosmopercepção do

³⁵ Los pequeños agricultores satisfacen el 70% de las necesidades alimentarias mundiales, utilizando solo el 30% de los recursos destinados a la agricultura. En contraste directo, la agricultura industrial utiliza el 70% de estos recursos y proporciona solo el 30% de los alimentos que consumimos.

movimento de sementes de Misiones. Durante essa roda, cada agricultor presente fez a doação de um alimento, de sementes ou produto que produzia, e foi montada uma cesta da agrobiodiversidade da feira de sementes de Misiones que foi enviada até Buenos Aires através da liderança Gerardo Segovia, presidente da RAOM.

A mandala que vemos na foto representa mais uma tecnologia contracolonial presente nas místicas dos guardiões de sementes, um elemento que encanta e que sempre está nas feiras, como nos conta a guardiã de sementes Inês Polidoro:

A mandala da vida, que sempre me motiva fazer na feira, ela vem com a força do lugar, que só quem está junto que sente, as pessoas se reconhecendo e se fortalecendo com aquilo que até então não tinha tanto valor, mas na invisibilidade, essa raiz, essa flor, esse remédio, esse alimento, que resiste, que passou todo esse período de tanto dor e tanta negação do direito, estar ali, ela não está por acaso. (Inês Polidoro, 2025, Guardiã de Sementes, Rede de Sementes Agroecológicas [RESA], entrevista)

Cada elemento presente na mandala e na decoração das feiras faz parte da identidade dos povos e seus territórios, quem faz as mandalas tem uma intenção, um encantamento por trás de cada semente colocada. A mandala é também um portal, um caminho para retomar a soberania, para esperar mundos possíveis.

5.1.2. Troca ou *trueque* de sementes – economias da reciprocidade

A troca de sementes – do Quíchua *t'ukuy* ("trocar reciprocamente") ou do Nahua *tlaxcaltiliztli* ("dar para receber") – significa intercâmbio simétrico não mercantil baseado em confiança, equilíbrio social e *ayni* andino. Rejeita a mais-valia capitalista por economias da reciprocidade.

As trocas podem acontecer em feiras mas também durante o cotidiano. É uma lógica comum, segundo Vanusa Tapuya (2025, entrevista), da Rede de Sementes da Chapada Diamantina. Dar sementes para alguém é dar a esperança, pois aquela pessoa também será responsável na missão de preservar a espécie; ela compartilhou o que seu povo busca compartilhar, as sementes que eles têm menos, e justificou dizendo: "Porque a que menos temos pode ser multiplicada na mão de outros, lançada em outros solos, outras energias, com outros encontros e produzir alimento, dar vida para o povo" (Tapuya, 2025, guardiã de sementes, Rede de Sementes da Chapada Diamantina [RSCD], entrevista). Ou seja, pensa-se no caso

de a semente poder não ter se adaptado às condições da sua horta, mas poder prosperar no quintal dos vizinhos, garantindo assim que toda a comunidade siga com as sementes.

Vanusa Tapuya (2025, entrevista) é uma liderança indígena do povo Tapuya da Chapada Diamantina. Ela, assim como muitos guardiões e guardiãs, cuida dos diferentes saberes em torno do Bem Viver da comunidade. Ela cuida da origem dos pensamentos da arte com a palha de pina, os saberes com as ervas medicinais, a parteria ancestral, os cantos sagrados e outras práticas que garantem o modo de vida Tapuya.

As trocas são centrais nas redes de sementes, sendo organizadas também em feiras, ao deslocarem a centralidade do dinheiro, essas práticas fortalecem a soberania alimentar e a transmissão intergeracional de saberes, além de afirmarem o protagonismo de agricultoras e agricultores familiares.

Figura 4 - Trocas de sementes no 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)



Fonte: Fotografias da autora realizadas em 2025.

Na imagem vemos a diversidade de sementes disponíveis para troca na feira do (CBA) em Juazeiro na Bahia. Cada guardiã tinha uma mesa e deixava disponível o que tinha para trocar ou presentear na mesa. Nesses momentos se conversa e se trocam, junto com as sementes, histórias, memórias e diversos aprendizados em torno de como conservar essas sementes.

Segundo Agustina Bujan (2024, entrevista), Guardiã de Sementes da RSLC, trocar sementes é trocar histórias, memórias:

Ao longo do tempo, os povos do mundo foram cuidando e plantando variedades de cultivos próprios de cada região, que foram a fonte do alimento e, assim, da vida, da boa vida, cheia de nutrientes. De proteínas,

de vitaminas, de alegrias, de histórias, de tradições que foram transmitidas através das sementes. As sementes guardam uma quantidade de informação do tempo. E do humano que vai se transformando de geração em geração. Com a capacidade de se adaptar ao clima, à chuva, à seca, às temperaturas, ao frio, ao calor. E esse poder de adaptação se consegue ano após ano e ciclo após ciclo. (Bujan, 2024, Guardiã de Sementes, Cooperativa de Producción Agroecológica [COPA], entrevista, tradução nossa).³⁶

Trocar sementes é o que permite que as diferentes variedades sigam se multiplicando. Ao trocar as sementes, mantemos viva a cultura alimentar que caminha em conjunto aos alimentos:

A comida é um patrimônio cultural imaterial, e destruir essa cultura também é uma forma de enfraquecer o povo e dominá-lo. Assim, amendoim, arroz, feijão, mandioca, milho, taioba, frutas do Cerrado foram sequestrados pelos ultraprocessados [...] o milho ameríndio é a perda cultural alimentar mais emblemática (Azevedo, 2022, p. 312).

Como observamos no estudo de Azevedo (2022), quando deixamos as sementes crioulas e nativas e abrimos espaço para alimentos ultraprocessados, os saberes milenares se perdem. Assim, através das trocas as guardiãs seguem mantendo viva a semente.

Como evidência Luciano Payaya (2025, entrevista), a semente é compreendida não apenas como a variedade agrícola, mas como um princípio de vida, tudo tem sua semente: “Semente é tudo. É o princípio. É o começo, o meio, e o começo de novo. É plantar, colher e plantar de novo” (Payayá, Luciano. 2025, Guardiã de Sementes, Teia dos Povos, entrevista). Essa compreensão amplia o conceito de sementes para além dos grãos: “Não é só o milho ou o feijão. Tem as galinhas crioulas, as abelhas nativas, as cabras... isso tudo é semente também.” Assim, também a prática da troca se estende para a multiplicação de todas as sementes. Ele completa dizendo que a semente é o seu dia-dia: “É acordar, mexer com as abelhas, cuidar dos bichos, mexer na terra. Semente é o dia a dia”.

³⁶ A lo largo del tiempo, los pueblos del mundo fueron cuidando y plantando variedades de cultivos propios de cada región, que fueron la fuente del alimento y así de la vida, de la buena vida, llena de nutrientes. De proteínas, de vitaminas, de alegrías, de historias, de tradiciones que fueron transmitidas a través de las semillas. Las semillas guardan una cantidad de información del tiempo. Y del humano que se va transformando de generación en generación. Con la capacidad de adaptarse al clima, a la lluvia, a la sequía, a las temperaturas, al frío, al calor. Y ese poder de adaptación. Se consigue año tras año y ciclo tras ciclo.

5.1.3. Casas comunitárias de sementes

Existe uma discussão a respeito dos termos *casa* ou *banco* de sementes. Segundo a linha que seguimos na pesquisa, vamos adotar o conceito de *casa de semente*, pois remete a lar, proximidade e relações mais comunitárias sob a ótica do Bem Viver.

As casas de sementes são infraestruturas vivas e descentralizadas para curadoria, armazenamento, multiplicação e distribuição de sementes crioulas, nativas e ancestrais, operando com regras próprias e fundamentos de cada território e comunidade. Funcionam como bancos genéticos comunitários, centros de formação e resistência à biocolonialidade. A RSCD (Bahia) tem uma casa de sementes no horto. Mas também existem casas autônomas em cada território, como é o caso da Casa de Sementes Payayá. As casas e bancos de sementes constituem infraestruturas políticas fundamentais para a conservação da agrobiodiversidade e a autonomia dos povos frente ao controle corporativo das sementes.

Além de funcionarem como espaços de guarda, as casas de sementes abrigam práticas agroecológicas, educativas, cosmológicas, reuniões e processos formativos. São territórios de memória e futuro, onde se fortalecem saberes agroecológicos, identidades coletivas e estratégias de resistência às tecnociências coloniais.

Figura 5 - Casa de Sementes Minka Semillera e Guardiã de Sementes.



Fonte: Fotografias da autora realizadas na província de Buenos Aires, 2025.

Na figura vemos a guardiã de sementes Agustina Bujan (2024, entrevista) na Casa de Sementes da Cooperativa de Producción Agroecológica (COPA), em Guernica, Buenos Aires. Vemos as variedades armazenadas em vidros, em um espaço mais escuro, mas que também tem ventilação. Alguns frascos estão com sementes e areia. Também existe uma geladeira que não aparece na foto, mas que serve para conservação de espécies mais delicadas. Vemos também diferentes cabaças e uma frase de Vandana Shiva, que diz que as sementes são um presente, e de fato assim são tratadas nas casas de sementes.

A jovem guardiã de sementes nos mostrou o espaço e também um livro cheio de anotações sobre cada semente ali guardada. Era um livro comunitário, todos podiam ir ali e escrever sobre as sementes, assim eles podem ter registros das impressões em torno de uma variedade, podendo dessa forma conservar melhor as sementes. Esse livro, além de informações técnicas, como nome da variedade e qual frasco está guardado, tinha também dados astronômicos, como em qual lua

essa semente foi colhida, e comentários próprios dos guardiões, de como eles se sentiam em relação à colheita. Agustina nos conta a respeito das sementes e sua relação com elas:

Minha relação com as sementes começa a partir da minha relação com as plantas e o trabalho com a terra. Como forma de cuidar, recuperar e trabalhar a terra em um processo coletivo e cooperativo. E como forma de soberania na alimentação, no cultivo e na proteção. A proteção da vida. Através das sementes, temos a autonomia de poder plantar e, assim, de criar fonte de alimento para nós e para os outros. E cultivando e guardando as sementes, temos a capacidade de que isso se multiplique e se regenere. (BUJAN, Agustina. 2024, Guardiã de Sementes, Cooperativa de Producción Agroecológica [COPA], entrevista, tradução nossa)³⁷

Assim, a casa de sementes reflete a relação dos guardiões com as sementes. Ela garante a autonomia para poder plantar alimento e regenerar a vida, e garante que essas sementes fiquem preservadas, além de facilitar os processos de troca de sementes: "Se cuidan y se conservan las variedades vegetales que existen desde hace mucho tiempo. Y que también se van transformando y cuidando con el trabajo de las comunidades y con el cuidado de las comunidades (Bujan, 2024, Guardiã de Sementes, Cooperativa de Producción Agroecológica [COPA], entrevista).

Agustina completa, falando de sua consciência como guardiã de sementes:

Ao tomar consciência de tudo isso e de que o guardião das sementes e o próximo plantio trazem autonomia. Para não depender de que essa semente venha de outro lugar, que viaje quilômetros, que tenha que ser comprada, que tenha nome e sobrenome; para que cada um possa dispor dessa própria geração, dessa própria fonte primária, geradora de vida. E, a partir daí, as sementes começam a ter um lugar muito importante para toda a comunidade e assim também para mim. (Bujan, 2024, Guardiã de Sementes, Cooperativa de Producción Agroecológica [COPA], entrevista, tradução nossa).³⁸

A casa de sementes é uma ferramenta que garante a autonomia, para não depender de sementes que venham de outros territórios ou que tenham que ser

³⁷ Mi relación con las semillas comienza a partir de mi relación con las plantas y el trabajo con la tierra. Como forma de cuidar, recuperar y trabajar la tierra en un proceso colectivo y cooperativo. Y como forma de soberanía en la alimentación, en el cultivo y en la protección. La protección de la vida. A través de las semillas, tenemos la autonomía de poder plantar y así, de crear fuente de alimento para nosotros y para los demás. Y cultivando y guardando las semillas tenemos la capacidad de que esto se multiplique y se regenere.

³⁸ Siendo consciente de todo esto y siendo consciente de que el guardián de las semillas y la próxima siembra dan una autonomía. Para no depender de que esa semilla venga de otro lado, que viaje kilómetros, que tenga que ser comprada, que tenga nombre y apellido, que cada uno pueda disponer de esa propia generación, esa propia fuente primaria, generadora de vida. Y a partir de ahí, comienzan a tener un lugar muy importante, las semillas para toda la comunidad y así también para mí.

compradas, garante também que exista uma relação ancestral e comunitária entre ser humano e sementes, preservando a memória e a vida.

5.1.4. Muvuca de gente e de semente

A muvuca é uma técnica ancestral de semeadura diversificada, baseada no plantio simultâneo de múltiplas espécies nativas que vão se desenvolver em estágios sucessionais distintos. É utilizada especialmente em processos de restauração ecológica de áreas degradadas, mas também nas roças, quintais, hortas, agroflorestas, terreiros e jardins.

A muvuka está alinhada com a prática da semeadura direta, que consiste em plantar as sementes diretamente na terra, sem o uso de mudas, criando plantas fortes e adaptadas ao território.

O nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes. No plantio triangular, quando a correnteza vem, ela bate numa planta e vai para outra. As plantas cortam a velocidade da água. Quando chegaram as Ciências Agrárias, porém, começaram a nos ensinar a plantar de modo linear, fazendo arruamento. Quando a água ou o vento vêm, eles correm pela rua e vão embora arrastando tudo, porque não há nada para quebrar a correnteza. Além disso, nos orientaram a plantar uma única coisa no mesmo terreno. Sabíamos, contudo, que se plantássemos uma única espécie de semente no mesmo lugar, quem costumava se alimentar de diversas plantas iria comer só aquela. (Bispo dos Santos, 2023, p. 59).

Como evidencia Bispo dos Santos (2023), as chamadas técnicas trazidas pela ciência agrária não agregam na sua roça de quilombo. Primeiro porque queriam que se plantasse de forma linear, e eles possuem já uma técnica de plantio triangular que corta a água. Também orientaram eles a fazerem monocultura, mas eles sempre tiveram o costume de plantar diferentes sementes em um mesmo lugar, eles fazem muvuka com as sementes e plantam diferentes espécies em um mesmo lugar. O que podemos chamar de agroecologia, ele chama de roça de quilombo.

Como fundamento das casas de sementes crioulas, além da necessidade de preservação do patrimônio biocultural, está a agroecologia, que compreende os fenômenos relacionados à produção de alimentos a partir de uma perspectiva complexa e holística, levando em conta as experiências e conhecimentos locais, com vistas a promover uma agricultura socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente adequada a cada região

(Nóbrega; Barbosa, 2024, p. 164).

A técnica da muvuca é também fundamento de diferentes técnicas agroecológicas e agriculturas ancestrais, como o caso da MILPA (Dominguez; Freilij; Lia, 2024), onde se plantam sementes, de milho, feijão e abóbora juntas, que são conhecidas como três irmãos, sendo uma técnica ancestral difundida em diferentes povos de Abya Yala.

Na Chapada Diamantina, a RSCD realizou bombas de sementes para restauração ecológica em áreas degradadas do Parque Nacional da Chapada Diamantina (PARNA-CD).

Figura 6 - Muvuka de sementes no 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA)



Fonte: Fotografias da autora realizadas em 2023.

Na figura vemos uma muvuca de sementes organizada pelos pioneiros da Muvuka no Brasil, a Rede de Sementes do Xingu (RSX), durante o 12º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) em novembro de 2023.

A muvuca materializa uma tecnologia contracolonial da diversidade e da cooperação. Um dos lemas da Rede de Sementes do Xingu (RSX) é "muvuka de gente e de semente", evidenciando que só é possível uma muvuka de semente pois teve gente que coletou, guardou. Seja na restauração, seja nas roças, a muvuka traz a soberania da diversidade em meio à lógica do monocultivo.

5.1.5. Plantas-mãe, plantas mestras, sementes de origem.

O conceito de plantas-mãe é apresentado aqui como uma tecnologia, pois orienta uma cosmopercepção que produz outros modos de vida, também considerado no Capítulo 3: uma relação ancestral de gente com semente. Plantas-mãe tecem os modos de vida multiespécies (Tsing, 2015; Haraway, 2015).

As plantas-mãe são as plantas que garantem a matriz da semente. Nem todas as árvores podem garantir boas sementes, então os guardiões de sementes reconhecem quais as melhores árvores para a coleta de sementes, bem como cuidam dessa ancestral para conservá-la.

Essa lógica matriarcal se estende para compreensão de que as plantas cuidam de nós assim como nós cuidamos delas: a guardiã e a semente é uma aliança para sempre, porque a semente dá vida para a guardiã e a guardiã protege a vida das sementes (Polidoro, 2025, entrevista).

Vimos essa relação no Capítulo 3, item 3.2 – Sementes ancestrais: ciência, memória e tecnologia dos povos. Saramama, a mãe milho, pode vir a ser considerada como parte dos seres-terra (De la Cadena, 2015 p. 280). A noção de mãe milho, referência, que no mundo andino existe uma relação de parentesco com todos os seres, pois no mundo andino tudo está vivo, o cultivo é um ato de cuidado mútuo. Nessa lógica, o milho é um sujeito que possui personificação com sentimentos, ciclos e costumes, ele protege as guardiãs como filhas e as guardiãs protegem o milho, criando um ciclo de reciprocidade e mútua criação.

Retomando essa compreensão de criação mútua, no pensamento das guardiãs de semente tudo tem semente, tudo tem origem. Esses saberes são complexos pois rompem os padrões de pensamento da cosmofofia, da lógica de separação. Tudo é tão diverso, ao mesmo tempo que tem as mesmas origens. Quando Bispo dos Santos (2023) critica a cosmofofia, ele está nos mostrando a complexidade das ciências, saberes e tecnologias que produzem os povos que insistem em não serem colonizados, afinal eles sabem que são os cósmicos que criam pluriversos.

Tudo tem a mesma origem, a mesma semente, a mesma mãe, pois tudo tem a mesma base de DNA. Ao olharmos a origem da vida aqui na Terra, percebemos uma semente cósmica. Segundo Francis Crick, ganhador do prêmio Nobel pela

descoberta da estrutura do DNA, esta seria a hipótese principal:

A própria vida, sua origem, a natureza da molécula da vida, tem origem extraterrestre. É a panspermia dirigida. Para Crick, seria bastante reduzida a probabilidade de uma única proteína (capaz de participar da construção da primeira molécula de DNA) ter emergido ao acaso de uma sopa primordial (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021, p. 4).

A vida chega aqui na Terra como uma semente plantada. De onde veio, exatamente, os estudos científicos ainda não têm evidências suficientes, mas sabemos que é de origem cósmica, que não surgiu do nada aqui na Terra, senão, teríamos diversas origens da vida.³⁹

Muitos povos de tradição oral guardam a memória do surgimento da vida passando de geração em geração. Outras narrativas embarcam nessa memória contada de uma pessoa para outra. O conhecimento é transmitido, não só em contações de histórias, mas em cantos, saberes de tecelagem, cestaria, construção, cura e muito mais. São cosmovisões de povos que não se esqueceram de onde vieram (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021, p. 10).

A tradição oral é base desses saberes, hoje em dia vemos que muitos dos saberes ancestrais são também comprovados pela mesma ciência, como o caso da origem da vida ser extraterrestre e que todos temos uma mesma base de DNA. O que muda é a forma como isso é contato. Durante nossa jornada humana as plantas sempre nos acompanharam, nos criaram, e algumas plantas recebem o nome de plantas mestras (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021), que também é uma outra forma de compreender as plantas como mães.

Plantas mestras são veículos fecundos para outras realidades. Elas permitem acesso ao estado essencial da existência. Elas abrem a percepção para o microcosmos interior, o mundo microbiológico do qual os corpos são feitos. Os corpos estão sempre em transformação. Somos seres multiespécies. E as plantas mestras conduzem a vida ao âmago dessa metamorfose. E no interior dessa essência as plantas curam. Regeneram e curam. Pindovy Samaúma Baobá Igi Osé Akóko Odan Orogbo Atorin Agbao Apáoká. As plantas sustentam o mundo. A selva sustenta o céu. A seiva anima a vida (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021, p. 1).

³⁹ "No entanto, é assim que a maioria dos relatos científicos descreve o surgimento da vida no planeta. Há 3 bilhões de anos existiram condições na Terra para ocorrer a geração espontânea. Isso nunca mais aconteceu, pois, se acontecesse, teríamos inúmeras origens da vida" (Ciclo de Estudos Selvagem, 2021, p. 12).

Segundo Ailton Krenak (2022, p.3), "No princípio era folha", antes de qualquer diagnóstico médico, antes mesmo da escrita, havia a folha. As plantas foram, são e continuarão sendo mestras, comadres e companheiras de caminho. Em muitas tradições, elas não são meros recursos terapêuticos, são entidades vivas, sencientes, espirituais. São tratadas com nome, história e vontade. São parte de um mundo animado, onde tudo respira, sente e fala com diferentes linguagens. Na ancestralidade africana e afro-brasileira, por exemplo, a folha é mediadora entre o visível e o invisível. Nas cosmopercepções iorubá, "folha é orixá". Cada planta carrega axé, força vital, e seu uso exige ritual, respeito e escuta. Como dizem as Iyalorixás: "Sem folha, não se assenta orixá". A ausência da folha significa a ausência da vida. Da mesma forma, na medicina indígena, as plantas são consultadas em sonhos, reveladas em visões, colhidas com cantos e rezas.

As sementes das plantas sustentam nosso mundo, cuidam, curam e dão esperança para plantar novos mundos, as guardiãs de sementes têm um olhar amoroso com suas sementes que refletem esse cuidado compartilhado:

Eu penso que elas, depois da conquista de território, são elas a possibilidade desse Bem Viver, que não é individual que é coletivo. Principalmente, porque elas carregam na história a resistência das nossas raízes ancestrais. É com as sementes que a gente consegue se esperar, fazer, colocar na terra, ver elas germinar, construir e reconstruir coletivamente essa nossa história.... que não é do agro, que não é do capital, é no respeito, no cuidado um do outro e é na história. Essas sementes se conectam com o presente e com o passado e conseguem nos ajudar a ver um futuro. (Inês Polidoro, 2025, Guardiã de Sementes, Rede de Sementes Agroecológicas [RESA], entrevista)

As sementes dão a possibilidade para Bem Viver. Depois da conquista do território, da terra-mãe, chegam as mães sementes que carregam a resistência ancestral, a memória antiga para esperar Paulo Freire (1992) a vida. Assim, a cosmopercepção de plantas-mãe é base justamente porque as mulheres são também maioria no campo e as maiores guardiãs de sementes. "Las mujeres somos las que cuidamos de nuestras semillas, y por eso decimos que somos las guardianas de las semillas" (Fueres, 2014 apud La Vía Campesina).⁴⁰

⁴⁰ "Las mujeres se han encargado de custodiar la herencia genética común mediante el almacenamiento y la preservación de los granos. En un estudio sobre las mujeres del medio rural de Nepal, se descubrió que la selección de semillas es en primer lugar responsabilidad femenina. En el 60,4% de los casos las mujeres deciden solas el tipo de semilla a utilizar, mientras los hombres lo hacen sólo en el 20,7%" (Shiva, 1991, p. 9).

As sementes trazem a história de nossas raízes, eu não vejo outro caminho hoje, é tão difícil de conseguirmos unir as as pessoas, de escutar, então a semente é esse caminho para mim, muito concreto, e eu sou apaixonada, com as feiras e festas nos territórios, por que a gente traz as sementes, às vezes a gente chega nos territórios para animar as feiras e a comunidade fala a gente não tem nada aqui, a gente tem que receber as sementes para plantar. Eu me emociono muito, isso para mim é muito forte, e aí quando a gente começa andar no quintal, começa a ficar lá, e provocar a encontrar as coisas que tem valor. (Inês Polidoro, 2025, Guardiã de Sementes, Rede de Sementes Agroecológicas [RESA], entrevista)

O estudo das plantas-mãe emerge como uma relação ética, sensível e espiritual com as plantas que geram sementes. Este é um reconhecimento ontológico das plantas como sujeitos de direitos, guardiãs de memória ecológica e entidades vivas com agência própria, desconstruindo a dicotomia cartesiana natureza/cultura.

Essa prática convoca a escuta, a observação prolongada e o respeito aos tempos da natureza, reafirmando saberes indígenas, nos conta Jacy Payaya a respeito do seu olhar para com as sementes:

Pra mim está muito ligado a uma relação de soberania dos territórios, pois a semente garante a autonomia alimentar e medicinal do território, logo ele não fica refém do sistema capitalista, dos agrotóxicos, dos remédios vendidos em farmácias, que a gente sabe que sempre ocasionam algum dano. E cada semente - erva tem um espírito guardião que ajuda em trabalhos espirituais também, sendo assim a mesma planta pode ser utilizada pra questões físicas e também pra questões espirituais, sendo que cada uma tem seu encanto específico que precisa ser dada a benção, a permissão pra acessa-lo e assim poder cuidar do nosso espírito com elas, o que na visão juremeira também está intimamente ligado ao respeito pela Terra e aos encantados que regem a mata (Payayá, Jacy. 2025, Guardiã de Sementes, entrevista).

As plantas para os indígenas e guardiões de sementes Payaya são seres respeitados, que servem para alimentar mas também para curar. Segundo Jacy Payaya (2025, entrevista), as sementes são formas de invocar os encantados que regem a mata, evidenciando que a relação dos seres com as sementes é diversa, conforme cada cosmoperção dos diferentes territórios. Mas o que vemos em comum é a lógica de proteção da vida, do reconhecimento da importância das mães, da mãe terra, mãe semente, mãe árvore, mãe rio, mãe guardiã.

5.2. Entre Mingas e Mutirões – Trabalho coletivo e produção do comum e breve relato de IAP

As redes de sementes se organizam através da realização de trabalhos coletivos, as chamadas mingas, mutirões, ajuri (tupi-guarani), muxirão, putirão (tupi-guarani). Nos Andes, temos a palavra *minga*, como observado na rede Red Semillas Libres da Colômbia (RSLC), embora existam muitos outros nomes para práticas semelhantes.

O conceito de mutirão no Brasil encontra sua origem etimológica no termo tupi-guarani *motyrõ*, ou *mutyrõ* (Dicionário de Favelas Marielle Franco), que significa “trabalho em comum” ou “trabalho coletivo”, referindo-se a práticas de cooperação sem remuneração direta, voltadas à realização de objetivos comunitários. O conceito é também utilizado não apenas para fins de trabalho no território, mas também para organização política: diz-se que faremos um mutirão para lutar contra as multinacionais, como no caso da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB, 2025), que organizou a Declaração do Mutirão dos Povos da Amazônia para a COP 30 – “A resposta somos nós” foi o documento que fundamentou a participação dos povos indígenas na COP 30. Mutirão é a flecha certa de que as resistências são feitas de forma coletiva, cada um contribui com o que tem e cada um é valioso nessa soma.

As crianças já sabem o que é a minga porque com os pais já fazem, principalmente para semear, consertar a terra. A minga é importante para tudo, quando morre alguém, para construir uma casa, consertar a ponte da estrada, tudo é minga. Tem gente que fala troca de mão, a gente fala minga (Tumiña apud Saraiva, 2023, p. 70)

Nos países andinos, vemos essa mesma prática reconhecida através da palavra em quéchua *minga* ou *minka*⁴¹, como diz a *abuela* Agustina Tumiña, o trabalho coletivo é algo que se aprende desde criança. Nessa mesma entrevista Agustina Tumiña (Tumiña apud Saraiva, 2023, p. 70), contou que as crianças,

⁴¹ “Minka ou minga: é uma instituição de ajuda recíproca no âmbito comunitário. Assegura o trabalho destinado ao bem comum da população. Realiza-se para satisfazer as necessidades e os interesses coletivos da comunidade. Por exemplo, na execução de obras como a construção e manutenção de caminhos ou canais de regadio. Portanto, é um mecanismo de trabalho coletivo que permite superar e enfrentar o esquecimento e a exclusão dessas populações pelo sistema colonial e republicano. Ademais, esta instituição ajuda as comunidades a potencializar sua produção, estimular o trabalho e fomentar a poupança. A minka é também um potente ritual cultural e cerimonial de convocação e coesão das comunidades, assim como um espaço de intercâmbio de normas socioculturais” (Acosta, 2016, p. 186).

quando vão brincar juntas, dizem que vão fazer uma minga e se alegram de brincar coletivamente em busca de objetivos em comum.

Esse conceito é de coletividade, é ancestral, tecido nas cosmopercepções dos povos da terra, pois evoluímos em cooperação. No mundo andino esse conceito de minga é a baseada no princípio da reciprocidade, associado ao conceito do *ayni*, segundo García Hurtado e Roca Palacio (2007), representa a ajuda mútua e também a compreensão de que todos estamos interconectados e todas as nossas ações colaboram com o todo. Desse modo, quando alguém ajuda em uma minga não está esperando receber em troca o mesmo, como podemos nos equivocar conforma a visão capitalista. Na minga fazemos por sermos parte da comunidade e ela nos permite a vida.

Essas práticas de trabalho coletivo, sejam chamadas de mutirão no Brasil ou minga/minka nos Andes, não se limitam a um esforço instrumental para concluir tarefas, elas constituem uma ética de Bem Viver, de reconhecimento mútuo dentro das comunidades.

Na experiência de IAP realizada no território da Chapada Diamantina junto à Rede de Sementes da Chapada Diamantina, o mutirão é uma das bases de organização. Por seis meses vivenciei os mutirões de trabalho realizados todos os sábados, praticados em conjunto com a Comissão do Meio Ambiente do Vale do Capão (CMAVC) e o Horto Comunitário Vale Flora, ONG que organiza e articula a Rede de Sementes da Chapada Diamantina.

A Chapada Diamantina, localizada no centro-norte do estado da Bahia, representa um território de notável relevância socioambiental e cultural, onde se entrelaçam distintos biomas brasileiros: Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Esse território também é lar de diversas comunidades e povos tradicionais que mantêm vínculos profundos, ancestrais e contínuos com o meio ambiente, expressos em seus saberes, práticas e modos de vida que reconhecem o Corpo-Território como um todo interdependente. Entre essas populações estão quilombolas, indígenas, ribeirinhos, extrativistas e agricultores familiares, que conservam a memória viva das paisagens e protagonizam a proteção e restauração biocultural do território.

Historicamente, a Chapada Diamantina tem sido marcada por intensas transformações antrópicas, destacando-se a mineração, a expansão da agropecuária extensiva, o monocultivo de café, cana e outras culturas, queimadas e,

atualmente, a especulação imobiliária pela pressão do turismo. Nesse contexto, nasce a RSCD.

Atividades realizadas nos mutirões do Horto incluíram: Seleção de sementes; Plantio de sementes; Feitio de Mudas; Preparação de humos; Manutenção dos espaços das abelhas nativas (*Melipona quadrifasciata*) arapuá (*Trigona spinipes*) e jataí (*Tetragonisca angustula*); Almoços coletivos; Organização e limpeza de espaços comuns; Elaboração de projetos para captação de recursos; Apoio no registro de sementes e mudas; Apoio da construção e recepção de Oficinas de Educação Ambiental.

A lógica dos trabalhos no horto segue esse princípio comunitário. Durante as oficinas de educação ambiental também fazemos com as crianças mutirões para que elas possam conhecer na prática as atividades de cuidado das mudas e sementes.

Figura 7 - Atividade de educação ambiental



Fonte: fotografias da autora na Chapada Diamantina (2025)

Nas imagens vemos o espiral de ervas, o mestre Griô Santinho conversando a respeito das plantas e contando histórias a respeito do Vale do Capão, bem como imagens de almoço coletivo e mãos na terra. As atividades de educação ambiental, são atividades sensoriais que despertam um olhar atento à natureza, trazendo elementos profundos, conhecimentos multidisciplinares, como ecologia, biologia, geografia, sociologia, filosofia, história se entrelaçam na agrofloresta de saberes. Fazemos visitas guiadas, caminhando pelo viveiro, apresentando as plantas, sentindo os cheiros e sensações que despertam a mata, além de muitas informações trazidas pelos Guardiões Marquinhos e Santinho que conduzem as vivências entre as atividades práticas:

Vivências no minhocário, onde falamos da importância do húmus e como preparar, com a mão na terra e nas minhocas as crianças, peneiram o húmus e puderam compreender a importância dos ciclos de decomposição e regeneração da vida. Coletamos as mudas de juçara que estavam prontas para um transplante, dando a elas um espaço maior para seu desenvolvimento, conhecer que tudo começa com as sementes, valorizar as árvores nativas e sentir o prazer de preparar uma muda e regá-la. É fundamental mais políticas públicas que permitam que as crianças possam aprender a cuidar da natureza.

Desse modo se dá o conhecimento das sementes e histórias das diferentes pessoas que frequentam o mutirão e, através da experiência semanal acompanhando o ciclo das plantas, seu crescimento e também suas dificuldades. A palmeira juçara (*Euterpe edulis*) é uma planta muito importante para a visão do Guardião Marquinhos, que dizia que devíamos comer ela no lugar do açaí, visto que essa é uma planta nativa da Mata Atlântica.

Figura 8 - Sementes, mudas e bombas de semente no Horto Comunitário



Fonte: Fotografias da autora realizadas na Chapada Diamantina em 2025.

Na figura, vemos o registro do Ipê-bóia (*Handroanthus umbellatus*), que tem formato de coração, uma verdadeira caixinha de joia, e ao lado vemos diferentes sementes como a do Licuri (*Syagrus coronata*), e bombas de sementes feitas com diferentes sementes e argila para plantio direto de restauração. Também vemos os brotos de Juçara (*Euterpe edulis*) e mudas de Jatobá (*Hymenaea courbaril*) que, além de ser uma árvore fundamental para a restauração da Mata Atlântica e do Cerrado, é também um fruto rico em nutrientes. Na Chapada Diamantina se consome muito os bolos e bolachas feitas com a farinha da planta. Vemos na última foto as mudas de Pitanga (*Eugenia uniflora*), árvore nativa da Mata Atlântica que também se usa para restauração, além de representar nossa riqueza de frutas nativas.

Destaco os aprendizados com os diferentes participantes do horto, sendo o Vale do Capão um lugar diverso que recebe pessoas de diferentes partes do Brasil e do mundo, um espaço intercultural e multidisciplinar.

As riquezas são vistas também na etnobotânica, no saber das ervas medicinais e seus diferentes usos, nas mandalas de ervas feitas com o Griô Santinho e outras guardiãs de sementes, como vemos em *Estudos Etnobotânicos da Chapada Diamantina* (Mortari; Andrade; Conceição, 2024), conhecemos as ervas locais como a arruda-da-serra (*Poiretia bahiana*) que tem um cheiro delicioso e é usada para banhos e defumação, o capim-nagô (*Cymbopogon densiflorus*) que é usado para diferentes questões gástricas, cólicas e também é um vermífugo, a aroeira (*Schinus terebinthifolius*) que é fundamental para as comunidades da RSCD que a utilizam como tempero, para banhos e limpezas energéticas, o pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia*) que também é muito usado para os banhos de cheiro, e destaque também a sempre-viva (*Comanthera mucugensis*), flor símbolo da Chapada Diamantina e da resistência de seus povos e comunidades tradicionais, sempre vivas.

Quando perdemos uma variedade de sementes, não é só a semente de “cumê” que enche a barriga, que perdemos. Junto perdemos parte da memória e outros conhecimentos que também vão embora. As sementes para nós são sinal da autonomia alimentar, que carregam nossa história, nossa memória alimentar, e são fundamentais em nossos rituais. (Xakriabá, 2018, p. 68)

O saber sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) também integra essa riqueza presente nos mutirões. Na cozinha coletiva experimentamos diferentes sabores e modos de preparo, revelando a diversidade alimentar do território. Entre as espécies utilizadas estavam a caapeba ou pariparoba (*Piper umbellatum*) preparada na farofa com bastante dendê, o palmito de jaca e a carne de jaca (*Artocarpus heterophyllus*), a língua-de-vaca (*Rumex obtusifolius*), a flor de ipê (*Handroanthus* sp.) e a capuchinha (*Tropaeolum majus*), usadas nas saladas, além dos doces preparados com mamão verde (*Carica papaya*). Tudo isso é cultura alimentar e modo de vida preservado junto com sementes e território.

Figura 9 - Mutirão de Restauração Ambiental no Vale do Capão (BA)



Fonte: Fotografias da autora realizadas em 2025.

Na imagem vemos fotos do mutirão realizado aos pés do Morro Branco, que é uma montanha considerada sagrada para a comunidade do Vale do Capão. Essa área do plantio foi degradada pelo monocultivo de café na região. Durante o mutirão foram plantadas mais de 500 mudas, com 30 espécies diferentes; a atividade foi feita entre 10 pessoas durante 3 dias. Foi necessário subir a montanha com as mudas nas costas. Foi uma atividade feita através da ecologia de saberes: os mais velhos sabiam quais plantas colocar no território e quais espécies poderiam ir juntas, bem como quais vão nascer primeiro e ajudar as demais em uma cooperação sintrópica. Nós que éramos mais jovens e técnicos nos dedicamos a ajudar a plantar, bem como a mapear as espécies através de um sistema de georreferenciamento.

O mutirão se manifesta como mobilização coletiva em torno da produção e do cuidado de mudas nativas e medicinais, diálogo entre saberes tradicionais e práticas agroecológicas, e construção de um território vivido como comum. Essa forma de trabalho coletivo articula restauração ecológica, cooperação intergeracional e a

produção de afeto enquanto força social na construção de futuros possíveis no Corpo-Território.

Mutirão é afeto organizado, prática de Bem Viver e resposta coletiva ao individualismo imposto pela modernidade colonial, reafirmando relações de cuidado com a vida, o território e os laços comunitários

5.3. Cartografia dos nomes das sementes do Bem Viver em Abya Yala

A semente que nos alimenta e sustenta a nossa identidade.
Saberes, sabores, sementes: o alimento que alimenta a cultura xakriabá
Ser,
De ser mente
Ser semente
E não deixar de ser semente.
A semente não apenas nos alimenta,
A semente também sustenta o território.
Célia Xakriabá (2018)

Crioulas, nativas, camponesas, caboclas, livres, tradicionais, sementes da paixão, da liberdade, da partilha, da fartura, da gente, da resistência, da independência, *de la libertad, del pueblo*. Palavras e encantamentos se revelam no quadro de cartografia que elaboramos através dos percursos ao longo dessa pesquisa. Alguns nomes foram obtidos através da história oral, entrevistas, trabalhos de campo e pesquisa bibliográfica documental.

Em um exercício de pensar a integração de Abya Yala, através das sementes, consideramos também redes de América do Norte e Centro, mesmo que não sejam o foco dessa pesquisa, nos mostram a diversidade de palavras que surgem no interior das redes, palavras que refletem os diálogos de resistência as sementes por todo o continente, afinal, semente deve ser livre e sem fronteiras. Incluir a América do Norte como parte dessa terra indígena, mestiça, afro america, é também parte do descolonizar a ideia vendida de que existe uma superioridade e separação, que realmente existe a níveis geopolíticos mas essa não é a única narrativa possível, ali também resistem povos e suas sementes para futuros ancestrais, diálogos da Águia, do Condor e do Beija-flor, são fundamentais pras sementes do amanhã.

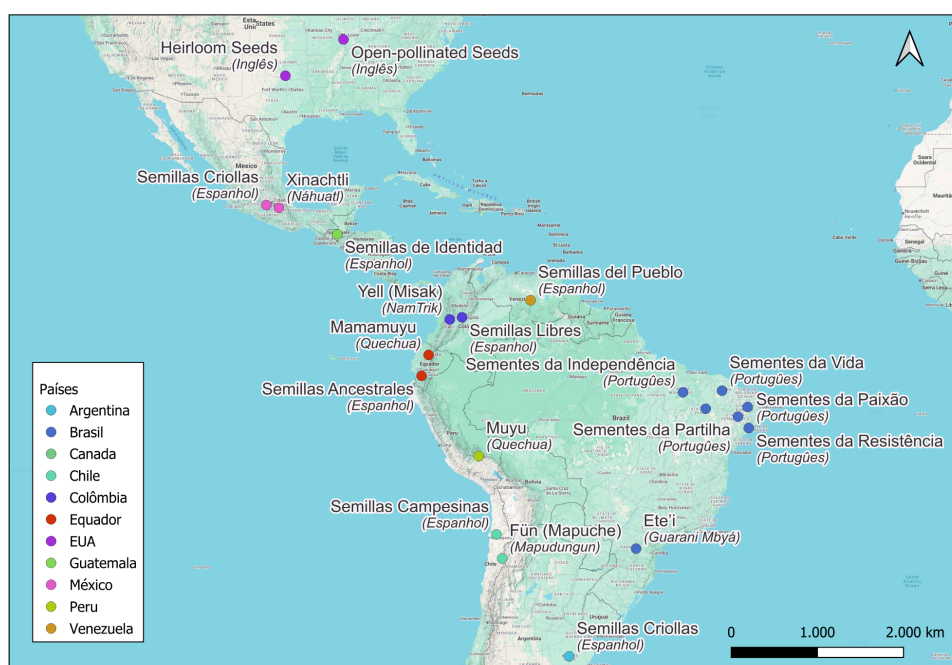
Propomos essa breve cartografia dos nomes das sementes por Abya Yala, pois estudo evidencia as epistemes-políticas dos guardiões, e renomear palavras é

também um ato de resistência. “Sabemos também que a linguagem não é uma propriedade do homem, um simples veículo prático para transmitir a informação: as palavras nos fazem pensar e sentir” (Sztutman, 2018, p. 343). Assim, os nomes ancestrais das sementes abrem espaço para os pluriversos que elas pertencem. Retomar⁴² nomes é reencantar, é romper os feitiços coloniais.

Stengers pensa a feitiçaria ao modo do *pharmakon* – a um só tempo veneno e remédio. Se as palavras têm mesmo força, se são espécies de *pharmakon*, nomear a feitiçaria ou a magia, nomear-se feitiçeiro ou animista pode se converter num ato de conjuração, resistência a toda essa história agarrada a uma ideia de progresso a um só tempo da Razão e da técnica.” (Sztutman, 2018, p. 344).

Para retomar a perspectiva das sementes como bens comuns e seres-terra (De La Cadena), esse quadro representa essa resistência em diferentes países latino-americanos e seguramente existem muitos mais nomes para descobrirmos e retomarmos, essa é a riqueza da diversidade, ela não se esgota e constantemente se recria. A cartografia foi sistematizada através do *software de livre acesso* QGIS.

Figura 10 - Cartografia dos nomes das sementes em Abya Yala



Fonte: Elaboração própria utilizando o Qgis (2026)

⁴² “O sentido das ‘retomadas’ de terras – como o são chamadas pelos povos indígenas da atualidade – não se resume ao ato de reaver um pedaço de terra, uma ocupação antiga ou ‘tradicional’, mas todo um modo de existência, e isso muitas vezes pressupõe a reativação de certas práticas ditas mágicas, como o xamanismo, os encantamentos, a oniromancia” (Sztutman, 2018, p. 342).

A Figura 10, espalhando a diversidade de nomes de sementes, desenhando redes transfronteiriças que tensionam os limites geopolíticos dos Estados-nação por meio de ancestralidades e tecidos linguísticos compartilhados. O mapa cartografa a diversidade de resistência biocultural ao longo de *Abya Yala*, demonstrando onde e como os termos crioulos, nativos e originários fincam suas bases territoriais. Desse modo, para complementar a leitura da cartografia, seguimos aprofundando essas informações no arranjo analítico sintetizado a seguir no Quadro 7.

Quadro 6 – Cartografia dos nomes das sementes em Abya Yala.

País / região	Nomes das sementes	Referências	Sentido cosmopolítico
Brasil	Sementes da Resistência (AL), Sementes da Vida (CE), Sementes da Independência (MA), Sementes da Paixão (PB), Sementes da Partilha (PE), Sementes da Fatura (PI). Ete'i (Guarani Mbya)	Programa Sementes do Semiárido (ASA / organizações locais)	Vincula as sementes crioulas ao núcleo da resistência camponesa e quilombola frente ao agronegócio, associando-as à luta por terra, água e convivência com o Semiárido. As denominações expressam dimensões afetivas e políticas de base comunitária.
Colômbia	Semillas libres, criollas y nativas, Yell (Misak)	Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC)	Define as sementes como bens comuns e patrimônio biocultural; articula redes regionais pelo direito de guardar, trocar e plantar, blindando os territórios contra patentes, transgênicos e tratados de livre comércio.
Equador	Semillas ancestrales y criollas / Muyukuna e Mamayuyu (Kichwa)	Red de Guardianes de Semillas del Ecuador (RGSE)	Reconhece guardiãs e guardiões como sujeitos políticos e parentes da agrobiodiversidade. O termo Muyu evoca o círculo e o eterno retorno da vida, e Mamayuyu define a semente como mãe e matriz do cuidado vegetal.
Argentina	Semillas nativas y criollas	Red de Agricultura Orgánica de Misiones (RAOM) e Movimento por las Semillas Campesinas	Afirma que as casas de sementes e as feiras são territórios de celebração, mística e denúncia. As sementes são tratadas como elementos vitais e espirituais na defesa do Teko Porã (Bem Viver).

México	Semillas criollas / maíces nativos, Xinachtli (Náhuatl)	Campaña Sin Maíz No Hay País	Posiciona os milhos nativos como o fundamento cultural, cosmológico e espiritual da identidade camponesa e indígena, defendendo a autossuficiência alimentar.
Chile	Semillas campesinas, Fün (Mapudungun)	ANAMURI / Movimentos territoriais	Inscribe as sementes guardadas por famílias camponesas e pelo povo Mapuche na resistência direta contra leis de privatização e cercamento biológico
Venezuela	Semillas del pueblo	Movimiento Semillas del Pueblo	Designa as sementes crioulas como bens sob controle popular direto, projetando uma transição agroecológica sustentada pelas estruturas comunitárias das comunas.
Guatemala	Semillas de identidad, de dignidad, Ija' (Maya K'iche')	MAELA – Campaña Semillas de Identidad	Reforça a dignidade coletiva e as identidades comunitárias como barreiras de contenção contra a perda de biodiversidade provocada por políticas neoliberais.
Estados Unidos	Heirloom seeds / open-pollinated seeds	Seed Savers Exchange (SSE) / Indigenous Seed Keepers Network (ISKN)	Preserva sementes patrimoniais entendidas como herança cultural e genética alimentar, construindo redes de agricultores para regenerar variedades tradicionais fora do controle corporativo.
Canadá	Seeds of Diversity / regionally adapted seeds	Seeds of Diversity; SeedChange (Bauta Family Initiative)	Conserva variedades tradicionais adaptadas regionalmente através de bibliotecas de sementes, afirmando-as como bens culturais em oposição ao monopólio biotecnológico.

Fonte: Elaboração própria (2026)

Sabemos que não podemos esgotar a complexidade de informações por trás de cada nome, o que pretendemos é começar um processo que amplie nosso conhecimento a respeito da diversidade presente em Abya Yala, bem como mostrar que existe uma resistência acontecendo nessas regiões em torno das sementes.

A leitura especializada apresentada na primeira coluna do Quadro 7 transcende a mera localização geográfica de variedades agrícolas; ela descortina

uma densa geopolítica da nomeação e uma geografia de resistência ao longo de Abya Yala. Enquanto as estruturas corporativas do agronegócio homogeneizam as paisagens por meio de nomenclaturas patenteadas, códigos numéricos e sementes-mercadoria (Grain; ETC Group, 2025) os movimentos camponeses e os povos originários operam uma virada cosmopolítica através do ato de nomear, transformando o resgate linguístico em um instrumento de soberania alimentar e territorial (Toro Pérez, Bravo e Vélez, 2014).

No cenário brasileiro, a articulação capilarizada em torno do Programa Sementes do Semiárido, coordenado pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), revela como a terminologia das sementes crioulas está intrinsecamente ligada a dimensões afetivas, políticas e de base territorial. Os termos Sementes da Resistência, da Vida, da Independência, da Paixão, da Partilha e da Fartura, são símbolos da diversidade nordestina, estas sementes são tratadas como patrimônio biocultural indissociável da luta pela terra, pela água e pela convivência harmônica com o bioma, opondo-se frontalmente à lógica de cercamento do mercado (Articulação Semiárido Brasileiro, 2025). Paralelamente, os povos tradicionais preservam seus nomes nas línguas originárias, como ocorre entre os Guarani Mbya, cuja expressão *Ete'í*, demarca a condição existencial das sementes verdadeiras.

A transição para os países de língua hispânica e territórios indígenas na América Latina aprofunda essa relação de parentesco, relacionalidade e espiritualidade com a agrobiodiversidade. Na Colômbia, os termos *semillas libres*, *crioulas* e *nativas*, somados ao vocábulo *Yell* do povo Misak, são termos fortalecidos através da Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC). Essa defesa terminológica encontra ainda amparo no campo do direito internacional, que reconhece as sementes nativas e crioulas como elemento constitutivo dos direitos humanos dos povos camponeses e indígenas (Murcia Riaño, 2023).

No Equador, o resgate dos termos originários das cosmocepções da língua Kichwa pela Red de Guardianes de Semillas del Ecuador (RGSE) nos convida a olhar para a semente em uma dimensão profunda: expressões como *Muyu* que significa também círculo, círculo em movimento evocando a ideia do eterno retorno da vida. Temos também a palavra *Mamayuyu* que seria algo como Mãe-semente, que retoma a ideia central que no mundo andino tudo está vivo e merece respeito por igual, essa é uma pedagogia de convivência que desloca a semente da categoria colonial de "recurso genético" para um ser vivo de direito,

semente-mãe que nos dá vida, das mães cuidamos, respeitamos.

Essa mesma racionalidade biocêntrica brota no Chile através das sementes camponesas e ancestrais, guardadas pelas famílias agricultoras e pelo povo Mapuche, que as denomina em sua língua original como *Fün*. Articulados nacionalmente pela Associação Nacional de Mulheres Rurais e Indígenas (ANAMURI, 2026), esses coletivos rechaçam ativamente as tentativas institucionais de privatização biológica e patentes impostas por marcos regulatórios internacionais como a lei de sementes UPOV-91.

Na Mesoamérica e no México, expressões como *semillas de identidad*, *de dignidad* e *maíces nativos*, demonstram que o cultivo tradicional é o fundamento cultural e cosmológico da própria existência dos povos locais como demonstra segundo Dominguez; Freilij; Lia (2024). No contexto mexicano, as mobilizações camponesas coordenadas pela campanha *Sin Maíz No Hay País*, aliadas à tradição Náhuatl que preserva o termo *xinachtli* (força latente de germinação), conquistaram em 2025 uma vitória histórica ao consolidar o país como território livre de milhos geneticamente modificados (La Jornada, 2025). Na Venezuela, por sua vez, a categoria *Semillas del pueblo* projeta uma transição agroecológica de controle popular descentralizado, integrando o manejo sementeiro às estruturas territoriais das comunas rurais.

Na porção setentrional do continente, as iniciativas mapeadas nos Estados Unidos e no Canadá demonstram que a disputa ontológica pelas sementes também ocupa as franjas do norte global. Redes como a Seed Savers Exchange (SSE) e a Indigenous Seed Keepers Network (ISKN) operam na conservação de variedades antigas passadas por gerações, classificadas como *heirloom seeds* (sementes de herança) e *open-pollinated seeds* (sementes de polinização aberta) da iniciativa Dynaversity Project, (2019).

No Canadá, coletivos como Seeds of Diversity e programas ligados à iniciativa SeedChange priorizam a difusão de *regionally adapted seeds* (sementes regionalmente adaptadas) em oposição às sementes proprietárias da indústria biotecnológica. Ao estruturarem *seed libraries* (bibliotecas de sementes) e espaços comunitários de guarda, esses movimentos resgatam o manejo agrícola como um bem cultural inalienável, garantindo a conservação da sociobiodiversidade cultivada.

A comparação entre esses países revela que, apesar das diferenças territoriais e culturais, as redes de sementes compartilham princípios comuns: a

defesa das sementes como bens comuns, a valorização do conhecimento tradicional e a resistência aos processos de privatização da biodiversidade agrícola. Reafirmando, em escalas distintas, os princípios da soberania alimentar consagrados pelo Fórum Mundial de Nyéléni (2007).

Existem muitos outros nomes, principalmente os relacionados às línguas originárias como o caso do *Avaxi*, milho em Guarani, ou *Avatĩ* na grafia Mbya Guarani, e até expressões como *Avaxi Eté'i* (o milho verdadeiro), que tem a demarcação de verdadeiro justamente pelo avanços dos OGM, segundo exposição no Museu das Culturas Indígenas *Hendu Porã'rã, escutar com o corpo* (2023).

Figura 11 - *Avatĩ*, milho guarani Museu das Culturas Indígenas *Hendu Porã'rã, escutar com o corpo* (2023)



Fonte: Fotografia da autora realizada em 2025 na exposição *Hendu Porã'rã: escutar com o corpo*, Museu das Culturas Indígenas, 2023.

Cada povo nomeia as sementes de acordo com sua própria história, seus afetos e vínculos materiais e simbólicos com a terra. O próprio termo *semente* é um território em disputa, visto que sementes como nome dado pelos diferentes povos exprime significados bioculturais, enquanto os Organismos Geneticamente Modificados (OGM) são produtos de um mercado.

Apesar da diversidade de denominações, todas compartilham uma essência fundamental, representando um longo processo de coevolução. Não são moldadas através de modificações genéticas em laboratórios, nem submetidas à lógica dos

monocultivos e das commodities. Essas sementes são fruto do diálogo profundo entre seres humanos e os ciclos da natureza, verdadeiros laboratórios vivos, onde se expressam relações interespecies (Tsing, 2015), tecidas por cuidado, reciprocidade e memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certas espécies de plantas, quando estão ao fim de sua vida, começam a colocar toda sua energia no processo de gerar flores e, por fim, sementes. Em um ciclo em espiral, a vida dessa planta continuará através das sementes, assim, essa sabedoria presente na natureza pode nos ensinar a respeito de nós. Nossos pensamentos são origem de vida, lançamos sementes, plantamos mundos. O ciclo da pesquisa é contínuo, mas ganha outras formas, espaço e tempo, se recria conforme os caminhos da vida.

No atual momento de crises sistêmicas, precisamos nos banhar de floresta, de terra, dos saberes presentes com os povos que tecem pluriversos. Os saberes das redes, os guardiões e as sementes são como ebós epistemológicos:

As múltiplas tecnologias inventadas e praticadas como possibilidade para a potencialização das energias que nos movem na/para a abertura de caminhos e acúmulo de força vital (Rufino, 2019, p. 45).

Nesse momento, parece que cada parte da pesquisa podia se ampliar em infinitas possibilidades, vemos a complexidade dos temas, a ecologia de saberes e principalmente a compreensão de que é preciso tempo para digerir e incorporar o que nos cruza e descruza. Na sociedade do consumo, queremos tudo com urgência, mas é preciso insistir nos processos reais, que tomam tempo, digerir, decompor, assentar, amadurecer, também faz parte do fazer científico e essas considerações finais são escritas compreendendo que a ciência é viva e sempre estará em movimento.

Ao falarmos das sementes, disputamos um território ontológico: de um lado, uma ontologia da vida, fundada na diversidade, na relacionalidade e na continuidade dos corpos-territórios; de outro, uma ontologia do capital, da guerra e da morte, que opera por meio da extração, da homogeneização e da ruptura das relações entre povos, sementes e memória. Como evidenciam as perspectivas decoloniais que orientam esta pesquisa, as crises são partes naturais da estrutura do sistema capitalista. O colonialismo, o patriarcado e o capital, se reinventam em cada crise,

assumindo novas roupagens, colonialismo químico, capitalismo verde, revolução verde, digitalização da agricultura, desenvolvimento, progresso.

É fundamental demarcar a urgência desta pesquisa frente às estratégias de captura operadas pelo capitalismo verde e pelas falsas soluções do desenvolvimento sustentável. Diante disso, desmistifica-se a neutralidade do termo Antropoceno: a crise ecológica não é um efeito abstrato da ação humana, mas sim o resultado histórico do Capitaloceno, fundado na expropriação e na mercantilização de todas as formas de existência.

Esta pesquisa se posiciona como teoria social latino-americana, produzida desde a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e atravessada pelos eixos de decolonialidade, movimentos sociais e cultura do PPG-ICAL. Não somos pesquisadores neutros, temos história e caminho, aqui pesquisou uma mulher, periférica, do interior caipira de Itapetininga, Estado de São Paulo, a primeira da minha família a obter um título de mestrado. Fazer ciência a partir desse lugar é um ato político, ocupar o latifúndio do saber com os saberes da terra.

Começamos a pesquisa com uma pergunta: É possível plantar o Bem Viver? Ao percorrer as redes de sementes do Brasil, Argentina, Colômbia e Equador — sentipensando com guardiões e guardiãs, participando de feiras, mutirões, casas de sementes e trocas — a resposta que emerge é que o Bem Viver já está sendo plantado. Ele se planta nas feiras que celebram a soberania da agrobiodiversidade, nas casas comunitárias que guardam variedades com nome e memória, nas muvucas que reconstituem a diversidade onde o monocultivo devastou, nas mingas e mutirões que reafirmam a cooperação como princípio de vida, nas plantas-mãe que ensinam a lógica matriarcal do cuidado mútuo e afirma a potência dos vínculos multiespécies. Essas tecnologias contracoloniais são a evidência de que o Bem Viver, não é uma utopia distante, é prática cotidiana, está nas pequenas e nas grandes coisas, Bem Viver é perspectiva política e epistêmica dos povos que insistem em não ser colonizados.

Como observado, a integração contemporânea de América Latina está viva nas redes de sementes.

Observamos nas redes o protagonismo das mulheres — entre 60% e 80% de mulheres — confirmando que o cuidado com as sementes é inseparável da luta pelo Corpo-Território (Cabnal, 2010; Colectivo Miradas Críticas Del Territorio Desde El Feminismo, 2017). As diferenças são igualmente significativas: no Brasil, as redes

desenvolveram escala e institucionalidade em diálogo tenso com políticas públicas de restauração; na Colômbia e no Equador, nasceram como resistência explícita à privatização jurídica das sementes; na Argentina, a autogestão e a economia solidária são as estratégias centrais diante da ausência de marcos legais protetores e apoio governamental. Essas diferenças mostram ricas estratégias que podem ser compartilhadas entre as redes, são respostas territoriais à colonialidade, mas também podem expressar soluções multiplicáveis a nível global. Como ensina Valmir Oliveira (2025, entrevista), guardião de sementes da Teia dos Povos: o importante da rede é estar em coletivo. E como completa Luciano Payayá (2025, entrevista): a proposta é produzir e espalhar, nunca deixar de circular.

O mapeamento comparativo das redes revelou uma diversidade de modelos organizativos, das redes de restauração ecológica às articulações político-legais, que é, ela mesma, uma expressão do regionalismo desde baixo (Rosset et al., 2021): integração latino-americana construída não pelos tratados dos Estados, mas pelo intercâmbio de sementes, saberes e lutas entre os povos. Evidenciando que o apoio do Estado e políticas públicas podem ajudar e muitas vezes são fundamentais, mas o verdadeiro protagonismo está nas comunidades e na soberania de suas articulações, que inclusive através dessa soberania se gerencia melhores apoios institucionais, que prezam pelo real interesse das comunidades.

A pesquisa-ação participativa, mostrou que a construção de conhecimento comprometida com os territórios é traz uma profundidade real da temática, pois foi possível vivenciá-la com o Corpo-Território, atuando com os diferentes sujeitos envolvidos e conhecendo as diferentes dimensões de uma rede de sementes e das guardiãs, sabendo que esse conhecimento não se esgota, ele é vivo e a prática faz ele crescer. Experimentar romper os padrões de pesquisa unicamente bibliográficos e extrativistas rompe com as lógicas coloniais, mas também exige muita criatividade e resiliência para criar algo com menos referências e modelos disponíveis, é também um laboratório de método de pesquisa, que exige muita ética e dedicação com o tratamento de dados e administração do tempo.

Ingressei no mestrado em um momento de transição histórica, marcado pelo protagonismo emergente das Inteligências Artificiais generativas. Compreendo que tal tecnologia segue a lógica corporativa que cerca os dados digitais e os algoritmos por meio de patentes, sendo a mesma que tenta privatizar os bens comuns e os recursos genéticos. Durante a pesquisa optei por um uso crítico da IA, que foi um

desafio ético e conceitual, dado o impacto ecológico dessa tecnologia e suas limitações por serem plataformas controladas por grandes corporações que usam nossos dados e replicam agendas que diferem dos posicionamentos da pesquisa. Contudo, foi um exercício importante, reconhecendo que a IA já integra a realidade contemporânea e é uma tecnologia em disputa, torna-se fundamental que a comunidade acadêmica se engaje criticamente nesse debate, tensionando os monopólios corporativos e reivindicando o desenvolvimento e a adoção de ferramentas de código aberto, livre como as sementes e não nas mãos de corporações do norte global.

O conhecimento das epistemologias políticas dos guardiões e guardiãs revelou uma ciência ancestral sofisticada, verdadeiras tecnologias, que integram cosmologia, ecologia, arte e política de formas que a ciência cartesiana separou e empobreceu. A evidência das sementes como patrimônio biocultural e bem comum ficou demonstrada tanto pelas práticas das redes quanto pela análise das legislações, que afirmam cotidianamente o que os marcos legais ainda não garantem.

Em termos teóricos, esta pesquisa buscou contribuir para a ecologia política latino-americana ao mostrar que as tecnologias contracoloniais das redes de sementes plantam o Bem Viver em seus territórios. No interesse de somar ao debate sobre Corpo-Território ao evidenciar, através das práticas das guardiãs, que reflorestar os territórios é simultaneamente reflorestar os corpos (Colectivo Miradas Críticas, 2017). E contribui para a compreensão das tecnologias contracoloniais, na confluência de Antônio Bispo dos Santos (2023) como categoria analítica capaz de capturar a sofisticação epistêmica e política dos saberes que resistem ao monocultivo da mente.

Transferir as experiências tão diversas do campo foi um grande desafio, sei que as informações coletadas podem gerar muitas outras conclusões, mas é preciso decantar. Nesse caminho, foi entendido que ser guardiã de sementes é guardar as sementes, mas é principalmente fortalecer a possibilidade de existência de sementes, pesquisadores, ativistas, técnicos, agricultores, artistas. Todos esses somam para proteger as sementes.

Esta pesquisa é também um manifesto de uma guardiã de sementes, que está se formando, caminhando junto aos povos da terra, sentando em círculos de palavras, cultivando a terra, trocando sementes, mas também alguém que se

aventurou a entrar nos muros da universidade e usar o conhecimento como possibilidade de transformar as realidades e tecer o mundo.

Também compreendemos que falar de sementes é tão complexo e terminamos sabendo que existem muitos mistérios para entender em cada cosmos presente em casa semente. Através dos saberes das guardiãs, vemos que semente não é só semente vegetal, mas a origem de tudo, tudo tem sua própria semente, um princípio e o que permite sua continuidade. Assim, essa pesquisa é também uma semente.

É necessário mais estudos a respeito da legislação das sementes, mas não foi um dos objetivos da pesquisa, ainda que transpasse pelo estudo.

Também citamos o modelo hegemônico de agricultura, mas acabamos deixando de lado a complexidade dos organismos geneticamente modificados (OGM) que se ampliam também para o reino animal em um controle e patenteamento de espécies animais. Esses seres também são sementes, assim entendem os guardiões de sementes que entrevistamos como Vanusa Taputa (2025), semente é tudo que é origem, assim os animais, insetos e outros seres vivos também tem semente e também precisam ser protegidos.

Foi fundamental fazer a discussão no estado da arte a respeito dos OGM, do agronegócio, da ideia de desenvolvimento, neoextrativismo, biopirataria, colonialismo químico e sobretudo da reprodução colonial dos monocultivos, pois essas são as lógicas que mais impactam as sementes, as guardiãs e as redes de Abya Yala. Assim, para entender as sementes, temos que compreender o que não é semente. Para compreender as práticas contracoloniais e o Bem Viver, precisamos observar as práticas que colonizam e produzem crises sistêmicas.

Compreender e atuar junto às redes de sementes, tecendo governanças comunitárias, são caminhos desafiadores, já que o sistema nos cria desde a escola cartesiana para modelos hierárquicos. Por isso o diálogo de saberes é fundamental, podemos retomar modelos, contracolonizar e criar lógicas comunitárias que centralizam a importância da diversidade, seja ela étnica, seja biológica. A diversidade é o que precisamos plantar em um mundo de monocultivos.

Cabe seguir o tecido com as redes de sementes de Abya Yala, compreendendo as experiências que podem ser trocadas e multiplicadas, como o caso de referência do Brasil em redes de sementes nativas e experiências de sucesso. As epistemes políticas das redes de sementes e dos guardiões são

referências fundamentais para a ecologia política latino-americana, sendo os movimentos em torno das sementes um exemplo de soberania da luta dos povos do Sul global.

Quando falamos das práticas contracoloniais e citamos algumas observadas, foi com o fim de evidenciá-las e não esgotá-las, afinal essas são múltiplas, diversas, assim como os povos que as guardam. Poderíamos ter citados as diferentes tecnologias de coleta, em alguns casos, é preciso escalar nas árvores, criar ferramentas para limpar as sementes ou então as tecnologias de armazenamento, que envolvem arquiteturas ancestrais.

A alteridade indígena pode ser vista como uma nova universalidade, que se opõe ao caos e à destruição colonial do mundo e da vida. Desde tempos antigos até o presente, são as tecedoras e os poetas-astrólogos das comunidades e povos que nos revelam essa trama alternativa e subversiva de saberes e de práticas capazes de restaurar o mundo e devolvê-lo ao seu próprio curso" (Rivera Cusicanqui, 2010, p. 33).⁴³

E também a mais alta e fundamental tecnologia: as agriculturas agroecológicas, que transpassam por toda essa história. Estou segura como muitas das redes adotam a agroecologia ou mas também muitos afirmam seus nomes ancestrais para agriculturas ancestrais, diversas, indígenas, roças de quilombo. Independente dos nomes, elas integram um movimento essencial que faz possível que as sementes sigam vivas, afinal a melhor forma de guardar uma semente é plantando.

⁴³ "La alteridad indígena puede verse como una nueva universalidad, que se opone al caos y a la destrucción colonial del mundo y de la vida. Desde antiguo, hasta el presente, son las tejedoras y los poetas-astrólogos de las comunidades y pueblos, los que nos revelan esa trama alternativa y subversiva de saberes y de prácticas capaces de restaurar el mundo y devolverlo a su propio cauce"

Essas sementes do Bem Viver convocam a um encantamento e também a um chamado para o envolvimento e retomada de poder, poder que está na força de criar – essa potência de liberar os seres do monocultivo de gente e de semente. Nossos poderes habitam na memória compartilhada pelos nossos ancestrais, são ferramentas para conectar com os pluriversos das sabedorias, que se fazem presentes no eterno retorno dos saberes, são nossas tecnologias ancestrais. Tem muita ciência quando tomamos consciência.

Se eles dizem desenvolvimento, evocamos o envolvimento (Santos, 2023). Vamos remando nesse rio de confluência entre sementes, guardiãs e redes para que possamos multiplicar os bem-viveres.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Elefante, 2016.

ALIMONDA, Héctor; TORO PÉREZ, Catalina; MARTÍN, Facundo (coord.). **Ecología política latinoamericana**: pensamiento crítico, diferencia latinoamericana y rearticulación epistémica. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO: Ciccus; México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2017. 2 v. (Colección Grupos de Trabajo). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar>. Acesso em: 21 jun. 2026.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera**: the new mestiza. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ARANGO, Gonzalo. **La Salvaje Esperanza**. In: ARANGO, Gonzalo. Fuego en el Altar. Barcelona: Plaza & Janés, 1974. p. 14-15.

ARGENTINA. Decreto nº 2.817, de 1991. **Creación del Instituto Nacional de Semillas (INASE)**. Buenos Aires: Poder Ejecutivo Nacional, 1991. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/decreto-2817-1991-8052/texto>. Acesso em: 21 mar. 2026.

ARGENTINA. Ley nº 20.247, de 1973. **Semillas y Creaciones Fitogenéticas**. Buenos Aires: Congreso de la Nación Argentina, 1973. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-20247-34809>. Acesso em: 21 mar. 2026.

ARGENTINA. Ley nº 24.376, de 1994. **Aprueba el Convenio Internacional para la Protección de las Obtenciones Vegetales (UPOV)**. Buenos Aires: Congreso de la Nación Argentina, 1994. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-24376-1994>. Acesso em: 21 jun. 2026.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DAS MULHERES INDÍGENAS GUERREIRAS DA ANCESTRALIDADE (ANMIGA). **Carta pela vida e pelos corpos-territórios**: nosso corpo é território: somos as guardiãs do planeta pela cura da terra. Brasília: ANMIGA, 2025a. Disponível em: <https://anmiga.org/wp-content/uploads/2025/08/CARTA-PELA-VIDA-E-PELOS-CORPOS-TERRITORIOS-Nosso-corpo-e-territorio-Somos-as-guardias-do-planeta-pela-cura-da-terra.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2026.

ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO (ASA). **Programa Sementes do Semiárido**: a resistência que brota da terra. Recife: ASA, 2025. Disponível em: <https://www.asabrasil.org.br>. Acesso em: 14 nov. 2025.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE MULHERES RURAIS E INDÍGENAS (ANAMURI). **Campaña Semillas**: patrimonio de los pueblos al servicio de la humanidad. Santiago: Anamuri, 2026. Disponível em: <https://anamuri.cl/campana-semilla/>. Acesso em: 22 abr. 2026.

AZEVEDO, Elaine. Colonialidade alimentar. In: CAMPELO, Tereza; BORTOLETTO,

Ana Paula (org.). Da fome à fome: diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Cátedra Josué de Castro; Zabelê Comunicação; Editora Elefante, 2022. p. 203-206.

BENITES, Sandra. A memória demarca o nosso corpo: corpo-território 3. In: CICLO SELVAGEM (org.). **Cadernos Selvagem**. Rio de Janeiro: Dantes Editora Biosfera, 2023. Disponível em: https://selvagemiciclo.com.br/2023/wp-content/uploads/2023/10/CADERNO73_BENITES_CORPOTERRITORIO3.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

BETTO, Janaina. **Presença, chamado, reflorestar**: criações políticas da marcha das mulheres indígenas. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Centro de Ciências Rurais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/28081>. Acesso em: 15 jun. 2026.

BISPO DOS SANTOS, Antônio (Nego Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

BOMBARDI, Larissa Mies. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. São Paulo: Elefante, 2023.

BRASIL. Lei nº 10.711, de 5 ago. 2003. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 ago. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2003-2006/2003/lei/l10711.htm. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.153, de 23 jul. 2004. Regulamenta a Lei nº 10.711/2003, que dispõe sobre o Sistema Nacional de Sementes e Mudas (RENASEM). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 jul. 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5153.htm. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL. Decreto nº 7.794, de 20 ago. 2012. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 ago. 2012. Seção 1, p. 6. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/decreto/d7794.htm. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar. **Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)**. Brasília: MDA, 2009. Disponível em: <https://www.mda.gov.br/sitemda/paa>. Acesso em: 21 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)**. Brasília: MEC, 2009. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/alimentacao-escolar/pnae>. Acesso em: 21 jun. 2026.

BUJAN, Agustina. **Guardiã de sementes**. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Buenos Aires, Argentina, ago. 2024.

BULLARD, Robert Doyle. **Dumping in Dixie**: race, class and environmental equality. 3. ed. Colorado: Westview Press, 2000.

CABNAL, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. In: COLECTIVO REVELARTE (org.). **Momento de paro, tiempo de rebelión: miradas feministas para reinventar la lucha**. Quito: Minerva, 2010. p. 116-134.

CAJIGAS-ROTUNDO, Juan Camilo. La biocolonialidad del poder: amazonia, biodiversidad y ecocapitalismo. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (comp.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 169-193.

CAMPAÑA SIN MAÍZ NO HAY PAÍS (CNSMNHP). **Pronunciamiento CNSMNHP: por la soberanía y la autosuficiencia alimentaria**. Cidade do México: CNSMNHP, 2023. Disponível em: <https://sinmaiznohaypais.org>. Acesso em: 14 nov. 2025.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. Agroecologia: conceitos e princípios para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. In: NOVAES, Henrique; MAZIN, Angelo Diogo; SANTOS, Lúcia (org.). **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: Outras Expressões, 2015. v. 1, p. 263-283.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARRERA, Javier. **Guardião de Sementes**. Fundador e Coordenador Social da Red de Guardianes de Semilla del Ecuador (RGSE); Diretor Executivo da Fundación Grupo Allpa. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Entrevista virtual, nov. 2025.

CARRERA, Javier. Sembrando el futuro desde la base: la experiencia de la Red de Guardianes de Semillas. **Leisa Revista de Agroecologia**, Lima, v. 23, n. 2, p. 34-36, out. 2007. Disponível em: <https://leisa-al.org/web/wp-content/uploads/vol23n2.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2025

CICLO DE ESTUDOS SELVAGEM. **A selva e a seiva**: Flecha 4. Rio de Janeiro: Ciclo de Estudos Selvagem, 2021b. (Cadernos Selvagem, nº 34). Disponível em: https://selvagemciclo.org.br/wp-content/uploads/2022/02/CADERNO34_FLECHA_4_PT.pdf. Acesso em: 13 mar. 2026.

CICLO DE ESTUDOS SELVAGEM. **A serpente e a canoa**: Flecha 1. Rio de Janeiro: Ciclo de Estudos Selvagem, 2021a. (Cadernos Selvagem, nº 23). Disponível em: https://selvagemciclo.com.br/wp-content/uploads/2021/05/CADERNO_23_SERPENTE_CANOA-2.pdf. Acesso em: 17 mar. 2026.

CIEZA, Ramón Isidro et al. Breve historia de la agroecología en la Argentina: orígenes, evolución y perspectivas futuras. **Revista de la Facultad de Agronomía**, La Plata, v. 114, nº 3, p. 1-12, 2015. Disponível em: <https://revistas.unlp.edu.ar/revagro/article/view/12893>. Acesso em: 15 jun. 2026.

COLECTIVO DE APOYO AL CIG. **Manifiesto por un mundo donde quepan muchos mundos**. Morelos: Colectivo de Apoyo al CIG, 2018. Disponível em: https://enlacezapatista.ezln.org.mx/wp-content/uploads/2018/08/Manifiesto_Borrador

-Final.pdf. Acesso em: 18 jun. 2026.

COLECTIVO MIRADAS CRÍTICAS DEL TERRITORIO DESDE EL FEMINISMO.

Mapeando el cuerpo-territorio: guía metodológica para mujeres que defienden sus territorios. Quito: Territorio y Feminismos, 2017. ISBN 978-9942-30-334-9. Disponível em: <https://territorioyfeminismos.org/2017/11/13/guia-mapeando-el-cuerpo-territorio/>. Acesso em: 22 abr. 2026.

COLOMBIA. **Ley nº 1.518, de 13 abr. 2012.** Por medio de la cual se aprueba el Convenio Internacional para la Protección de las Obtenciones Vegetales (UPOV). Bogotá: Congreso de la República de Colombia, 2012. Inexequível por Sentença C-1051 de 2012 da Corte Constitucional. Disponível em: https://www.funcionpublica.gov.co/eva/gestornormativo/norma_pdf.php?i=47040. Acesso em: 21 jun. 2026.

COLOMBIA. Corte Constitucional. **Sentencia C-1051/12**, de 5 de diciembre de 2012. Magistrado Ponente: Luis Guillermo Guerrero Pérez. Bogotá: Corte Constitucional, 2012. Disponível em: <https://www.corteconstitucional.gov.co/relatoria/2012/c-1051-12.htm>. Acesso em: 21 jun. 2026.

CONSEJO REGIONAL INDÍGENA DEL CAUCA (CRIC). **Nuestras luchas de ayer y de hoy.** Cauca, Colombia: CRIC, 1971.

COORDENAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA (COIAB). **Declaração do Mutirão dos Povos da Amazônia para a COP30:** a resposta somos nós. Manaus: COIAB, 2025. Disponível em: <https://coiab.org.br/wp-content/uploads/2025/07/DECLARACAO-DO-MUTIRAO-DOS-POVOS.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2026.

DE LA CADENA, Marisol. **Earth Beings:** Ecologies of Practice across Andean Worlds. Durham: Duke University Press, 2015.

DICIONÁRIO DA PERIFERIA. **Mutirão.** São Paulo: Centro de Estudos Periféricos, 2019. Disponível em: <https://dicionarioperiferia.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2026.

DOMINGUEZ, Pia Guadalupe; FREILIJ, Damián; LIA, Verónica Viviana. A genomic journey across the past, present, and future of South American maize. *Journal of Experimental Botany*, Oxford, v. 75, n. 22, p. 7006-7018, 4 dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1093/jxb/erae383>. Acesso em: 16 mar. 2026.

DYNAVERSITY PROJECT. **CSA Seed Savers Exchange:** case study analysis. Decorah: Dynaversity, 2019. Disponível em: https://dynaversity.eu/wp-content/uploads/2019/11/CSA_Seed-Savers-Exchange.pdf. Acesso em: 10 mar. 2026.

ECUADOR. **Constitución de la República del Ecuador.** Quito, 2008. Disponível em: https://www.defensa.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2021/02/Constitucion-de-la-Republica-del-Ecuador_act_ene-2021.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

ECUADOR. Ley Orgánica de Agrobiodiversidad, Semillas y Fomento de la

Agricultura Sustentable. **Registro Oficial**, Quito, suplemento 977, 5 dic. 2017.

Disponível em:

<https://www.ambiente.gob.ec/wp-content/uploads/downloads/2018/05/LeyOrganicaAgrobiodiversidad-Semillas-y-Fomento-de-Agricultura.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo**: construcción y deconstrucción del desarrollo. Bogotá: Editorial Norma, 1998.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la Tierra**: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014. Disponível em:

https://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/escpos-unaula/20170802050253/pdf_460.pdf. Acesso em: 11 set. 2025.

ETC GROUP. **Caballos de Troya**: nuevas amenazas para la alimentación, lxs agricultorxs y lxs consumidorxs. [S.l.]: ETC Group, 2018. Disponível em:

https://www.etcgroup.org/sites/www.etcgroup.org/files/files/trojan_horses-esp-18sept.pdf. Acesso em: 13 mar. 2026.

ETC GROUP. **Food Barons 2022**: Crisis Profiteering, Digitalization and Shifting Power. Ottawa; Montreal: ETC Group, 2022. Disponível em:

<https://etcgroup.org/content/food-barons-2022>. Acesso em: 10 set. 2025.

FALS BORDA, Orlando. **Una sociología sentipensante para América Latina**.

Bogotá: Siglo del Hombre Editores; CLACSO; Universidad Nacional de Colombia, 2009.

FONSECA, Ana Silvia. Alimentação, sociedade e ambiente. **Cadernos Sesunila**, n. 3 (Ecologia e sociedade na América Latina), Jun. 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/373421893_Alimentacao_sociedade_e_ambiente. Acesso em: 29 maio 2026.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **The State of the World's Biodiversity for Food and Agriculture**. Roma: FAO, 2019. Disponível em:

<https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/50b79369-9249-4486-ac07-9098d07df60a/content>. Acesso em: 9 mar. 2026.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva.

Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGGERI, Félix Pablo. Biocentrismo ancestral: uma ecologia mais profunda. **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, ed. especial, dez. 2022a. Disponível em:

<https://diplomatique.org.br/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

FRIGGERI, Félix Pablo. Repensando la Soberanía Popular como base del Constitucionalismo Latinoamericano y Caribeño. *In*: SOARES, Mauro Vitoria et al. (org.).

Novo Constitucionalismo Latino-Americano e Descolonização do Direito. São Carlos: João e Pedro Editores, 2022b. v. 1.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Madrid: Siglo XXI, 1994

GARRIDO, Marcos Brandão. **Guardião de sementes**. Rede de sementes da Chapada Diamantina (RSCD). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Vale do Capão, Bahia, Brasil, nov. 2025.

GARCÍA HURTADO, Federico; ROCA PALACIO, Pilar. Pachakuteq: una aproximación a la cosmovisión andina. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2007. (ayny, ckaski, pachkutekglossario)

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

GONZÁLEZ, Silvia Elena. **Guardiã de sementes**: Rede de Agricultura Orgânica de Misiones (RAOM). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva. Misiones, 2024. No âmbito da Investigação-Ação Participativa.

GRAIN; ETC GROUP. **Top 10 agribusiness giants**: corporate concentration in food & farming in 2025. Val David: GRAIN; ETC Group, jun. 2025. Disponível em: <https://www.ohchr.org/sites/default/files/documents/issues/food/cfis/global-food-system/subm-concentration-corporate-power-cso-31-grain-etc-group.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2026.

GRUPO SEMILLAS. **Red de Semillas Libres de Colombia**. Bogotá: Grupo Semillas, 2017. Disponível em: <https://www.semillas.org.co/es/campanas/red-de-semillas-libres-de-colombia>. Acesso em: 10 set. 2025.

GRUPO SEMILLAS; GRAIN. Campaña Semillas de Identidad: en defensa de la biodiversidad y la soberanía alimentaria. **Biodiversidad, sustento y culturas**, [S. l.], n. 87, 2016. Disponível em: <https://www.semillas.org.co>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GUANAES, Senilde Alcantara; MENESES, Gerson Galo Ledezma. Cultura: olhares sob a perspectiva do ICAL e a Linha de Pesquisa Cultura, Colonialidade/Descolonialidade e Movimentos Sociais. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 2, ed. especial, p. 19-41, dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/380/105>. Acesso em: 2 mar. 2026.

HARAWAY, Donna. **Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene**: Making Kin. *Environmental Humanities*, Sydney, v. 6, p. 159-165, 2015. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/environmental-humanities/article/6/1/159/8157>. Acesso em: 2 mar. 2026.

HEINRICH BÖLL FOUNDATION; FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO. **Atlas do agronegócio**: fatos e dados sobre as corporações que controlam o que comemos. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2018.

HERNÁNDEZ VIDAL, Nathalia; GUTIÉRREZ ESCOBAR, Laura. Resistencias epistémico-políticas frente a la privatización de las semillas y los saberes colectivos: luchas epistemológicas y políticas contra la privatización de semillas y saberes colectivos. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 42, n. 2, p. 33-56, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1050/105060353002/105060353002.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2026.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Rede de Sementes do Xingu: 15 anos de resistência e restauração**. São Paulo: ISA, 2022. Disponível em: <https://www.sementesdoxingu.org.br>. Acesso em: 10 set. 2025.

KOROL, Claudia. **Somos tierra, semilla, rebeldía**: mulheres, tierra y territorios en América Latina. Buenos Aires: GRAIN; América Libre, 2016.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LA DANTA LAS CANTA. El Faloceno: redefinir el Antropoceno desde una mirada ecofeminista. **Ecología Política**, Barcelona, n. 53, p. 26-33, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6063827>. Acesso em: 6 mar. 2026.

LA JORNADA MAYA. México publica la reforma que prohíbe la siembra de maíz transgénico. **La Jornada Maya**, Ciudad de México, 18 mar. 2025a. Disponível em: <https://www.lajornadamaya.mx/nacional/244403/mexico-publica-la-reforma-que-prohibe-la-siembra-de-maiz-transgenico>. Acesso em: 10 mar. 2026.

LA VÍA CAMPESINA. **Las mujeres campesinas, guardianas de las semillas**. [S. l.]: La Vía Campesina, 2014. Disponível em: <https://viacampesina.org/es/las-mujeres-campesinas-guardianas-de-las-semillas/>. Acesso em: 16 mar. 2026

LANDAZABAL CUERVO, Giovanna Andrea. Guardiã de sementes e tecelã da terra. Movimento Campesino de Cajibío. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Cajibío, Cauca, Colômbia, dez. 2025.

LAZZARINI, Camila Cristina; FONSECA, Rafael. **Avá-Guarani Reko**. São Miguel do Iguaçu (PR): ACICO Ocoy, 2025. [Documentário].

LEVIS, Carolina et al. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. **Science**, [S. l.], v. 355, p. 925-931, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.aal0157>. Acesso em: 14 mar. 2026.

MENESES, Gerson Galo Ledezma. Novos olhares sobre a história de Abya-Yala (América Latina): a construção dos “outros”, a colonialidade do ser e a relação com a natureza. In: MORTARI, Claudia; WITTMANN, Luisa Tombini (org.). **Narrativas insurgentes: decolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos**. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020. p. 47-70. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2020/12/narrativas-insurgentes.pdf>.

Acesso em: 2 mar. 2026.

MERLINSKY, Gabriela (comp.). **Cartografías del conflicto ambiental en Argentina**. Buenos Aires: Editorial CICCUS: CLACSO, 2013.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução de Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2021.

PERU. Ministerio de Educación. **Yachachinapaq simikuna**: Urin Qichwa (Vocabulario pedagógico quechua sureño). Lima: Minedu, 2021. Disponível em: <https://repositorio.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/7490>. Acesso em: 22 abr. 2026. glossario ruru, apus saramama

MOORE, Jason William (ed.). **Anthropocene or Capitalocene?** Nature, History, and the Crisis of Capitalism. Oakland: PM Press, 2016.

MORTARI, Rodrigo; ANDRADE, Consuelo Lima Navarro de; CONCEIÇÃO, Abel Augusto. **Plantas alimentícias tradicionais da Comunidade Quilombola Riacho do Mel**. Iraquara, BA: Pifferprint, 2024. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1680>. Acesso em: 17 mar. 2026.

MOVIMIENTO SEMILLAS DEL PUEBLO. **Semillas del pueblo**: semillas criollas y campesinas en Venezuela. Caracas: Ediciones El Perro y la Rana, [s.d.]. Disponível em: <http://www.elperroylarana.gob.ve>. Acesso em: 14 nov. 2025.

MURCIA RIAÑO, Diana Milena. **Las semillas en el derecho internacional de los derechos humanos**. Bogotá: Grupo Semillas, 2023. Disponível em: <https://www.semillas.org.co/es/libros-y-cartillas>. Acesso em: 12 set. 2025.

MUSEU DAS CULTURAS INDÍGENAS. **Hendu Porã'rã, escutar com o corpo**. São Paulo: Museu das Culturas Indígenas, 2023. Disponível em: <https://museudasculturasindigenas.org.br/exposicoes/hendu-porara-escutar-com-o-corpo/>. Acesso em: 3 mar. 2026.

NATIVE AMERICAN FOOD SOVEREIGNTY ALLIANCE (NAFSA). **Indigenous Seed Keepers Network (ISKN)**. Flagstaff, AZ: NAFSA, [s.d.]. Disponível em: <https://www.nativefoodalliance.org/programs/iskn>. Acesso em: 22 abr. 2026.

NESTLE, Marion. **Uma verdade indigesta**: como a indústria alimentícia manipula a ciência do que comemos. Tradução de Heloisa Menzen. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

NEVES, Eduardo Góes. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia central (6.500 AC – 1.500 DC). Tese (Livre-docência em Arqueologia) — Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://imgs.fbsp.org.br/files/12780adf8a27e88bb118cb492caaf32e.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2026.

NÓBREGA, Luciana Nogueira; BARBOSA, Lia Pinheiro. Semillas que sostienen la vida: experiencias de construcción biopolíticas insurgentes en la defensa de los territorios y de los comunes. **Revista Espirales**, Foz do Iguaçu, v. 8, n. 1, p.

152-175, 2024. DOI: <https://doi.org/10.29327/2282886.8.1-8>. Acesso em: 15 mar. 2026.

NYÉLÉNI. Foro Mundial por la Soberanía Alimentaria. **Declaración de Nyéléni**: Soberanía alimentaria. Sélingué (Mali), 2007. Disponível em: <https://nyeleni.org/IMG/pdf/DeclNyeleni-es.pdf>. Acesso em: 11 set. 2025.

NYÉLÉNI. Peasant seeds, the heart of the struggle for food sovereignty. **Nyéléni Newsletter**, n. 38, dez. 2019. Disponível em: https://nyeleni.org/DOWNLOADS/newsletters/Nyeleni_Newsletter_Num_38_EN.pdf. Acesso em: 2 mar. 2026.

OLIVEIRA, Valmir. Guardiã de Sementes. Teia dos Povos. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Gravação de áudio. Território Payayá (I Encontro Raízes Payayá), set. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Década das Nações Unidas da Restauração de Ecossistemas (2021-2030)**. 2021. Disponível em: <https://www.decadeonrestoration.org/pt-br>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Transformando nosso mundo**: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Nova York: ONU, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 12 mar. 2026.

OXFAM BRASIL. **A desigualdade no carbono**: como os super-ricos aceleram a crise climática. Brasília: Oxfam Brasil, 2024. Disponível em: https://www.oxfam.org.br/wp-content/uploads/2024/10/1730215541512desigualdade_no_carbono_ptBR_VS001.pdf. Acesso em: 12 mar. 2026.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PACHÓN ARIZA, Fabio Alberto. **Desarrollo rural**: superando el desarrollo agrícola. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2011.

PARDO CASTILLO, Elena (coord.). **Saramama**: sagrada semilla del maíz. 2. ed. Lima: Pakarina Ediciones; CEPROSI, 2017. Disponível em: <https://www.pakarinaediciones.org/ebooks/ebook6/Saramama.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2026.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitario**. La Paz: Mujeres Creando Comunidad, 2008.

PAYAYA, Jacy. Guardiã de Sementes. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Território Payayá (I Encontro de Saberes Payayá), set. 2025.

PAYAYÁ, Luciano. Guardiã de Sementes. Teia dos Povos. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa.

Gravação de áudio. Território Payayá (I Encontro de Saberes Payayá), set. 2025.

PERUSSI, Gabriel et al. Potencial produtivo de sementes florestais nativas para a restoration florestal da Bacia do Rio Doce. **Conjecturas**, [S. l.], v. 22, n. 16, p. 376-390, 2022. DOI: <https://doi.org/10.53660/CONJ-2062-MP34>. Acesso em: 15 mar. 2026.

PINA RAVEST, Valeria Carmen de. Poética de la semilla. **Revista Mexicana de Ciencias Agrícolas**, Estado de México, v. 2, p. 301-305, out. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=263141553036>. Acesso em: 2 fev. 2026.

POLIDORO, Inês. Guardiã de sementes. Rede de Sementes Agroecológicas (RESA). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Juazeiro, Bahia (13º Congresso Brasileiro de Agroecologia), out. 2025.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Abya Yala**. São Paulo: PROLAM/USP, 2021. Disponível em: <https://sites.usp.br/prolam/wp-content/uploads/sites/35/2021/09/ABYA-YALA.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 19 jun. 2026.

RAOM; FUNDACIÓN ROSA LUXEMBURGO; CALISAS; MAELA. **Cuaderno metodológico para Casas y Redes de Semillas**: sembrando vida, memoria y comunidad desde los territorios. Posadas (Misiones): RAOM; Fundación Rosa Luxemburgo; CALISAS; MAELA, 2024. Disponível em: <https://rosalux-ba.org/2024/07/23/sembrando-vida-memoria-y-comunidad/>. Acesso em: 11 set. 2025.

RED DE GUARDIANES DE SEMILLAS DEL ECUADOR (RGSE). **Nuestra Red**: guardianes y guardianas de sementes. Quito: RGSE, [s.d.]. Disponível em: <https://redsemillas.org/quienes-somos/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

RED DE SEMILLAS LIBRES DE COLOMBIA (RSLC). **Semillas nativas y criollas como bien común de los pueblos**: documento de posición. Bogotá: RSLC, [s.d.]. Disponível em: <https://redsemillaslibres.com>. Acesso em: 14 nov. 2025.

REDÁRIO. **Quem somos**. [S. l.]: Redário, 2025. Disponível em: <https://www.redario.org.br/quem-somos>. Acesso em: 10 set. 2025.

REDE SEMENTES DO XINGU. **Livro do Coletor**: guia para autogestão e boas práticas da Rede de Sementes do Xingu. 1. ed. Canarana, MT: Associação Rede de Sementes do Xingu, 2022. Disponível em: https://www.sementesdoxingu.org.br/api/uploads/documents/LivroDoColetor_web.pdf. Acesso em: 24 fev. 2026.

REPÓRTER BRASIL. **Mapa da Água**: agrotóxicos na água do Brasil. [S. l.], 2024.

Disponível em: <https://mapadaagua.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 10 mar. 2026.

RICHARDSON, Katherine et al. Earth beyond six of nine planetary boundaries. **Science Advances**, Washington, DC, v. 9, n. 37, eadh2458, 13 set. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1126/sciadv.adh2458>. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/sciadv.adh2458>. Acesso em: 10 set. 2025.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El potencial epistemológico y teórico de la historia oral: de la lógica instrumental a la descolonización de la historia. **Temas Sociales**, La Paz, n. 11, p. 49-64, 1987.

ROJAS VARGAS, Carol. Guardiã de Sementes. Diretora da Semilla Nativa Colombia e Dinamizadora da Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Entrevista virtual, jan. 2026.

ROSSET, Peter Michael; BARBOSA, Lia Pinheiro; VAL, Valentín; MCCUNE, Nils. Critical Latin American agroecology as a regionalism from below. **Globalizations**, Abingdon, v. 19, n. 4, p. 635-652, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/14747731.2021.1958550>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14747731.2021.1958550>. Acesso em: 26 abr. 2026.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SACAGNI, Beatriz Ferreira. **O traço do Peabiru**: rastros desvelados em paisagens paulistanas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) — Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/af2e2086-300b-4943-8cba-da211b8acb7f/TF_G_2021_2_Beatriz_Sacagni.pdf. Acesso em: 6 mar. 2026.

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira. **Cosmovisão Ancestral do povo Misak**: Descolonizar e Plantar o Bem Viver. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) — Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br>. Acesso em: 10 set. 2025.

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira. Diário de campo da pesquisa "Sementes do Bem Viver". [Caderno de pesquisa não publicado]. Foz do Iguaçu: PPG-ICAL/UNILA, 2023-2025.

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira. Sem ciranda não há agroecologia – ciranda no curso-técnico experimental em agroecologia do Instituto Federal de São Paulo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/8418>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SARAIVA, Isabella Leonel Ferreira. Semillas del Buen Vivir: redes comunitarias que regeneran cuerpo-territorio en Abya Yala. *In*: COLMENAREZ ESPINOSA, H. E.; STOECKL, B. P.; PINHEIRO, M. J. (org.). **Formación de América Latina en perspectiva**: relaciones internacionales, imperialismo, extractivismo y dependencia. Bahía Blanca: Ediciones del Ceiso; Foz do Iguaçu: GIEPTALC, 2026. p. 373-391.

SEED SAVERS EXCHANGE (SSE). **About Seed Savers Exchange**: heritage and heirloom seeds. Decorah, IA: SSE, [s.d.]. Disponível em: <https://www.seedsavers.org>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SEEDCHANGE. **The Bauta Family Initiative on Canadian Seed Security**. Ottawa: SeedChange, [s.d.]. Disponível em: <https://seedchange.org>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SEEDS OF DIVERSITY CANADA. **Saving seeds and the history of crop biodiversity**. Waterloo: Seeds of Diversity, [s.d.]. Disponível em: <https://www.seeds.ca>. Acesso em: 14 nov. 2025.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO. **Coleta e produção de sementes de espécies nativas para a restauração de ecossistemas**. Brasília, DF: SFB, 2025. Curso online. Disponível em: <https://saberes.florestal.gov.br/mod/page/view.php?id=14033>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SHIVA, Vandana. **Abrazar la vida**: mujer, ecología y supervivencia. Montevideo: Instituto del Tercer Mundo, 1991.

SHIVA, Vandana. Asia. *In*: KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel; ESCOBAR, Arturo; DEMARIA, Federico; ACOSTA, Alberto (org.). **Pluriverso**: un diccionario del posdesarrollo. Barcelona: Icaria, 2019. p. 71-74.

SHIVA, Vandana. **Biopiratería**: El saqueo de la naturaleza y del conocimiento. Barcelona: Icaria, 2001.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SHIVA, Vandana. **¿Quién alimenta realmente al mundo?** Madrid: Capitán Swing, 2016.

SILVANI, Maria. **Guardiã de Sementes**. Associação do Semiárido Brasileiro (ASA). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Gravação de áudio. Juazeiro, Bahia, out. 2025. Comunicação pessoal.

SOLÓN, Pablo (org.). **Alternativas sistémicas**: bien vivir, decrecimiento, comunes, ecofeminismo, derechos de la Madre Tierra y desglobalización. La Paz: Fundación Solón; ATTAC France; Focus on the Global South, 2017. Disponível em: <https://systemicalternatives.org/wp-content/uploads/2017/03/pdf-libro-sa.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2026.

SOUZA, Izabela Fernandes de. **BARU ÈBÌ PÁ MÍ Ọ**: mediação cultural e repertórios

terreiro em escrevivência. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2025. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/8177>. Acesso em: 24 abr. 2026.

SVAMPA, Maristella. **Las fronteras del neoextractivismo en América Latina: conflictos socioambientales, giro ecoterritorial y nuevas dependencias**. Guadalajara: CALAS, 2019.

SVAMPA, Maristella. **Movimientos sociales, matrices socio-políticas y nuevos escenarios en América Latina**. Working Paper, Buenos Aires, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.clacso.edu.ar>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência: pensando com Isabelle Stengers. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 69, p. 338-360, abr. 2018. DOI: doi.org. Disponível em: usp.br. Acesso em: 14 mar. 2026.

TAKIRUNA, Diego. Ceramista e artista multidisciplinar. Taller Wakamuchaq. Písaq, Vale Sagrado dos Incas, Peru. Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Acervo da pesquisadora, 2023.

TAPUYA, Vanusa. Guardiã de Sementes do Povo Tapuya. Rede de Sementes da Chapada Diamantina (RSCD). Entrevista concedida a Isabella Leonel Ferreira Saraiva no âmbito da Investigação-Ação Participativa. Território Payayá (I Encontro de Saberes Payayá), set. 2025.

THE SEEDS of Vandana Shiva. Direção: Camilla Becket; James Becket. Estados Unidos; Austrália: Becket Films, 2021. 1 DVD (82 min).

TORO PÉREZ, Catalina; BRAVO, Elizabeth; VÉLEZ, Germán (org.). **La ecología política de la bioseguridad en América Latina**. Bogotá: Editorial Universidad Nacional de Colombia; Unijus, 2014.

TSING, Anna Lowenhaupt. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. Tradução de Pedro Castelo Branco Silveira. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8034.2015v17n1p177>. Acesso em: 8 mar. 2026.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

UPOV. **Acta de 1991 del Convenio Internacional para la Protección de las Obtenciones Vegetales**. Ginebra: UPOV, 1991. Disponível em: https://www.upov.int/edocs/pubdocs/es/upov_pub_221.pdf. Acesso em: 10 set. 2025.

UPOV. **International Convention for the Protection of New Varieties of Plants (Act of 1978)**. Geneva: International Union for the Protection of New Varieties of Plants, 1978.

URZEDO, Danilo Ignacio de; PIÑA-RODRIGUES, Fatima C. M.; FELTRAN-BARBIERI, Rafael; JUNQUEIRA, Rodrigo G. P.; FISHER, Robert. Seed

networks for upscaling forest landscape restoration: is it possible to expand native plant sources in Brazil? **Forests**, Basel, v. 11, n. 3, p. 259, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/f11030259>. Acesso em: 15 mar. 2026.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Análisis de sistemas-mundo**: una introducción. México: Siglo XXI, 2006.

XAKRIABÁ, Célia. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá**: reativação da memória por uma educação territorializada. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) — Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br>. Acesso em: 15 mar. 2026.

APÊNDICE - GLOSSÁRIO DE TERMO - SEMENTEIRA

Este glossário reúne conceitos teóricos, categorias político-epistêmicas, termos agroecológicos e denominações de sementes mobilizadas ao longo da pesquisa. Além de auxiliar a leitura, ele expressa a diversidade linguística, cultural e ontológica presente nas Redes de Sementes de Abya Yala, constituindo parte do percurso metodológico de uma investigação-ação participante.

Retomando o sentipensar desde o Sul Global, pois existe muita ciência em nossas terras, este glossário busca tecer, juntas, essas palavras em uma muvuca para reflorestar o pensamento. Em um mundo de guerras, monoculturas, injustiças, ultraprocessados, performances, podemos nos esquecer de olhar para aquilo que nos faz caminhar. Eduardo Galeano, citando Fernando Birri, nos lembrava:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (Galeano, 1994, p. 230).⁴⁴

Também podemos achar que estamos sozinhos, mas este é um chamado à coletividade, um convite para observar que existe muita gente na luta — seja nomeando as dores, os problemas, as raízes estruturais dos problemas multidimensionais do nosso tempo, seja cultivando os mundos possíveis, como expresso no manifesto do movimento zapatista e do Congresso Nacional Indígena do México: "Um mundo onde caibam muitos mundos" (Manifiesto por un Mundo Donde Quepan Muchos Mundos, 2018).

Sementeira é um berçário de sementes. Aqui, as palavras são sementes, como já nos diz Bispo dos Santos (2023): a palavra tem poder, nos encanta. Nomear a dor e a flor é também parte da estruturação da criação de mundos possíveis.

1. CONCEITOS POLÍTICO-EPISTÊMICOS

Esta seção reúne categorias analíticas fundamentais que estruturam a compreensão crítica das relações entre saber, poder, território e natureza na América Latina. São

⁴⁴ Ventana sobre la utopia: Ella está en el horizonte —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.

conceitos que permitem desvelar as colonialidades operantes e os processos de resistência epistêmica e política.

Abya Yala: termo dos povos Guna (Kuna) que significa "terra em plenitude" ou "terra viva". Foi adotado politicamente pelas nações originárias para designar o continente americano, constituindo uma autodefinição que confronta a nomenclatura colonial e afirma uma posição geopolítica e epistêmica de resistência (Porto-Gonçalves, 2021).

Agroecologia latino-americana: corrente da agroecologia que articula conhecimentos agroecológicos com lutas por soberania alimentar, justiça social e autonomia camponesa, em diálogo com a Ecologia Política e com as cosmo percepções dos povos originários e afrodiaspóricos. Diferencia-se da agroecologia do Norte Global ao incorporar dimensões políticas, epistêmicas e territoriais na análise dos sistemas alimentares (Caporal; Costabeber, 2015).

Agroecologia: ciência, prática e movimento que integra princípios ecológicos e sociais na agricultura, promovendo sistemas alimentares sustentáveis baseados na diversidade biológica e cultural, na economia solidária e na justiça social. Diferente da agricultura convencional, valoriza os saberes tradicionais e a autonomia das comunidades camponesas (Caporal; Costabeber, 2015).

Amefricanidade: conceito político-cultural que interpreta a experiência histórica e a formação social da América Latina a partir do protagonismo de negros e indígenas. Evidencia que a resistência e a identidade da região são forjadas na intersecção dessas trajetórias (Gonzalez, 1988).

Antropoceno: proposta de época geológica caracterizada pelo impacto humano sem precedentes sobre os sistemas biofísicos da Terra. O conceito é criticado por sugerir uma responsabilidade genérica da "humanidade", ocultando as desigualdades históricas de poder e consumo, conforme argumenta Moore (Moore, 2016).

Apus: divindades ou espíritos protetores das montanhas na cosmologia andina. Considerados seres-terra com agência política e espiritual, os apus são entidades que estabelecem relações de reciprocidade com as comunidades humanas, protegendo territórios, fontes de água e a integridade da paisagem. Sua presença

evidencia a ontologia relacional andina, onde montanhas são sujeitos com os quais se negocia e se convive (De La Cadena, 2024).

Autonomia alimentar: capacidade de um povo ou comunidade de decidir e gerir seus próprios sistemas alimentares, indo além da soberania para incluir a autodeterminação e o controle sobre os meios de produção, distribuição e consumo de alimentos. A autonomia alimentar é uma conquista política que envolve o acesso à terra, à água, às sementes e aos conhecimentos agroecológicos.

Bem comum: Refere-se ao retorno e à defesa dos bens que pertencem a todos — como a água, as sementes, montanhas, florestas —, destacando o vínculo relacional, comunitário que povos e comunidades estabelecem historicamente com seu território. Intimamente ligado aos direitos da natureza, o conceito propõe a gestão coletiva, a soberania territorial e a desmercantilização da vida para garantir a sua reprodução. (Acosta, 2016)

Bem Viver (Buen Vivir): alternativa societária fundamentada em cosmopercepções andinas (como o Sumak Kawsay e o Suma Qamaña), mas que não se limita ao mundo andino, estando presente em diferentes culturas como o Nhandereko dos Guaranis e o Ubuntu de povos Bantu. Propõe uma ética de vida baseada na harmonia entre seres humanos e natureza, rompendo com a lógica do progresso linear e do desenvolvimento extrativista, e afirmando um biocentrismo ancestral como base para a superação do capitalismo (Acosta, 2016; Friggeri, 2022a).

Biocentrismo ancestral: perspectiva ético-ontológica que coloca a vida em seu sentido amplo — humana, vegetal, animal, espiritual — como centro das decisões e práticas sociais. Diferencia-se do biocentrismo ocidental ao incorporar relações de parentesco, reciprocidade e espiritualidade entre humanos e não-humanos, fundamentando cosmopercepções indígenas e afrodiaspóricas que recusam a separação entre natureza e cultura (Friggeri, 2022a, 2022b, 2022c).

Biocolonialidade: desdobramento da colonialidade do poder que se manifesta na apropriação, patenteamento e mercantilização de recursos biológicos e saberes tradicionais, subordinando a biodiversidade à lógica do capital global (Cajigas-Rotundo, 2007).

Biocultural: perspectiva que reconhece o vínculo intrínseco entre a diversidade biológica e a diversidade cultural. Enfatiza que a conservação dos ecossistemas é indissociável da manutenção dos modos de vida e saberes das comunidades tradicionais (Hernández Vidal; Gutiérrez Escobar, 2019).

Biodiversidade: variedade de vida na Terra em todos os seus níveis – genes, espécies, ecossistemas. Para além de sua dimensão biológica, é compreendida como patrimônio da humanidade e base material da soberania alimentar. A perda da biodiversidade é denunciada como uma das principais violências do modelo agroindustrial, que substitui a diversidade por monoculturas e patentes (Shiva, 2003; Fao, 2019).

Capac Ñan (Qhapaq Ñan): rede viária ancestral dos Andes que interconecta o território do Tawantinsuyu. Além de infraestrutura física, opera como um eixo de integração política, social e espiritual de saberes territorializados, sendo um conceito apropriado também no mundo contemporâneo (García Hurtado; Roca Palacio, 2007).

Capitaloceno: crítica ao conceito de Antropoceno que localiza a crise ecológica não na espécie humana em abstrato, mas na dinâmica de acumulação infundável do sistema capitalista e sua exploração histórica da natureza (Moore, 2016).

Chaski: agente fundamental do sistema de comunicação incaico; mensageiro que percorria os caminhos ancestrais garantindo o fluxo de informações e bens, simbolizando a integração comunicativa e territorial baseada na reciprocidade andina (García Hurtado e Roca Palacio (2007), Saraiva, Diário De Campo, 2023-2025).

Colonialidade: padrão de poder global que persiste após o fim do colonialismo formal, estruturando relações sociais, econômicas, políticas e epistêmicas baseadas em hierarquias raciais que classificam populações e seus conhecimentos. A colonialidade opera nas dimensões do poder, do saber e do ser, subalternizando cosmologias e modos de vida não-ocidentais (Quijano, 2005).

Colonialismo alimentar: categoria analítica que designa a imposição de padrões alimentares, sistemas produtivos e cadeias de abastecimento orientados pelos

interesses do mercado global em detrimento das culturas alimentares locais. Manifesta-se na substituição de dietas tradicionais por ultraprocessados, na dependência de insumos externos e na desestruturação de sistemas agroalimentares autônomos, configurando uma forma de subjugação que opera tanto no campo material quanto simbólico (Azevedo, 2023).

Colonialismo químico: exercício de poder contemporâneo que utiliza a exportação e o uso intensivo de substâncias tóxicas (como agrotóxicos proibidos em seus países de origem) para subjugar territórios periféricos e impactar a saúde coletiva (Bombardi, 2023).

Confluência: conceito que expressa o encontro de diferentes fluxos de saberes, povos e tradições sem anular suas diferenças. Diferente da síntese ou da fusão, a confluência mantém a potência de cada elemento enquanto os põe em relação, gerando movimentos compartilhados de transformação (Bispo dos Santos, 2023).

Contracolonial: pensamento e prática que não apenas se opõe ao colonialismo, mas afirma modos de existência e epistemes próprias que nunca foram totalmente capturadas pela lógica colonial, promovendo o "encantamento" do mundo (Bispo dos Santos, 2023).

Corpo-território (Cuerpo-territorio): matriz conceitual do feminismo comunitário que entende o corpo como o primeiro território de defesa. Postula que as agressões extrativistas contra a terra são indissociáveis das violências sofridas pelos corpos femininos e coletivos. A memória demarca o corpo, e a luta pela terra é também a luta pela integridade do corpo individual e coletivo (Cabnal, 2010; Benites, 2023; Anmiga, 2025a, 2025b).

Cosmopercepção: noção que expande o conceito de "visão de mundo" para incluir outras formas de sentir e perceber a existência. Questiona a hegemonia visual e racionalista ocidental, valorizando categorias de gênero e conhecimento africanas e indígenas (Oyěwùmí, 2021).

Cosmopolítica: campo de articulação onde as decisões políticas não se limitam aos humanos, mas incluem a participação de "seres-terra" (montanhas, águas,

divindades). Propõe uma esfera pública que reconhece a existência de múltiplos mundos e a agência política de entidades não-humanas (De La Cadena, 2015).

Decolonial: designa o conjunto de teorias, práticas e movimentos que buscam dismantlar a colonialidade (poder, saber e ser) em suas múltiplas dimensões, propondo a desobediência epistêmica e a construção de alternativas societárias. Distingue-se do "pós-colonial" por sua ênfase na continuidade das estruturas coloniais na modernidade e na necessidade de uma ação ativa de descolonização (Quijano, 2005).

Direitos da Natureza: Conceito jurídico e político que reconhece a natureza como sujeito de direitos. Conectada ao Novo Constitucionalismo Latino-Americano, essa perspectiva possui uma força transnacional e simbólica profunda, desafiando as fronteiras nacionais e a fragilidade do direito ambiental tradicional ao defender a Terra frente aos impactos de corporações globais (Alimonda; Toro Pérez; Martín, 2017).

Ecofeminismo: movimento e teoria que identifica raízes comuns na dominação das mulheres e na exploração da natureza, denunciando como o sistema patriarcal-capitalista desvaloriza a vida em prol do acúmulo. O ecofeminismo latino-americano, em particular, dialoga com o feminismo comunitário indígena e com as lutas das mulheres camponesas por soberania alimentar (Mies; Shiva, 2021).

Ecologia política: campo teórico que analisa as relações de poder e os conflitos socioambientais, enfatizando a distribuição desigual dos custos e benefícios do desenvolvimento, com foco nas lutas dos povos do Sul Global e em alternativas ao modelo extrativista (Escobar, 2007; Alimonda, 2017).

Educação Popular: Método e filosofia pedagógica que entende a educação como um ato político e uma prática de liberdade. Baseada no diálogo, na problematização da realidade e na leitura crítica do mundo, ela recusa a "educação bancária" (mera transferência de conhecimento) para transformar os sujeitos em agentes de sua própria emancipação, unindo teoria e prática na transformação social (Freire, 1992).

Educação Própria: Abordagem pedagógica e política construída a partir da cosmovisão de povos originários, comunidades camponesas e tradicionais para resgatar sua autonomia e identidade. Inspirada no pensamento crítico e na pesquisa-ação participativa, ela rompe com a imposição eurocêntrica do ensino oficial ao centrar o aprendizado nos saberes locais, na história oral, na relação com o território e na defesa dos modos de vida comunitários (Fals Borda, 2009).

Encruzilhada: categoria epistêmica e política que concebe o cruzamento de caminhos como lugar de potência, disputa e criação. Na filosofia das macumbas e dos saberes afrodiaspóricos, a encruzilhada é o ponto onde diferentes forças se encontram sem se fundir, gerando movimento, transformação e abertura para o imprevisível. Contrapõe-se à linearidade colonial, afirmando a complexidade e a multiplicidade das culturas afro-indígenas (Rufino, 2019).

Envolvimento: noção que contrapõe a lógica de "desenvolvimento" – que des-envolve, des-troca, des-encanta –, propondo uma ética de implicação e pertencimento que fortalece vínculos entre seres humanos e não-humanos, tecendo comunidade com o território e seus ciclos de vida (Bispo, 2023).

Epistemicídio: a negação, silenciamento ou destruição de sistemas de conhecimento produzidos por povos colonizados ou subalternizados, visando a hegemonia de um único saber dito universal. O conceito denuncia como o racismo epistêmico opera na deslegitimação de saberes africanos, afrodiaspóricos e indígenas, sendo parte estruturante do projeto colonial (Carneiro, 2005).

Epistêmico-político: conceito que destaca que todo conhecimento é situado em uma teia de relações de poder. A produção de saber é entendida como uma prática política de disputa por sentidos e mundos, especialmente no contexto das lutas dos povos originários de Abya Yala contra a colonialidade do saber (Friggeri, 2022b).

Esperançar: Conceito que define a esperança como uma ação coletiva e permanente de transformação. Sob a perspectiva da pedagogia crítica, esperarçar exige o ato de levantar-se, construir com o outro, resistir e desconstruir as estruturas de opressão, unindo o sonho da emancipação social à prática. (Freire, 1992).

Etnobiodiversidade: conceito que enfatiza a relação indissociável entre a diversidade biológica e a diversidade cultural, reconhecendo que os conhecimentos, práticas e inovações das comunidades tradicionais são fundamentais para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Diferencia-se da abordagem puramente ecológica ao incluir as dimensões sociais, culturais e políticas da agrobiodiversidade.(Instituto Socioambiental, 2022).

Faloceno: categoria crítica que aponta o patriarcado e a masculinidade tóxica como vetores centrais da crise ambiental, sugerindo que a pulsão de domínio sobre a natureza é um reflexo das hierarquias de gênero. O conceito complementa o Capitaloceno ao evidenciar que a lógica de exploração da natureza é indissociável de uma estrutura de poder masculina e violenta (La Danta Las Canta, 2017;Shiva, 2016).

Futuro ancestral: perspectiva que rompe com a ideia de progresso futuro como algo desconectado do passado, Krenak afirma que para ele não existe futuro sem ancestralidade, além de questionar a perspectiva de futuro como uma ideia do Ocidente. Propõe que as respostas para a sobrevivência da terra residem na atualização e continuidade dos saberes de quem já sobreviveu a outros "fins de mundo" (Krenak, 2022).

Guardião/Guardiã de sementes: pessoa ou comunidade que preserva, cultiva, multiplica e compartilha sementes nativas e crioulas, atuando como detentora e transmissora de conhecimentos agroecológicos e defensora da soberania alimentar. Os guardiões são sujeitos políticos centrais nas redes de sementes de Abya Yala, protagonistas da resistência contra o monopólio biotecnológico e a privatização das sementes.

Interespécie: processo de colaboração e dependência mútua entre diferentes organismos. Nas "margens indomáveis" do capitalismo, demonstra que a vida persiste através de alianças inesperadas e da capacidade de criar mundos em comum para além da lógica da mercantilização (Tsing, 2015; Haraway, 2015).

Investigação-ação participativa (IAP): abordagem metodológica que integra pesquisa, ação e participação, buscando a transformação social a partir do envolvimento direto dos sujeitos pesquisados na construção do conhecimento.

Fundamenta-se no sentipensar e na horizontalidade entre pesquisador e comunidade, sendo uma metodologia comprometida com as lutas dos povos oprimidos (Fals Borda, 2009).

Justiça socioambiental: conceito que articula justiça social e ambiental, denunciando a distribuição desigual dos riscos e impactos ambientais, que afetam desproporcionalmente populações vulneráveis, racializadas e empobrecidas. A justiça socioambiental exige o reconhecimento dos direitos territoriais, o acesso equitativo aos recursos naturais e a participação das comunidades afetadas nas decisões sobre seus territórios (Bullard, 2000)

Milpa: sistema agrícola milenar da Mesoamérica baseado no policultivo (milho, feijão e abóbora). Mais que uma técnica produtiva, é uma "comunidade de plantas" que garante a segurança alimentar, a saúde do solo e a reprodução da vida comunitária e ritual (Dominguez; Freilij; Lia, 2024)

Minga (ou Minka): tradição andina de trabalho comunitário e solidário para fins de utilidade social. Diferente do trabalho assalariado, fortalece os laços de reciprocidade e a soberania do território através do esforço coletivo (Acosta, 2016, 2024). García Hurtado e Roca Palacio (2007),

Multiespécie: perspectiva antropológica e ecológica que investiga como a existência humana está irremediavelmente entrelaçada com a vida de outros seres (fungos, plantas, animais, rios, montanhas). Enfatiza que nenhuma espécie sobrevive ou evolui sozinha, propondo uma etnografia atenta às ecologias de coexistência, às paisagens compartilhadas e às ruínas do capitalismo onde a vida insiste em florescer (Tsing, 2015; Tsing, 2019).

Mutirão: tecnologia social de mobilização coletiva e solidária. Representa uma forma de organização do trabalho que prioriza a reciprocidade e o apoio mútuo em detrimento da lógica salarial ou individualista, sendo prática enraizada nas periferias urbanas e nos territórios camponeses e indígenas (Dicionário da Periferia, 2019).

Muvuca: estratégia agroecológica de restauração florestal que utiliza uma mistura densa de sementes nativas e adubação verde. Simboliza a força da diversidade

biológica e do trabalho coletivo na regeneração da vida (Rede Sementes do Xingu, 2022; Redário, 2025).

Nhandereko: conceito Guarani que traduz o "nosso modo de ser" ou "nossa cultura". Refere-se ao equilíbrio entre o mundo social e o espiritual, sendo a expressão Guarani do Bem Viver em harmonia com a terra e os ancestrais. É vivenciado como prática cotidiana que orienta as relações de parentesco, o cuidado com o território e a espiritualidade, fundamentando um biocentrismo ancestral que recusa a separação entre natureza e cultura (Acosta, 2016; Friggeri, 2022a).

Novo Constitucionalismo Latino-Americano: movimento político-jurídico que emerge nas constituições do Equador (2008) e da Bolívia (2009), incorporando princípios do Bem Viver, direitos da natureza e plurinacionalidade. Representa uma ruptura com o constitucionalismo liberal ao reconhecer cosmopercepções indígenas, a agência política dos seres não-humanos e a necessidade de um novo pacto social baseado na harmonia com a natureza (Friggeri, 2022a; Acosta, 2016).

Pachakutik (Pachakuti): noção andina de transmutação ou "viravolta do mundo". Designa momentos de profunda mudança cíclica onde o tempo-espço se renova, frequentemente associada à descolonização e ao retorno ao equilíbrio (Rivera Cusicanqui, 2010).

Peabiru: estrada ancestral com caminhos que conectavam o Atlântico ao Pacífico. Representa a sofisticação da engenharia e da integração territorial dos povos indígenas da América do Sul pré-invasão, mas também representa uma retomada de intercâmbios para além das fronteiras dos Estados Nação (Sacagni, 2021).

Pindorama: nome ancestral dado pelos povos Tupi ao território hoje conhecido como Brasil, significando "Terra das Palmeiras". O termo evoca uma geografia sagrada e política anterior à invasão colonial, sendo reivindicado por movimentos indígenas contemporâneos como expressão de pertencimento e resistência territorial (Betto, 2022; Anmiga, 2025a).

Pluriverso: conceito que propõe a transição de um modelo de "universo único" (imposto pela modernidade ocidental e pelo desenvolvimento) para um mundo onde muitos mundos cabem. Afirma a coexistência de múltiplas ontologias,

cosmopercepções e projetos de sociedade em contraposição ao projeto hegemônico de globalização neoliberal. O Pluriverso não é uma utopia abstrata, mas uma realidade que emerge das lutas territoriais e das alternativas sistêmicas ao desenvolvimento (Escobar, 2014; Solón, 2017).

Racismo ambiental: exposição desproporcional de comunidades racializadas, pobres e marginalizadas aos danos ambientais e à escassez de recursos, resultante de políticas públicas e práticas corporativas discriminatórias (Bullard, 2000).

Reflorestar: mais que o plantio de árvores, é o ato político e espiritual de regenerar ecossistemas e imaginários, devolvendo ao território sua capacidade de sustentar a vida em sua plenitude. Prática central na luta das mulheres indígenas, que articula a recuperação da biodiversidade à cura dos corpos-territórios (Betto, 2022; Anmiga, 2025).

Saramama: "Mãe Milho". Entidade sagrada das cosmologias andinas que personifica a força vital das sementes, simbolizando a agricultura como um ato de cuidado, espiritualidade e manutenção da abundância coletiva (Pardo Castillo, 2017).

Semente: estrutura reprodutiva das plantas, formada após a fecundação do óvulo, contendo o embrião e nutrientes para sua germinação inicial. No contexto das lutas camponesas e indígenas, é compreendida como bem comum, patrimônio biocultural e núcleo da soberania alimentar, carregando saberes ancestrais e o potencial de resistência contra os monopólios biotecnológicos (Shiva, 2003).

Sentipensar: prática epistêmica que recusa a separação moderna entre razão e emoção. Significa pensar com o coração e sentir com a mente, valorizando a experiência vivida como fonte de conhecimento legítimo (Fals Borda, 2009)

Seres-terra (Earth Beings): entidades da natureza (como montanhas e lagos) que, em certas cosmologias, possuem personalidade, vontade e agência política. Sua presença desafia a distinção ocidental entre "natureza" e "cultura" (De La Cadena, 2015).

Soberania alimentar: paradigma que defende o direito dos povos de decidirem suas próprias políticas agrícolas e alimentares, garantindo o acesso a alimentos saudáveis, culturalmente adequados e produzidos de forma sustentável.

Contrapõe-se ao conceito de segurança alimentar neoliberal, pois desloca o centro das decisões do mercado global para as comunidades locais e seus territórios (Nyéléni, 2007; Shiva, 2016).

Sociobiodiversidade: a interdependência entre a diversidade biológica e a diversidade sociocultural, reconhecendo que a conservação da natureza é indissociável das práticas e conhecimentos das comunidades que a habitam. O conceito evidencia que as paisagens biodiversas são, em grande medida, resultado de práticas de manejo e gestão de populações tradicionais (Instituto Socioambiental, 2022; Urzedo et al., 2020).

Sumak Kawsay: expressão Kichwa para o Bem Viver. Define uma vida em plenitude que só é possível na comunidade, respeitando os ciclos da natureza e rejeitando o acúmulo material. Não se traduz como "desenvolvimento", mas como uma ética de harmonia, reciprocidade e abundância compartilhada (Acosta, 2016).

Tawantinsuyu: organização territorial e política do império Inca, dividida em quatro regiões (suyus). Representa um modelo de integração continental baseado na gestão coletiva de recursos e na conexão de ecossistemas. (García Hurtado; Roca Palacio, 2007)

Tecnologia ancestral: conhecimentos, técnicas e práticas desenvolvidas pelos povos originários e afrodiaspóricos ao longo de milênios de relação com os territórios. Diferem da tecnologia moderna colonial por estarem integradas aos ciclos naturais, às cosmopercepções locais e às práticas de encantamento do mundo, não visando o controle ou a extração, mas a regeneração da vida e a continuidade dos vínculos comunitários (Bispo, 2023; Krenak, 2022).

2. CONCEITOS SEMENTE: CRIAÇÕES DA PESQUISA

Esta seção reúne conceitos forjados ao longo da investigação-ação participativa, nascidos da escuta atenta das redes de sementes e das guardiãs e guardiões de Abya Yala. São criações que bebem de fontes ancestrais, mas que

ganham contornos próprios a partir do diálogo entre teoria e prática, entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais.

Muvuca metodológica: abordagem metodológica inspirada na estratégia agroecológica da muvuca (mistura densa de sementes nativas), que propõe uma pesquisa-ação participativa baseada na diversidade de saberes, na confluência de vozes e na regeneração dos territórios. Assim como na muvuca agroecológica as sementes são lançadas juntas para florescer em conjunto, na muvuca metodológica os diferentes conhecimentos – acadêmicos, indígenas, camponeses, afrodiaspóricos – são mobilizados em coexistência para a co-criação de mundos possíveis. A muvuca metodológica recusa a hierarquia entre saberes e propõe uma ecologia de conhecimentos onde cada semente - cada voz - contribui para a regeneração da vida (Saraiva, Diário De Campo, 2023-2025). ISA, Redario

Planta-mãe: espécime vegetal que, por sua maturidade, vigor e adaptação ao território, serve como matriz para a coleta de sementes ou estacas, garantindo a salvaguarda genética e a memória biológica de um ecossistema. O conceito emerge da escuta das guardiãs e guardiões de sementes durante a pesquisa de campo e dialoga com a noção de que as plantas são parentes e mestras, portadoras de uma sabedoria que sustenta a teia da vida (Saraiva, Diário de campo, 2023-2025).
selvagem ciclo sandra benites, vandana shiva

Redes de sementes de Abya Yala: coletivos, organizações e movimentos sociais que atuam na conservação, multiplicação e troca de sementes nativas e crioulas, fortalecendo a autonomia alimentar e a agroecologia em Abya Yala. São espaços de articulação política, troca de saberes, resistência territorial e construção de alternativas ao agronegócio e ao monopólio biotecnológico. As redes de sementes são expressão da soberania alimentar e do Bem Viver, constituindo-se como territórios relacionais onde se tecem alianças entre humanos e não-humanos.

Sementes do Bem Viver: conceito forjado na pesquisa de campo para designar as sementes que, mais que recurso genético, são portadoras de um projeto societário. Carregam em si a memória ancestral, a soberania territorial e a promessa de um futuro enraizado na reciprocidade entre humanos e natureza. Emergem da escuta

das redes de guardiãs e guardiões de Abya Yala, condensando as dimensões biológica, cultural, espiritual e política da agrobiodiversidade.

Tecnologia contracolonial: práticas e saberes técnicos que não apenas resistem à imposição tecnológica colonial, mas afirmam modos próprios de criar, construir e transformar a matéria a partir de cosmopercepções indígenas e afrodiaspóricas. Integram dimensões que o pensamento colonial insiste em separar – corpo e terra, saber e fazer, festa e política – constituindo-se como expressão da soberania epistêmica dos povos que guardam as sementes do Bem Viver (Bispo dos Santos, 2023).

3. NOMES DE SEMENTES EM ABYA YALA

Um convite para seguirmos descobrindo os nomes de sementes em Abya Yala. Cada nome carrega uma cosmopercepção, uma história de resistência, uma relação com o território. Esta cartografia, que dialoga diretamente com o Quadro 10 da pesquisa, é um gesto de reconhecimento da diversidade linguística e ontológica presente nas redes de sementes do continente. É também um convite à curiosidade e ao respeito: há muitos outros nomes a serem descobertos.

América do Sul

Ete'i (Semente Verdadeira): termo Guaraní Mbyá (Brasil) para designar as sementes tradicionais que não foram modificadas. Representa a semente que mantém o espírito da planta e a autonomia do povo

Fün: termo Mapudungun (Chile) para semente. Inscreve as sementes guardadas por famílias camponesas e pelo povo Mapuche na resistência direta contra leis de privatização e cercamento biológico

Mamayuyu (Mãe das Plantas): denominação Kichwa (Equador) para a semente, entendida como a entidade progenitora e matriz de cuidado da vida vegetal. Consagra a semente como mãe e princípio gerador da agrobiodiversidade

Muyu: noção Kichwa (Equador) que relaciona a semente ao círculo e ao retorno da vida, simbolizando o tempo cíclico e a renovação constante

Ruru: termo Quechua (Peru) para fruto e semente, representando o núcleo vital e o ciclo de vida essencial para a manutenção da abundância nos Andes.

Semillas Campesinas: denominação usada pela ANAMURI e movimentos territoriais chilenos para designar as sementes como patrimônio camponês e indígena, afirmando-as como base da resistência contra leis de privatização.

Semillas del Pueblo: designação das sementes crioulas na Venezuela como bens sob controle popular direto, projetando uma transição agroecológica sustentada pelas estruturas comunitárias das comunas

Semillas Libres: denominação da Red de Semillas Libres de Colombia (RSLC), que define as sementes como bens comuns e patrimônio biocultural, articulando redes regionais pelo direito de guardar, trocar e plantar.

Sementes da Fartura: termo utilizado no Piauí (Brasil) para nomear as sementes crioulas como expressão de abundância e generosidade da terra, vinculando-as à luta por segurança alimentar e autonomia camponesa (ASA, 2025).

Sementes da Independência: denominação usada no Maranhão (Brasil) para associar as sementes crioulas à autonomia territorial e à libertação das comunidades frente à dependência de insumos externos (ASA, 2025).

Sementes da Paixão: denominação utilizada no Semiárido brasileiro (Paraíba) para ressaltar a dimensão afetiva, cultural e o cuidado amoroso envolvido na salvaguarda das sementes crioulas (ASA, 2025).

Sementes da Partilha: expressão utilizada em Pernambuco (Brasil) para definir a semente como um bem comum que deve circular e ser trocado, opondo-se à lógica da propriedade privada (ASA, 2025).

Sementes da Resistência: termo utilizado em Alagoas (Brasil) para nomear as sementes crioulas como expressão da resistência camponesa frente ao avanço do agronegócio e à grilagem de terras (ASA, 2025).

Sementes da Vida: denominação usada no Ceará (Brasil) para associar as sementes crioulas à perpetuação da vida em sentido amplo – biológica, cultural e espiritual (ASA, 2025).

Yell: termo do povo Misak (Colômbia) para semente. Designa as sementes nativas e crioulas como patrimônio biocultural e elemento central da identidade coletiva do povo Misak.

Mesoamérica e México

Ija': termo Maya K'iche' (Guatemala) que designa a semente como um elemento ancestral vinculado à dignidade coletiva e à identidade do povo

Semillas de Identidad / de Dignidad: termos usados na Guatemala e Mesoamérica pela campanha "Semillas de Identidad" (MAELA) para reforçar a dignidade coletiva e as identidades comunitárias como barreiras contra a perda de biodiversidade.

Xinachtli: termo Náhuatl (México) para semente. Aparece na Campanha Sin Maíz No Hay País, posicionando os milhos nativos como o fundamento cultural, cosmológico e espiritual da identidade camponesa e indígena, defendendo a autossuficiência alimentar.

América do Norte

Heirloom Seeds (Sementes de Herança): termo utilizado no Norte Global para variedades tradicionais de polinização aberta, passadas por gerações. Representam a herança genética e cultural fora do controle das grandes corporações biotecnológicas.

Seeds of Diversity: termo utilizado no Canadá para designar variedades de sementes adaptadas regionalmente. Organizações como Seeds of Diversity e SeedChange conservam essas variedades através de bibliotecas de sementes, afirmando-as como bens culturais em oposição ao monopólio biotecnológico

